



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS –  
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**ROBERT THOMAS GEORG WÜRMLI**

**O OUTRO ESTRANGEIRO: ENCONTROS CULTURAIS NA AMÉRICA**

**CASCAVEL – PR  
2015**

ROBERT THOMAS GEORG WÜRMLI

**O OUTRO ESTRANGEIRO: ENCONTROS CULTURAIS NA AMÉRICA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE –, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados.

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck  
Coorientador: Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz

CASCADEL – PR  
2015

ROBERT THOMAS GEORG WÜRMLI

## **O OUTRO ESTRANGEIRO: ENCONTROS CULTURAIS NA AMÉRICA**

Essa Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita das Graças Felix Fortes  
UNIOESTE  
Membro Efetivo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maira Angélica Pandolfi  
UNESP/Assis  
Membro Efetivo

---

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck  
UNIOESTE  
Orientador

---

Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz  
UNIOESTE  
Coorientador

Cascavel, março de 2015.

Dedico esta dissertação àqueles que a meu lado estiveram durante esse tempo de pesquisa. Dedico-a, também, a mim, pelo fato de tê-la completado e suportado. Dedico, finalmente, a pesquisa àqueles que compreenderam a importância de compreendermo-nos, em nossas pluralidades.

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Chico, que constantemente me auxiliou em todas as minhas pesquisas, em todas as minhas intenções de pesquisas, em todos os momentos nos quais precisei de conselhos acadêmicos, que constantemente demonstrou sua amizade. Esta pesquisa, também, é fruto de toda a sua dedicação para comigo ao longo desses anos todos em que pudemos conhecer e compreender um ao outro de forma maior.

Ao Professor Dr. Antonio Donizeti da Cruz, que, gentilmente, aceitou o encargo da orientação dessa pesquisa durante seu procedimento de realização. Suas contribuições e apoio auxiliaram a pesquisa a ser efetuada plenamente.

Aos meus amigos, por me terem aguentado durante esse tempo. Graças a vocês, pude concluir o mestrado. Graças a vocês, não fiquei “louco” durante o processo. Graças a vocês, o desespero, a angústia e o vazio, comuns à existência contemporânea, são diminuídos e tornados quase irrelevantes.

À minha família, que fez tudo isso ser possível, uma vez que sempre se mostrou o refúgio para o qual pude ir quando necessitei. À minha mãe, por ser quem ela é, por ter absolutamente sempre estado ao meu lado, e à minha irmã, meus únicos elos familiares e, portanto, meus vínculos com o passado.

Agradecimentos especiais à CAPES, pelo apoio com a bolsa e pelo subsídio financeiro fornecido ao longo da pesquisa. Dificilmente poderia ter lidado com o mestrado e sua imensa rapidez se não fosse o auxílio recebido. A minha biblioteca agradece também, uma vez que a bolsa possibilitou a compra de inúmeras obras importantes à dissertação.

A mim mesmo, afinal, sou também parte produtora da dissertação.

Finalmente, ao caos, à pluralidade, à causalidade e à falta de sentido das coisas. O mundo torna-se mais bonito e, paradoxalmente, compreensível devido à falta de sentido dele.

*The sun, the light in your eyes,  
trapped me in a cage.  
When you saw me you saw yourself.  
We were the ones that marched and fell.*  
Cult of Luna

*We are moments, men, and places.  
We are planets, monuments to stars.*

*Monuments to aid souls  
They are the watchmen,  
we are just men.*  
Rosetta

WÜRMLI, Robert Thomas Georg. **O Outro estrangeiro: encontros culturais na América.** 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.  
Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

**RESUMO:** Na contemporaneidade, as relações interpessoais vêm, gradativamente, ocorrendo de forma mais corriqueira, originando crises identitárias, deslocamentos e fragmentações nos seres humanos. Esses, por sua vez, fazem parte de uma cadeia de reações que associa preceitos históricos à vivência cotidiana, ao mesmo tempo em que refletem sobre a globalização e o que a intensa maquinização e virtualização provocaram no indivíduo. O encontro entre seres social, religiosa, linguística, étnica e historicamente distintos provoca rupturas e grandes esquemas de reconhecimento da existência de humanos que outrora eram considerados inexistentes ou eram rechaçados pelas diferenças. Nesse sentido, pesquisas acerca da outremização ganharam fôlego na contemporaneidade e tornaram-se pauta, também, para os estudos literários, pelo fato de lidarem com o choque entre sistemas ideológicos. Para a América, tal tipo de temática mostra-se pertinente a partir do momento em que se avalia que o continente, como um todo, desde o período colonial, lida com batalhas, aproximações e distanciamentos entre sujeitos. O reconhecimento da existência do Outro se faz relevante na América, uma vez que é a partir dele que é possível discutir-se noções de aceitação. A intensa hibridez e miscigenação, cultural e étnica, aliadas aos percursos existentes de migração, imigração e emigração, auxiliam as sociedades aqui constituídas a serem espaços propícios à investigação sobre as representações do Outro e da alteridade. Entender quem o outrem é e no que ele pode ajudar na integração do continente, em larga escala, e das comunidades, em menor grau, é facilitar o processo de entendimento do passado histórico de maneira a promover interações sadias e críticas entre pessoas hoje em dia. Nesse sentido, a figura escolhida como eixo principal dessa pesquisa para o estudo da outremização é a do estrangeiro, que, por definição, pressupõe alguém à parte, um pária. Três contos foram escolhidos para que se perceba se há alteridade em relação ao outro: “*The foreigner*”, do estadunidense Francis Steegmuller (1935); “O cavalo que bebia cerveja”, do brasileiro Guimarães Rosa (1962); e “*El extranjero*”, da argentina María Rosa Lojo (2001). A partir dos preceitos da literatura comparada, aliados às contribuições de estudiosos como Simmel (1971), Lévinas (1980), Todorov (1983) e Kristeva (1994), entre outros, discutimos como a América reflete, nas suas literaturas, seus encontros culturais entre alóctones e nativos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alteridade; literatura comparada; o estrangeiro; Guimarães Rosa; María Rosa Lojo; Francis Steegmuller.

WÜRMLI, Robert Thomas Georg. **El Otro extranjero**: encuentros culturales en la América. 2015. 153 f. Tesis (Máster en Letras) – Universidad Estadual del Oeste del Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

Director: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

**RESUMEN:** En la contemporaneidad, las relaciones interpersonales vienen ocurriendo de forma más ordinaria, originando crisis de identidad, dislocamientos y fragmentaciones en los seres humanos. Esos, por su vez, hacen parte de una cadena de reacciones que inscribe preceptos históricos a la vivencia cotidiana, mientras reflejan sobre la globalización y lo que la intensa maquinización y virtualización del hombre han provocado en el individuo. El encuentro entre seres social, religiosa, lingüística, étnica e históricamente distintos provoca rupturas y grandes esquemas de reconocimiento de la existencia de seres que una vez fueron considerados inexistentes o fueron rechazados por las diferencias. De esa forma, los estudios acerca de la alteridad ganaron aliento en la contemporaneidad y se convierten en pauta, también para los estudios literarios, porque reflejan con el choque entre sistemas ideológicos. Para la América, tal tipo de temática se muestra pertinente a partir del momento en que se evalúa que el continente, como un todo, desde el período colonial, lidia con embates, aproximaciones y distanciamientos entre sujetos. El reconocimiento de la existencia del Otro se hace relevante en América, una vez que es a partir de ello que es posible discutir nociones de aceptación. La intensa hibridación y el mestizaje, cultural y poblacional, aliados a los procesos aún existentes de migración, inmigración y emigración, ayudan para que las sociedades aquí construidas sean espacios propicios al estudio de la representación del Otro y de la alteridad. Comprender quién es el otro y en qué él puede ayudar en la integración del continente, en gran escala, y en las propias comunidades, en menor grado, es facilitar el proceso de entendimiento del pasado histórico, de modo a promover interacciones saludables y críticas entre personas en la actualidad. En este sentido, la figura seleccionada como el eje principal de esta investigación para estudiar la alteridad es la del extranjero, que, por definición, presupone alguien aparte, marginado. Tres cuentos fueron seleccionados para que se perciba si existe alteridad en relación al otro: “*The Foreigner*”, del estadounidense Francis Steegmuller (1935); “*O cavalo que bebia cerveja*”, del brasileño Guimarães Rosa (1962); y “*El extranjero*”, de la argentina María Rosa Lojo (2001). A partir de los preceptos de la literatura comparada, aliados a las contribuciones de estudiosos como los de Simmel (1971), Lévinas (1980), Todorov (1983) y Kristeva (1994), entre otros, discutimos como el continente refleja, en la literatura, sus encuentros culturales entre extranjeros y nativos.

**PALABRAS CLAVE:** Alteridad; literatura comparada; el extranjero; Guimarães Rosa; María Rosa Lojo; Francis Steegmuller.

WÜRMLI, Robert Thomas Georg. **The stranger Other:** cultural encounters in America. 2015. 153 p. Graduate Dissertation (Masters in Literature) – State University of West Paraná – UNIOESTE, Cascavel.  
Tutor: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

**ABSTRACT:** In contemporary times, interpersonal relations have gradually happened in a more common manner, causing identity crises, displacement and fragmentation in human beings. These, in turn, are part of a chain of reactions that, in our times, combines historical precepts to daily life, while reflecting on what globalization and the intense mechanization and virtualization of men caused to the individual. The encounter between beings who are socially, religiously, linguistically, ethnically and historically different causes ruptures and grand schemes of recognition of the existence of beings that were once considered non-existent or were repelled by differences. In this sense, research of Otherness has gained strength in contemporaneity and has also become primordial to literary studies, once they deal with the clash between ideological systems. For America, this type of theme shows itself to be relevant from the moment it assesses the continent, as a whole, since the colonial period, deals with battles, similarities and differences between subjects. Recognition of the existence of the Other is punctual to America, once it is from this process that it can be discussed whether there are or not notions of acceptance. The intense hybridity and miscegenation, in a cultural way and also of the population, allied to the in progress processes of migration, immigration and emigration, assist societies here constructed to be proper spaces for the studies concerning representation of the Other and Otherness. Understanding who the other is and what it can do to help integrating the continent, in large scale, and the communities themselves, to a lesser extent, equals a facilitation of the process of understanding the historical past in order to foster healthy and critical interactions between people nowadays. In this sense, the figure chosen as the primary one for this research in the study of otherness is the foreigner, who, by definition, presupposes someone apart, an outcast. Three short stories were chosen so that otherness can be perceived in regards to the Other: "The foreigner" by American writer Francis Steegmuller (1935); "O cavalo que bebia cerveja [The horse that drank beer]," by Brazilian author Guimarães Rosa (1962), and; "El extranjero [The foreigner]", by Argentinean author María Rosa Lojo (2001). From the precepts of comparative literature, combined with contributions from scholars such as Simmel (1971), Lévinas (1980), Todorov (1983) and Kristeva (1994) among others, we discuss how the continent reflects, in literature, its cultural encounters between foreigners and natives.

**KEYWORDS:** Otherness; compared literature; the foreigner/stranger; Guimarães Rosa; María Rosa Lojo, Francis Steegmuller.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1 LITERATURA COMPARADA: ALTERIDADE E RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS NO OUTRO</b> .....	<b>22</b>
1.1 A ALTERIDADE E O OUTRO: CONCEITUAÇÃO TERMINOLÓGICA E IMPORTÂNCIA NA AMÉRICA .....	<b>37</b>
1.2 A AMÉRICA – CONTINENTE PROFÍCUO À DISCUSSÃO DO EMBATE ENTRE OUTROS ESTRANGEIROS .....	<b>51</b>
<b>2 ENCONTROS ENTRE ESTRANGEIROS: CONFIGURAÇÕES LITERÁRIAS NAS AMÉRICAS</b> .....	<b>68</b>
2.1 “ <i>MY AUTOMOBILE IS NOT FOR FOREIGNERS, I TELL YOU!</i> ”: FALTA DE ALTERIDADE E NÃO COMPREENSÃO DO OUTRO EM “ <i>THE FOREIGNER</i> ” (1935), DE FRANCIS STEEGMULLER.....	<b>75</b>
2.2 DO “ERA HOMEM ESTRANGEIRO” AO “CÁ EU PISCO”: ALTERIDADE E RECONHECIMENTO EM “O CAVALO QUE BEBIA CERVEJA” (1962), DE GUIMARÃES ROSA.....	<b>95</b>
2.3 “ <i>UN PERSONAJE MÁS EN LOS OJOS DEL EXTRANJERO</i> ”: O ESTRANGEIRO HISPÂNICO ATEMPORAL DE “EL EXTRANJERO” (2011), DE MARÍA ROSA LOJO .....	<b>121</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>143</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>149</b>

## INTRODUÇÃO

Ao longo dessa pesquisa, buscamos, em um primeiro momento, fazer um recorte acerca dos preceitos norteadores da literatura comparada, com vistas à apreensão e interpretação de seus pressupostos. A área da literatura comparada, hoje, não apenas busca por fontes e influências, como pôde ser visto até meados do século XX; ela é campo que instiga as diversas relações entre o texto literário e a sociedade, as outras formas de manifestação artística e, conseqüentemente, entre a literatura e o homem também.

Nesse sentido, já que a pesquisa tem como objetivo refletir, também, sobre a figura do Outro, transposta ao símbolo do estrangeiro no continente americano, a literatura comparada serve como força motriz a impulsionar os estudos comparativos feitos ao longo desta pesquisa. Graças à área, é possível mesclar diferentes saberes, amalgamá-los aos conhecimentos literários e produzir uma investigação que se volte à compreensão do outrem em solo americano. Nesse sentido, a pesquisa efetuada torna-se significativa para sua efetivação, com a literatura comparada como foco subjacente à construção do texto.

Com base nos princípios da literatura comparada e sua relação com o tema proposto – configurações do outro na literatura –, buscamos, em seguida, examinar como ocorre a alteridade em diferentes nichos linguísticos americanos. Para isso, optamos por lidar com três narrativas pertencentes aos idiomas principais da América: o espanhol, o inglês e o português. Nosso *corpus* é, pois, oriundo de realidades socioculturais, históricas e geográficas diversas dentro do espaço territorial delimitado. Consideramos que será possível delinear, minimamente, os processos culturais e as contingências sociais que provocam o encontro do Outro e que estejam plasmados na arte literária.

Procuramos analisar cada obra separadamente, com vistas à interpretação crítica literária, para, então, encontrar, nas conclusões desse texto, as marcas que reflitam as perspectivas de mundo e noções sociais presentes em cada narrativa. Examinamos, afinal, se a outremização ocorre de modo similar em terras tão marcadas pela pluralidade, se ela ocorre de modo a não haver preconceitos e resistência para com aquilo que é diferente e, também, se é possível discutir alteridade e consciência social, ancorados em suas diversas produções literárias.

É importante mencionar que existem inúmeros clichês e estereótipos acerca da receptividade dos indivíduos que habitam o continente, desde a suposta frieza e intolerância do ser oriundo dos Estados Unidos da América até a cordialidade demasiada reiterada no senso comum como pertencente ao brasileiro. De certo modo, a pesquisa também lida com tal temática, uma vez que, ao examinar como se dão as relações sociais e os encontros culturais representados na literatura, avaliamos também o meio social que circunda essas produções e auxilia em suas existências.

A propósito das relações implícitas e explícitas entre literatura e sociedade, um dos teóricos que possui renome na área, no Brasil, é Antonio Candido, que, em *Literatura e sociedade* (2000), delinea pontos marcantes para a compreensão de como a abordagem à literatura é, também, um de investigação sociológica e como é indissociável a relação entre meio social, obra e autor. Essa tríade, sempre móvel, constantemente circular, age de modo a criar o contexto necessário para a compreensão da obra externamente, mas também internamente, embora em menor escala. De todo modo, ao examinar os elos entre autor, público e obra, Candido faz menções úteis que servem à pesquisa e à exploração do *corpus* que escolhemos. Antes de avaliar as obras e alguns objetivos e limites estabelecidos para esta dissertação, cabe trazer as palavras do autor, quando menciona que:

[...] a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2000, p. 74).

Observamos como é registrada e enfatizada a noção de que a literatura é um sistema confluyente, no qual as obras convergem, mesclam-se, separam-se e divergem umas das outras para criar a perspectiva de sociedade nelas presente. É necessário enfatizar-se o conteúdo desse trecho, devido ao fato de que a pesquisa intencionada propõe-se a analisar três textos distintos, porém, representativos de uma cadeia cultural relativamente comum presente no território americano e, em maior escala, por fazerem parte de um elo na cadeia cultural do mundo.

Cada vivência social retratada nas narrativas dialoga, difere, conflui e modifica outras, tanto do país, quanto da América, bem como do mundo como um todo social. Não obstante, é relevante reiterar a voz de Candido quando menciona que as obras vivem devido ao fato de existir um público para vivenciá-las. Cria-se uma espécie de espiral, na qual público e obra (o autor entra como uma ligação entre ambos) retificam-se e recriam-se mutuamente de maneira constante, e talvez interminável, pelo motivo de dialogarem *ad infinitum*.

Há que se considerar que muitas das discussões literário-sociais no continente americano estão estreitamente vinculadas à pesquisa acerca da sociedade e das múltiplas relações que esse sistema determina. Em um chão tão calejado pelas marcas da memória e do passado, o envolvimento entre literatura e vida social deve ser contínuo, com o intuito de reiterar a inestimável importância da memória coletiva para toda a conjuntura da vivência social, bem como a necessidade que os cidadãos têm de avaliá-la criticamente.

Ao considerar-se a parte central e sul da América, é visível como elas ainda sofrem em decorrência das mazelas sociais, da pobreza, da falta de sistemas políticos adequados e de um passado colonialista que assombra grande parte dos países, se não todos, em diferentes proporções. Além disso, a parte norte, pensando-se estritamente aqui na questão dos Estados Unidos da América, também sofre com os resquícios de um passado, próximo, de batalha, discriminação e falta de compreensão acerca da importância do Outro na vida social.

Consideramos, pois, ser oportuna uma pesquisa literária que envolva as três marcas linguísticas principais da América, já que todas sofreram, e seguem sofrendo, com o que o passado revela e a multiplicidade de sentimentos que se mesclaram às construções identitárias do continente. A literatura, por sua vez, será o ponto de encontro entre os idiomas e os campos sociais, fomentando a discussão e a agregação de valores e consciências distintas à avaliação social. Pensamos, da mesma forma, que é chegado o momento de a crítica e a teoria literária já não rechaçarem determinadas produções apenas por um senso confuso de justiça e retificação. Por muito tempo, houve certa exclusão da América Latina e a academia optou por estudar apenas o cânone eurocêntrico, obviamente, dotado de uma visão estreita e bastante unilateral.

Com pesquisas culturais, pós-coloniais e desconstrucionistas, efetuadas principalmente no século XX, decorrentes das intensas crises em pressupostos canônicos vigentes à época, as sociedades que foram ignoradas pela crítica literária ganharam novo papel na construção da pesquisa acadêmica em geral. Embora esse tipo de atividade seja riquíssima e necessária, para edificar uma literatura que foi minimizada pelo cânone, vemos um efeito colateral difuso na academia atualmente: discute-se em demasia a necessidade de integração e diálogo, contudo, aparentam poucas as iniciativas que promovam a discussão e confluência entre obras dos contextos sociais oficializados pelo cânone com aquelas que buscam destaque social, como representativas de uma literatura nacional desvalorizada atualmente.

Em relação à nossa pesquisa, observou-se que o banco de Teses e Dissertações da CAPES, órgão centralizador da pesquisa acadêmica no Brasil, revela possuir apenas 8 textos acerca do estrangeiro em seus arquivos, com somente 5 relacionados à literatura e, mais além, nenhum que lide com o continente americano e o Outro estrangeiro, seja nos locais dados como periféricos pelo cânone literário, seja nos nichos tidos como clássicos literariamente. Desses, apenas a pesquisa “Figurações do estrangeiro em ‘Berkeley em Bellagio’ e ‘Lorde’, de João Gilberto Noll”, de Bruno da Costa e Silva, realizada na UFMG em 2011, e a dissertação “Hospitalidade e hostilidade no sertão: A relação do nativo com o estrangeiro em contos de Guimarães Rosa”, de Maria Fernandina da Silva Cruz Batista, concluída, também pela UFMG, em 2014, lidam abertamente com a figura do desvelar do forasteiro. Nas outras, o vocábulo é utilizado ampla e figurativamente, devido aos intuitos específicos das pesquisas em questão.

Ora, na América, nada aparenta ser tão pertinente quanto a tentativa de confluência entre os discursos estadunidense, hispano-americano e brasileiro. Enxergar os pontos em que essas literaturas confluem e dialogam uma com a outra – bem como os momentos em que é visível como as perspectivas de mundo podem ser distintas e dialetalmente opostas umas das outras – é trabalhar com a pluralidade e reconhecer a importância de todos na construção da coletividade que se almeja criar.

É nesse quesito que essa pesquisa objetiva se inserir: o ponto da confluência entre discursos distintos. Devemos trabalhar com as fontes primárias de nosso contexto, sejam elas quais forem, para que a atividade acadêmica ecoe na

sociedade de modo a permitir a convergência e a aceitação da pluralidade e da falta de univocidade presentes nos discursos comuns dos países pertencentes à América. Isso significa dizer que Estados Unidos, tido como força hegemônica e territorialista, Brasil, país em ascensão político-econômica, e países hispano-americanos em geral devem ter suas produções literárias analisadas em conjunto, com o intuito de encontrar onde e se há semelhanças e em que poderia haver alguma mudança, caso essa seja perceptível, de algum modo. Projetos como esse já foram efetuados, minimamente, em obras como *Do the Americas have a Common Literature?* (1990), em que uma série valiosa de ensaios foi produzida com vistas à apreensão do fenômeno literário nos espaços americanos, em busca de indícios que levassem à possibilidade de enxergarmos traços em comum nas produções poéticas do continente como um todo. Zamora (1990, p. 11), investigando as origens e usos da história na ficção latino e norte-americana, demonstra como

*[...] during the last quarter of the eighteenth century (and again, primarily in Germany), Herder, The Schlegels, and others developed influential theories which conceived of literature as the voice of a nation or culture, or even as a power which shaped it, and they promoted the comparative discussion of literature by epoch and ethnicity in these terms.<sup>1</sup>*

Observemos como, desde suas origens, a literatura, e, conseqüentemente, seus ensaios comparativos, lida com a sociedade e o meio pelo qual as relações intertextuais e sociais se dão. Zamora argumenta que há, de fato, semelhanças dentro da ficção americana como um todo, muito embora, em primeiro momento, essa aparente ser difusa e desconexa. Cabe mencionar, nesse caso, que essa é uma das tantas obras relevantes, por ter a finalidade de mostrar uma América coesa e em busca de suas similitudes a fim de afirmá-las, que, infelizmente, circula apenas em língua inglesa. Não há como negar que essa condição inviabiliza muita gente do acesso a seu conteúdo. A tradução, não apenas comercial, mas como uma possível via de reconhecimento e aceitação do outro, ainda não foi descoberta, ou não é explorada, devido a sejam quais forem as razões, pelas nações americanas. Carecemos, todavia, de ações dessa natureza.

---

<sup>1</sup> Nossa tradução: [...] durante o último quarto do século dezoito (e, novamente, primariamente na Alemanha), Herder, os Schlegels e outros desenvolveram teorias influentes que concebiam a literatura como a voz de uma nação ou cultura, ou mesmo como um poder que as moldava, e estes promoveram a discussão comparativa da literatura por período e etnia, nestes termos.

É, novamente, a literatura comparada a responsável por encontrar os princípios norteadores e as similitudes entre sociedades e obras que, *a priori*, possam parecer incomparáveis. Para Zamora, “*those who have never possessed a history [...] naturally prefer to recover the past before dismissing it as inadequate. [...] for an unexamined past operates as fate rather than revelation*”<sup>2</sup> (1990, p. 20), fator importante para a abordagem comparativista sobre a literatura das Américas, uma vez que é justamente a necessidade de assimilação crítica do passado uma das marcas que agrega e aproxima os países aqui constituídos. Seja na porção do norte, seja nos países dados como periféricos, o entendimento crítico do passado, por meio do texto literário, auxilia na compreensão da existência do Outro e no incremento à discussão sobre alteridade.

Notamos que as relações de outremização na literatura vêm sendo analisadas com fôlego maior nas últimas décadas, dada a necessidade aparente da crítica literária em revelar e compreender certos modelos principais que norteiam a produção artística contemporânea. Não obstante, essas pesquisas também vêm ao encontro da tendência em buscar as aproximações e distanciamentos entre indivíduos, no contexto literário. Tal tendência visa a se ater à questão sobre o que é “ser americano”, adentrando, por essa razão, em questões relacionadas à construção da identidade de um sujeito ou de um grupo de indivíduos.

Observamos como coexistente à sociedade empírica é também a literária<sup>3</sup>, por assim dizer, responsável pela mudança na forma de pensamento geral. A América Latina e a produção literária dessa encontraram no desconstrucionismo e nas investigações sobre a alteridade um foco valioso e primordial para esboços acadêmicos relacionados à compreensão dos povos e seres que construíram a *psique* social dos indivíduos que habitam esse território. Tais estudos ajudaram a moldar a ideologia do continente, bem como fundaram os parâmetros de como cada

<sup>2</sup> Nossa tradução: aqueles que nunca possuíram uma história [...] naturalmente preferem recuperar o passado antes de descartá-lo como inadequado. [...] pois, um passado não examinado funciona como destino, em vez de revelação.

<sup>3</sup> Aqui tida como como os grupos de discussão de literatos, em seus mais diversos âmbitos, e de importância ao menos tangencial nas mudanças que ocorreram, principalmente, na América Latina no último século. Sua criação estética, aliada ao seu engajamento político (quando esse existe), cria uma espécie de força motriz secundária, em que a voz desses autores e artistas é percebida mais claramente por meio do mundo ficcional criado por eles do que por suas ações na sociedade. Compreende-se que esse conceito é relativamente abstrato, e que há autores cujo engajamento político foi claro e forte, contudo, esse não é o caso de todos. Não obstante, a voz artística coletiva latino-americana, perceptível nas obras do período do *boom* e do *pós-boom* foi responsável pela formação de um universo indagador que afetou consciente e inconscientemente a sociedade do continente.

ser enxerga sua experiência de vida e como essa afeta o Outro, seja ele quem for. Esses preceitos são importantes no sentido de delinear, mesmo que apenas em certos aspectos, a forma como a literatura lê a sociedade que a circunda e como ela é lida por essa, retomando as observações efetuadas por Candido (2000).

Notamos que, aliado à tentativa de subversão do passado dado como certo pela história, à reconstrução/recriação de um passado tido como inconstante e à revisão dos cânones historicistas e literários, coube à América, por meio de seus escritores, aproximar-se da figura elusiva do Outro – constantemente ignorada pelas forças dominantes, via de regra, eurocêtricas, embebidas em um discurso segregacionista de origem burguesa e com preceitos da cultura judaico-cristã ocidental. Isso se deu uma vez que, após o *boom* literário latino-americano, houve um deslocamento incisivo do modo como a literatura era vista dentro e, principalmente, fora do continente. Não foi apenas necessário reconhecer esse Outro em sua forma abstrata, foi relevante também ao autor americano compreender quem foram os “dominantes”, quem eram os dominados e em que local o artista se encontrava; reconhecer o europeu, aceitar o múltiplo americano, observar as relações entre ambos; desmitificar uma noção que fora construída ao longo de séculos de dominação cultural, ideológica, religiosa e política.

A metodologia a ser empregada – e que demonstra ser o modo pelo qual é possível enxergar a riqueza da diferença, a pluralidade da confluência e a validade da mescla – é aquela pautada nos princípios que configuram os estudos comparados, a partir da pesquisa bibliográfica. Tal campo vem sendo constantemente renovado e redefinido e se configura como a área pela qual a dissertação pretende enveredar-se. O intuito é, também, realizar uma comparação entre as representações dos encontros culturais aqui existentes, representados na arte literária. Tendo em vista as intenções da pesquisa, notamos pertinente a área da literatura comparada como seu espaço de realização e enunciação.

Nosso espaço se mostra profícuo a tais pesquisas, uma vez que a hibridez étnica, a mescla cultural e ideológica e a necessidade de busca por uma identidade própria fizeram do povo do continente uma população apta e disposta a desvendar algumas das dúvidas relacionadas a como ocorrem as relações de acolhimento e repulsa àqueles tidos como diferentes. Concordamos com Mario Vargas Llosa (2006, p. 9), quando este pressupõe que a América, ao menos em sua porção latina,

não é construída a partir de uma identidade, devido ao fato de ela amalgamar todas elas em um ideal pluralizado. Essa hibridez e intensa pluriculturalidade impulsionam a discussão do encontro entre indivíduos no continente. Na literatura, isso também se torna perceptível.

A criticidade e a compreensão acerca do Outro passam a existir na *psique* social de forma intensa, focando-se, nas pesquisas acadêmicas, inicial e especificamente, em obras aqui produzidas ou que lidem com temáticas locais. Aos poucos, entretanto, volta a abrir os leques de percepção possíveis e as investigações relacionadas a outros âmbitos literários retornam à academia. As obras literárias, nesse sentido, permitem que inúmeras observações sejam feitas e auxiliam, também, na compreensão de eventos que tomam forma, mesmo em locais distintos geograficamente daqueles em que tais obras foram produzidas.

É nesse contexto que esta pesquisa se insere. A criação artística com a figura do forasteiro na literatura é profícua e pode ser de utilidade, tanto para a apreensão da conjuntura literária, que se vale dessa figura, quanto para a compreensão do mundo social, que permite a sua existência. O estrangeiro, como afirma Kristeva, em *Strangers to ourselves* (1991), desde a gênese de sua palavra, é concebido como um pária, tendo de se adaptar para ser aceito e bem visto dentro de um determinado grupo. Na mesma obra, a autora discute a noção do *ádvēna* nas sociedades, o que faz com que esta se torne útil à nossa pesquisa, principalmente, por questionar e explicitar: “*Who is a Foreigner? The one who does not belong to the group, who is not ‘one of them’, the other. The foreigner, as it has often been noted, can only be described in negative fashion*”<sup>4</sup> (1991, p. 95).

Ao pensarmos nas caracterizações propostas pela pesquisa, o que observamos é que, automaticamente, ao serem retratadas como párias, as personagens do *corpus* em questão também passam a ser vistas como párias, diferentes, perigosas. Isso é importante, pois demonstra como a escolha da perspectiva pela qual uma personagem é retratada já implica em sentidos e noções distintas de mundo que a separa da coletividade. A falta de compreensão acerca do local e das percepções de mundo de que o Outro parte provocam o afastamento e

---

<sup>4</sup> Nossa tradução: Quem é um estrangeiro? Aquele que não pertence ao grupo, que não é “um deles”, o outro. O Estrangeiro, como frequentemente tem sido visto, somente pode ser definido de modo negativo.

estranhamento, levando a uma noção equivocada e parcial acerca desse, que é tido como diferente.

Buscamos interpretar três diferentes facetas por meio das quais o estrangeiro pode ser visto, com o objetivo de defini-las, explicitando quais os motes principais de comportamento e ideologia que levam as personagens a serem vistas como distintas pelos membros de grupos dominantes, bem como quais as escolhas feitas por elas para se adequarem ou não à realidade, tal qual lhes é apresentada nas diegeses (GENETTE, 1995) dos contos.

A pluralidade é campo comum aos americanos e, portanto, seu estudo torna-se relevante para o entendimento dos encontros entre indivíduos nesse solo. Se “o hibridismo está presente em vários níveis, selecionar um aspecto não invalida os demais, nem mesmo parte do princípio de oposição. O modelo não é Um X Outro, mas a convivência de *outros*” (WEINHARDT, 2011, p. 49). Essa convivência de outros, como a teórica explicita, é o ponto principal da pesquisa.

Optamos pela abordagem das narrativas que lidem com o forasteiro por considerar conveniente à América – continente crivado por êxodo, migração, emigração e imigração – o comparativismo literário que lide com tal temática. Como explicitado anteriormente, espera-se revelar como a alteridade ocorre entre seres pertencentes aos três campos linguísticos principais da América. Para isso, optamos pelo trabalho com um conto estadunidense, “*The foreigner*”, do cronista e escritor Francis Steegmuller (1935); um conto brasileiro, “O cavalo que bebia cerveja”, de Guimarães Rosa (2005)<sup>5</sup>; e com um conto argentino, “*El extranjero*”, de María Rosa Lojo (2011).

No *corpus* reunido, analisamos as construções simbólicas e literárias produzidas em suas elaborações discursivas, procurando compreender como, ao longo do conhecimento destes “estranhos”, as personagens, tanto estrangeiras quanto locais, deparam-se com a outremização, aos poucos compreendendo as mentalidades e visões de mundo que o *outro* possui. Buscamos discutir algumas das linhas de pensamento seguidas pelas narrativas, questionando o modo pelo qual os autores, por meio das vozes enunciativas de suas obras, lidam com o embate entre perspectivas de vida distintas.

---

<sup>5</sup> Valemo-nos, durante a realização da pesquisa, da edição de *Primeiras estórias* publicada em 2005 pela Nova Fronteira. A obra original, entretanto, é datada de 1962.

Objetivamos evidenciar como, em narrativas curtas, esses escritores carregam profundidade psicológica às suas personagens e, de modo delicado, revelam como o ser humano, antes de tudo, está apto a compreender o outro, contanto que aceite as diferenças que lhe são tão perturbadoras no início da relação com um estrangeiro. Os autores também fazem questão de indicar que o *ádvēna* é parte integrante dessa relação mútua, fato que aparenta ser óbvio, mas que é problematizado nas narrativas em questão.

No conto de María Rosa Lojo, será visível o encontro com o forasteiro que aparenta ser pertinente à literatura hispano-americana do final do século XX ou início do século XXI: o enfrentamento com o Outro configurado na memória da história coletiva. O conto lida com uma personagem que, ao relacionar-se com literatos europeus e ao vê-los produzir, conversar, discutir, adoecer e morrer, vê o estrangeiro em seu sentido filosófico, como aquele que não pertence. O conto, deste modo, servirá como uma espécie de parábola para a necessidade inerente à América hispânica de, após seu *boom* literário e seu intenso questionamento da história oficializada, encontrar o local da confluência, da hibridez e da compreensão do Outro.

No conto de Steegmuller, notamos o embate clássico para o estadunidense: o confronto entre o homem dos Estados Unidos da América e o francês. De origem histórica, a rixa existente entre esses dois indivíduos foi acirrada pelo senso comum, no qual pululam estereótipos e concepções preconceituosas de um sobre o outro. Ao escrever um conto em que um cidadão dos Estados Unidos da América vai à França e envolve-se numa discussão com um taxista, Steegmuller, por meio da voz enunciativa criada no conto, é capaz de revelar a problemática da falta de compreensão da alteridade, bem como a necessidade de revisão desta, uma vez que ela é pautada em tipificações comuns aos séculos passados, mas incondizentes com a pluralidade discursiva e ideológica do presente.

Na narrativa de Guimarães Rosa, por sua vez, há o embate entre um imigrante italiano e um jovem sertanejo, que projeta na figura daquele Outro seus ódios, receios e mágoas. Desde seus trejeitos, até seu idioma e sotaque, o italiano é visto como um pária, digno de exclusão. Entretanto, ao longo da narrativa, a forçosa aproximação entre ambos ocorrerá e, com ela, o reconhecimento da existência do

Outro e a bem sucedida relação de outremização tomam forma e guiam o conto ao seu final, em que a aceitação toma o lugar do despeito para com o outro.

A estrutura desta pesquisa encontra-se organizada da seguinte forma: primeiramente, há um capítulo no qual associamos os estudos relacionados à literatura comparada à figura do Outro, com o propósito de investigar como ambas confluem e são importantes para a discussão social no continente americano; após isso, breves considerações acerca do gênero conto são feitas, uma vez que é o gênero narrativo escolhido como base para os textos literários utilizados na dissertação, partindo de autores como Cortázar (1974), Bosi (1997) e Piglia (2004); em seguida, apresenta-se o capítulo de interpretação dos três contos escolhidos como pertencentes ao *corpus* de nossa pesquisa, em que Simmel (1971), Lévinas (1980), Anderson (1991), Kristeva (1994) e Oliveira (2011) são alguns dos nomes teóricos a balizarem nossa escrita; uma vez feitas as leituras críticas dos relatos, damos passo ao cotejo entre os resultados obtidos e, ao final, chegamos a uma conclusão que relacione as percepções do Outro visíveis neles e forneça a nós o resultado comparativo acerca da representação da alteridade na América.

Não só nos valem de uma base na literatura, mesclando, também, diferentes áreas do saber que sejam pertinentes ao estudo em questão, almejando uma categorização teórica delineada sobre qual é o foco buscado na pesquisa, com a investigação da representação do Outro, em sua forma de forasteiro.

Teóricos que dialogam com literatura, filosofia, sociologia e antropologia, como Todorov (1983), Kristeva (1994), Lévinas (1980), entre outros, tornam-se subsídio para a construção da dissertação, para que se estabeleça um limite pertinente à pesquisa e, portanto, seus objetivos sejam passíveis de serem cumpridos. Almejamos criar compreensões possíveis acerca de determinados processos sociais para que, futuramente, o agregar de diversas pesquisas na área possa levar a algum conhecimento sobre como ocorre a alteridade em solo americano, seja esse norte, central ou pertencente ao sul do continente.

Optamos por três relatos breves por motivos propositalmente delimitados: no conto como narrativa de menor extensão e a avaliação a ser efetuada pôde ser profunda; ademais, o conto serve como narrativa que tem primazia pelo encontro, pelo evento ocasional, por uma situação a ser retratada, que possa ter sido accidental. Nesse sentido, tal gênero narrativo torna-se basilar para a pesquisa com a

representação do Outro, uma vez que os três contos retratam situações de encontros entre estrangeiros. Essas vivências, explicitadas por meio de narrativas de menor extensão, passam a ser substanciadas não apenas pelo conteúdo narrativo exposto nelas, mas pela própria escolha de gênero textual a ser utilizado. Por conseguinte, teóricos como Cortázar (1974), Bosi (1997) e Piglia (2004) servem-nos como fomento à discussão acerca da importância do gênero, também, na discussão do comparativismo literário que lida com a representação do estrangeiro.

Esperamos que essa averiguação possa contribuir para alguns propósitos específicos que, em relação aos estudos literários produzidos no continente americano, podem representar um acréscimo de conhecimento e criticidade aos indivíduos que coabitam tal espaço geográfico, bem como aqueles que o estudam. Pensamos que este texto, pautado nos pressupostos da literatura comparada, pode servir de aporte para demais publicações na área, o que, inevitavelmente, enriquece o estilo da metodologia de pesquisa e a produção acadêmica nacional.

Mais além, consideramos a pesquisa relacionada à representação literária do Outro e à noção de outremização fundamental para o continente americano, que tanto lida com a temática e que tanta importância dá a ela nas últimas décadas. O desvelar do outro, o reconhecimento das diferenças e a compreensão dos espaços de mescla e separação são noções críticas ao americano como um todo e, quando conscientemente produzidas, podem levar a uma compreensão maior dos processos inerentes às relações interpessoais dos indivíduos que coexistem na América.

A investigação acadêmica é, também, reflexo de um pensamento sócio-histórico que deve ser levado em conta. Resultados obtidos com tal ação agem de forma a confluir com pensamentos e atitudes visíveis na vivência comum, com o intuito de manter a tríade desenvolvida por Candido em *Literatura e sociedade* (2000), na qual sistema social, obra e autor são pontos indissociáveis, mutuamente influenciáveis e modificáveis.

## 1 LITERATURA COMPARADA: ALTERIDADE E RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS NO OUTRO

Primeiramente, devemos atentar ao fato de que, principalmente a partir de 1970, reconhece-se que a área da literatura comparada sofreu inúmeras alterações em seus propósitos primeiros e, na atualidade, não mais se configura como retomada de um discurso eurocêntrico, elitizado intelectualmente e positivista que busca por fontes, filiações e influências. Teóricos latino-americanos, como Santiago (2000), Coutinho (2011), Weinhardt (2011) e outros já se debruçaram sobre uma nova metodologia, pautada na apreensão das influências e “cópias” de modelo, e como as primeiras intenções da disciplina foram alteradas em solo americano para revelar a necessidade de revisionismo e reconstrução do discurso tido como oficializado e, portanto, visto como “verdadeiro”.

Para Fleck (2012, p. 390), após estudo dos teóricos acerca do comparativismo, o surgimento da disciplina de literatura comparada, na França do século XIX, é pertinente e foi marcante pelo fato de buscar aproximações e relações entre obras e países, durante um período em que a destruição provocada pela conquista napoleônica havia prejudicado de forma consistente as relações diplomáticas entre países europeus. Logo, a busca por influências e fontes não deve ser vista apenas com olhos perniciosos, sem uma perspectiva histórico-cultural, uma vez que ela pode ter servido como subsídio à reaproximação entre culturas que se haviam, gradualmente, distanciado devido a períodos bélicos e tentativas de dominação de um território sobre o outro. Mesmo em seu momento primário, é possível discutir que a literatura comparada visava à agregação de formulações pertencentes a diferentes culturas e seres, fato que amplia, inevitavelmente, os ensaios sobre a representação do Outro e sobre a alteridade. Para a América, é importante e necessário que tal fato seja avaliado, visto que possibilita estudos comparativistas que reflitam a importância do reconhecimento e da aceitação mútua dentro do continente.

Durante o período pertencente, quase que exclusivamente, à segunda metade do século XX, e que ainda reflete sobre a pesquisa acadêmica em literatura no Brasil hodiernamente, a discussão sobre o deslocamento da área de literatura comparada era relevante para a construção do discurso crítico brasileiro. Nesse

sentido, objetivamos evidenciar que o necessário é instigar a pesquisa em Letras a rumos possíveis ao mesmo tempo em que é preciso agregar esses a todo o conhecimento possível adquirido outrora também. Para Fleck (2012, p. 391),

*[...] en la mitad del siglo XX, cuando todos pensaban ya en la estabilidad de la disciplina Literatura Comparada es que se dio inicio a uno de los cuestionamientos más intensos, cuyos fundamentos llegan hasta nuestros días: el objeto y el método de la Literatura Comparada son puestos en tela de juicio<sup>6</sup>.*

Demonstramos, novamente, como a área sofreu modificações intensas, especialmente durante o século XX e após a sua chegada à América, uma vez que abordagens comparativistas aqui deveriam ser efetuadas de maneira bastante peculiar, quando comparadas às produções eurocêntricas. Relacionando-se tais modificações à pesquisa, ressaltamos o fato de que a literatura comparada, tal como se configura na contemporaneidade, é força motriz que promove discussões sobre as formas de retratar o Outro e a alteridade em solo americano, por ser um tipo de estudo calcado na intertextualidade, nas relações entre textos e distintas áreas. Por sua vez, inevitavelmente, muitos dos resultados alcançados com pesquisas nessa área são reflexos dos choques culturais entre indivíduos distintos no solo americano.

Os conceitos de entre-lugar (SANTIAGO, 2000), de periferia e cânone (COUTINHO, 2011) têm grande importância na América por incentivarem a discussão sobre o possível papel crítico do continente para a construção de uma sociedade inclusiva. Destarte, a percepção desse tipo de produção discursiva pode servir para o intuito de desvelar, claramente, as relações intrínsecas à vida americana e a confluência de perspectivas que também criam essa mesma perspectiva.

Como Kaiser (1980, p. 130) enunciava, a literatura comparada poderia “libertar-se do caráter redutor positivista, mas também evitar os excessos de uma comparação a-histórica”, produzindo um conhecimento que pudesse agregar sentido e valor àquilo que fora feito anteriormente, sem, necessariamente, acabar por ser uma espécie de cópia, simulacro ou paráfrase de enunciados anteriores.

---

<sup>6</sup> Nossa tradução: [...] na metade do século XX, quando todos pensavam já na estabilidade da disciplina de Literatura Comparada, deu-se início a um dos questionamentos mais intensos, cujos fundamentos refletem atualmente: o objeto e o método da Literatura Comparada são postos em questionamento.

A literatura comparada conseguiu livrar-se do positivismo de modo satisfatório, tendo em vista o quão frutífera é a relação entre tal pensamento e o revisionismo histórico na literatura, comum às narrativas americanas, especialmente àquelas pertencentes ao tronco linguístico espanhol. Do a-historicismo, as pesquisas em literatura comparada gradativamente libertam-se, demonstrando como a área prolifera na América, pois permanece em constante estado de mudança.

Não apenas a história e o resgate/revisão dela são pertinentes à literatura comparada, como quaisquer áreas do conhecimento que possam impulsionar algum tipo de discussão pertinente à literatura juntam-se à metodologia, auxiliando para a compreensão da pluralidade social, ideológica e discursiva na qual o indivíduo americano vive e se manifesta ao resto do mundo.

Essa interdisciplinaridade presente na nova perspectiva da literatura comparada é importante, e demonstra como o comparativismo a ser empregado nessa pesquisa busca avaliar criticamente os limites do comum, para produzir conhecimento e criar a discussão por meio da amálgama de conceitos e áreas. Mas essa mescla e confluência de áreas e discursos é condizente com a pluralidade e falta de univocidade comuns à(s) sociedade(s) da contemporaneidade.

Desse modo, “os estudos literários tornam-se todos interdisciplinares, uma vez que passam a inscrever-se na esfera da cultura, marcada justamente pela confluência de áreas diversas do saber” (COUTINHO, 2011, p. 30). Tal confluência de áreas do saber é, de certa forma, reflexo do raciocínio pluralizado que germina no indivíduo existente no século XXI. Coutinho, pertinentemente, expõe essa característica da literatura comparada como parte de um estudo sobre a cultura, o que denota o tom agregador e plurivalente do pensamento atual, em relação à literatura.

Não obstante, “*es conveniente tratar estas literaturas, y las literaturas occidentales como interdependientes, por el hecho mismo de la globalización, de la pluralidad de historias*”<sup>7</sup> (BESSIÈRE, 2011, p. 22). Autores da literatura comparada há muito discutem a interdependência e, em certa medida, a interdisciplinaridade da literatura do continente americano. Bessière faz seus comentários com vistas à literatura ocidental e, portanto, ao traçarmos uma conexão em especial para a América, torna-se questionável dissociar as produções estadunidenses, por

---

<sup>7</sup> Nossa tradução: é conveniente tratar estas literaturas, e as literaturas ocidentais como interdependentes, pelo fato mesmo da globalização, da pluralidade de histórias.

exemplo, das produções brasileiras e/ou hispano-americanas como recorte que pretende ser válido à compreensão do *locus* enunciativo do discurso americano.

É essa correlação entre ideologias, histórias, eventos e perspectivas que permite a uma pesquisa adequar-se aos principais meios linguísticos da América. As relações socioculturais estão demasiadamente aproximadas para que valorem determinado local em detrimento de outro, especialmente na contemporaneidade, em que a mescla e a hibridação tornaram-se parte integrante do que concebemos como mundo e de como o enxergamos. Bessièrre notava isso outrora, e tal fator acabou apenas por ser maximizado nas últimas décadas, registrando, desse modo, a importância que existe na correlação entre literaturas ocidentais, uma vez que são reflexos da correlação de visões.

Para o autor, “*sólo puede haber identificaciones de la literatura en general si se reconoce la discontinuidad de las literaturas, aun cuando se trate de literaturas que se piensan como explícitamente emparentadas. No hay un único proceso literario sino procesos literarios*”<sup>8</sup> (BESSIÈRE, 2011, p. 20) – menção importante ao estudo que objetivamos. Acertadamente, o autor observa como a descontinuidade e as diferenças entre sistemas literários são justamente as marcas que permitem associações e aproximações entre esses. Sem a diferença, dificilmente poder-se-ia falar em semelhança. Os opostos, embora redutivos em sua origem cartesiana, auxiliam a compreensão da igualdade em meio à pluralidade.

Para a literatura comparada atual, configurações literárias, sempre pluralizadas, são responsáveis por criar caracterizações que auxiliam a compreendermos como essa revela a pluralidade da(s) identidade(s) americana(s), aos moldes de Vargas Llosa (2006). Essa mesma pluralidade revela e desvela o Outro, a outremização e o intenso jogo de reconhecimento que ocorre na América.

Salientamos que, de modo algum, a pesquisa em literatura comparada deve objetivar um sentido de totalidade, pelo simples fato de tal intento ser, somente, um discurso valorado como correto e unívoco. As contingências sociais e os imbricamentos entre indivíduos são complexos e difusos demais para que uma pesquisa objetive totalizar alguma questão. É justamente no tratamento das

---

<sup>8</sup> Nossa tradução: somente pode haver identificações da literatura em geral se se reconhece a descontinuidade das literaturas, mesmo no caso de literaturas que se pensam como explicitamente aparentadas. Não há um único processo literário, mas processos literários.

pluralidades, no estudo com o diverso, que se pode, algum dia, almejar uma compreensão ampla acerca da sociedade como um todo.

Esperamos do trabalho com a literatura comparada que, quanto mais se efetue, maior seja o conhecimento adquirido. Não obstante, quando se lida com um *corpus* relativamente próximo temporalmente, não há controle total acerca dos processos inerentes à macro e à micro-história, nem se pode querer abarcar todos os eventos sobre os quais pouco se sabe ou que ainda estão em andamento. Mas, a partir da pesquisa ponderada em literatura comparada, há a possibilidade de que essa se desenlace do sentido positivista de totalidade e verdade e que procure o olhar crítico, não final, sobre o objeto de pesquisa.

Assim, “*parecería entonces que la línea de salida está ya siendo señalada por la emergencia y aceptación de que las sociedades del presente son complejas y pluriculturales*”<sup>9</sup> (PALERMO, 2011, p. 129). Novamente, a voz de teóricos ecoa como válida às pesquisas do presente, indicando caminhos necessários e, possivelmente, frutíferos para a literatura comparada. A compreensão de que o mundo, e, mais especificamente, a América é uma amálgama de conceitos e discursos, de indivíduos pluralizados e complexos, permite ao pesquisador fornecer uma contribuição relevante.

Abstrações como verdade, bem, mal, bom, ruim, unilateralidade, entre outros, são deixados de lado para abarcar-se uma gama de noções pautada no símbolo do plural e do híbrido, que consiste na “composição de dois elementos diversos anormalmente reunidos para originar um terceiro elemento que pode ter as características dos dois primeiros reforçadas ou reduzidas” (BERND, 2004, p. 100). Destarte, a valorização do diverso e o respeito à outremização são marcas da hibridação. Em um continente tão marcado pela plurivocidade dos discursos e culturas, o híbrido torna-se uma espécie de criação que revela a benesse da alteridade e do reconhecimento do Outro.

Ao fazer-se isso, percebemos como a contraditoriedade de ações e discursos, inerente ao ser americano, é benéfica e profícua à agregação social, diferentemente do que se supusera outrora. O contraditório, o ambíguo e o dialetalmente oposto confluem no ser da América e convergem também em seu discurso e suas produções, pois “não é exagero dizer que não há tradição, cultura, língua e raça que

---

<sup>9</sup> Nossa tradução: parece então que a linha de partida já está sendo marcada pelo surgimento e pela aceitação de que as sociedades do presente são complexas e multiculturais.

não tenha contribuído para esse fosforescente turbilhão de misturas e alianças que acontece em todos os aspectos da vida na América Latina” (VARGAS LLOSA, 2006, p. 9). A intensa hibridação do continente revela-o pluralizado e, aparentemente, caótico, mas, quando analisado de modo ponderado, é percebida a riqueza da pluralidade, a alteridade em constante desvelar-se e um outrem elusivo, justamente por ser representativo da amálgama rica de visões no espaço americano.

Sendo assim, quando a literatura atual retrata o jogo interdiscursivo entre indivíduos americanos e o pensar, reflete o modo de pensamento do ser contemporâneo. Cabe, portanto, à literatura comparada lidar com essa mescla de perspectivas, para a produção de um conhecimento que seja condizente com o que é pertinente nesse contexto específico.

Notamos que

[...] a primeira tarefa dos comparatistas agora, dentre todas as que se impõem, é renunciar a todo tipo de chauvinismo e provincianismo, reconhecendo, enfim, que a civilização humana, onde os valores se intercambiam há milênios, não pode ser compreendida nem apreciada sem que se faça constante referência a essas trocas, cuja complexidade impede a quem quer que seja de ordenar a nossa disciplina em função de uma língua ou de um país, privilegiando-o dentre os demais (ETIEMBLE, 1994, p. 194).

Desvencilhar-se da ótica que tem primazia pela univocidade e pela visão positivista de mundo é algo com o qual a literatura comparada lidou, ao menos, nos últimos cinquenta anos, em grande escala. Etiemble constrói um texto bastante pertinente à área, ao mencionar que não deve haver quaisquer privilégios linguísticos, políticos ou literários na literatura comparada, uma vez que essa é a área da troca, da compreensão da multiplicidade. Isso leva a entender que, atualmente, é necessário, caso se almeje compreender melhor o continente americano e as produções que aqui ocorrem, hibridizar na pesquisa acadêmica registros literários distintos o suficiente para soarem opostos, sem necessariamente o serem.

Justificamos a seleção do *corpus* dessa pesquisa, que lidará com o discurso brasileiro, estadunidense e hispano-americano, tantas vezes tidos como dialetalmente distintos um do outro, reflexos de perspectivas de mundo contrárias. Ora, sendo parte de um mesmo território, o que se objetiva é demonstrar que, mesmo nas diferenças, ocorre a confluência, e os discursos literários americanos

revelam isso quando examinados a partir da análise literária e da compreensão sobre o local do Outro.

Destarte, “a literatura comparada contribui para dissipar o clima de incompreensão e desentendimento entre os povos. Elimina os mal-entendidos. Adquire uma função política, dando à palavra seu sentido mais nobre e mais generoso” (JEUNE, 1994, p. 238). Nesse trecho de discussão acerca da literatura comparada é possível perceber como a enunciação de outrem tem reflexos em cada cidadão e se renova no eixo de circularidade histórica. Vários autores tidos como fundadores do que a disciplina é proferiram comentários que, na atualidade, soam pertinentes à pesquisa em literatura.

O comparativismo permite o desvelar da pluralidade e da compreensão entre humanos. Aquilo que anteriormente foi determinado como adverso e passível de rejeição, por não pertencer ao universo ideológico de determinado meio social, passa a ser assinalado como a riqueza que existe no distinto, outrora enxergado como anômalo. A literatura comparada possibilita também o choque cultural em sentido positivo, com o intuito de criar um espaço representativo que reflita a riqueza das sociedades, em vez do preconceito já não permissível em projetos acadêmicos.

É nesse sentido que Jeune (1994) busca revelar a função política da literatura comparada com uma agregação cultural e histórica que transpõe prejulgamentos e entendimentos envoltos pelo senso comum retrógrado e conservador, bastante calcado pelos estudos positivistas.

#### A literatura comparada

[...] fornece um método de ampliação da perspectiva na abordagem de obras literárias isoladas – uma maneira de se olhar para além das estreitas fronteiras nacionais, a fim de que sejam discernidos movimentos e tendências nas diversas culturas nacionais e de que sejam percebidas as relações entre a literatura e as demais esferas da atividade humana (ALDRIDGE, 1994, p. 255).

Olhar para além do nacional e daquilo que é tido como pertencente a uma fronteira é o caminho do comparativismo. Trata-se de uma rota assinalada desde o princípio dos labores comparados, mas que, ao longo dos anos, encontrou certos entraves à sua efetivação por uma parcela bastante conservadora de estudiosos, fatores bem analisados por Bessière (2011) e Fleck (2012), quando esses demonstram como, por muito tempo, a área sofreu as mazelas de uma tentativa

infundada de reconhecerem-se apenas e tão somente as influências que a literatura americana teria recebido de seus “generosos” antepassados europeus. Marcas como pátria, nação e fronteira eram delimitadas e utilizadas como preceitos norteadores da pesquisa comparativista. Ao longo do tempo, porém, tais marcas foram relativizadas e deram lugar à pesquisa de literatura comparada que demonstra a pluralidade da unidade e a riqueza da hibridação, o desvelar do outro e a alteridade em solo americano.

A literatura comparada, na atualidade, assume papel fundamental na criação de um campo coletivo que vise à compreensão de um todo plural, por vezes assumido como caótico, que compõe a *psique* do indivíduo pertencente à realidade americana – de modo algum, *psique* unívoca e unilateral, dada a pluralidade de horizontes, ideologias, países e, obviamente, seres no continente.

É papel da literatura comparada fazer com que a pesquisa em literatura, bem como em qualquer outra manifestação artística, não seja dissociada do humano e, portanto, analisada separadamente. Por ser manifestação humana claramente ligada à coletividade, ao pensamento, à época, às ideologias em voga, às outras formas de expressão, enfim, a todas as marcas inteligíveis que o ser traz à sociedade. Ao mesmo tempo em que fornece subsídios à compreensão da literatura nacional de determinado país, evidencia a necessidade de reconhecimento do Outro, o lugar da outremização existente na interpretação de outras culturas, outras literaturas.

Na contemporaneidade, as pesquisas relacionadas à questão do contato com estranhos e do relacionamento interpessoal vêm sendo, gradativamente, efetuados de forma a compreender os movimentos que determinados grupos ou meios sociais fazem para aceitar alguém em detrimento de outro ser. A academia, por sua vez, configura-se o ambiente principal no qual tais ensinamentos ocorrem, visando a uma melhor apreensão dos fenômenos sociais perceptíveis em épocas passadas, bem como atualmente.

O processo de globalização e diluição das fronteiras, tanto em sentido físico quanto em sentido tecnológico, com o advento da internet e das redes virtuais nos últimos trinta anos, trouxe uma crescente necessidade de reavaliação dos preceitos cristalizados acerca do tratamento que se dá aos indivíduos, especialmente quando

esses não fazem parte do mesmo campo cultural e linguístico no qual alguém se insere.

A primeira e a segunda guerras mundiais provocaram o deslocamento de inúmeras populações que, a partir daquele momento, viram-se forçadas a lidar com culturas, sujeitos e concepções de existência distintas das suas. Retrocedendo-se a questão, observamos que, desde o êxodo rural ocorrido na época das revoluções industriais, contingentes populacionais citadinos tiveram de lidar com a vinda de gradativas quantias maiores de indivíduos cuja vivência era deveras distinta daquela à qual estavam habituados.

Desse modo, embora a questão do reconhecimento do outro seja assunto pertinente aos teóricos e críticos do final do século XX e início do século XXI, as ramificações desse assunto podem ser datadas já há alguns séculos. O decurso histórico acerca desse assunto é revelador de como o humano se comporta em sociedade e como ele continuamente se preocupa em compreender o que é, de fato, viver em meio aos demais indivíduos, aceitar as diferenças e entender a importância da subversão de óticas arcaicas, retrógradas e, especialmente, preconceituosas em relação a como se efetiva a aceitação de outros.

Esse tipo de temática tornou-se comum no último século devido à contínua escalada de modificações culturais ao redor do mundo. Da revolução Russa ao final do século XIX às “guerras de libertação” norte-americanas em solos árabes no início do século XXI, é notável que o embate entre culturas, idiomas e perspectivas de existência distintas tornou-se comum. A abertura sócio-política de inúmeros países, principalmente após o final da Guerra Fria, a vitória do capitalismo, que forçou nações a criarem laços econômicos outrora impensáveis, e o deslocamento do poder, que agora aparenta estar não somente nas forças bélicas, mas também nos conglomerados de companhias, forçaram o encontro e inevitável choque entre povos. Esse, por sua vez, em um primeiro momento, via de regra, é feito de maneira agressiva, reacionária e, relativamente, desorganizada, tal qual a maioria das mudanças ocorre, sejam elas políticas, sociais ou, até mesmo, literárias. Contudo, quando feito de modo ameno, usualmente em um segundo momento, o encontro de seres distintos e alheios acerca do mundo do Outro pode se tornar o meio para aceitação da diferença, do reconhecimento do Outro e da criação de alteridade.

Discutem-se, na contemporaneidade, conceitos como nacionalidade, pátria, identidade centralizada, bem como noções norteadoras de comportamentos, como religião, política, família, Estado. Essa discussão se dá muito em decorrência do fato de que a diluição de normativas conservadoras e de fronteiras trouxe a necessidade de reverem-se as características centralizadoras que formam o sujeito que vive globalmente, especialmente no início do século XXI, quando a interação entre indivíduos distintos mostra-se gradativamente maior.

É a literatura comparada a disciplina e um método que pode ampliar a discussão do que é norteador na América, como o discurso do continente é produzido, a pluralidade visível em micro e macro escala, a força que a inter-relação entre elementos distintos produz para a criação de um espaço existencial em que o choque frutífero com o Outro e as noções de reconhecimento do alheio são produzidas de modo contínuo, em que a hibridação é constante, pois

*[...] el híbrido resulta de la yuxtaposición y de la interacción de diferentes modos culturales, sin la pretensión de constituir un patrimonio estable, alejándose, pues siempre más de los conceptos de unidad y pureza europeos que buscaban uniformizar y homogenizar las manifestaciones culturales en nuestras tierras<sup>10</sup>*  
(FLECK, 2012, p. 405).

Como Fleck aponta, o híbrido da América se diferencia justamente pelo fato de ter se distanciado de noções cartesianas, arcaicas e conservadoras de pureza e uniformização, presentes no discurso eurocêntrico canônico. Para os estudos sobre alteridade e representação literária do Outro em solo americano, a literatura comparada, agora desvencilhada de suas heranças restritivas, serve como impulso principal para a compreensão de como acontecem, ao menos literariamente, as relações entre pessoas distintas e estranhos entre si, ao ponto de criarem relações amistosas suficientemente estáveis para levar a(s) América(s) a seu *status* atual, de local no qual culturas alheias e distintas dialogam e recriam suas histórias, crítica e positivamente.

O embate cultural forçou, novamente, a relação entre indivíduos distintos, fornecendo, portanto, os subsídios para que o encontro com o Outro fosse efetivado

---

<sup>10</sup> Nossa tradução: [...] o híbrido resulta da justaposição e da interação de diferentes modos culturais, sem a pretensão de construir uma herança estável, separando-se, sempre mais dos conceitos europeus de unidade e pureza que buscavam a padronização e homogeneização dos eventos culturais em nossas terras.

de maneira muito maior no último século. A subversão de fronteiras comum à contemporaneidade leva ao enfrentamento de um dos exemplos primários acerca do Outro: o estrangeiro. O “ser além da fronteira” surge como um Outro a ser explorado, reconhecido e observado na vivência atual, em que indivíduos passam, comumente, de nação a nação sem exacerbadas dificuldades.

Logo, é importante se ater ao que Kristeva (1994, p. 108) expõe, quando menciona que “o estrangeiro é um ‘sintoma’ (Danièle Lochak): psicologicamente, ele significa a nossa dificuldade de viver como outro e com os outros”. Inevitavelmente, as relações humanas continuamente ocorrem de maneira problemática. A vivência em sociedade, usualmente, é assunto de discussão de teóricos de diferentes áreas e o modo como as existências humanas são vividas leva os sujeitos a embates. Nesse sentido, o Outro forasteiro seria um exemplo de tal problemática, uma vez que ele expõe, automaticamente, essas características aos indivíduos que o circundam.

Ao mencionarmos a existência do Outro, é necessário comentar que tal conceito surge na psicanálise freudiana e lacaniana, sendo mais tarde empregado por diversos outros autores, que viram nessa noção a oportunidade de teorizar movimentos visíveis sociológica, filosófica e literariamente. Um deles, Emmanuel Lévinas, discute, por um viés filosófico, o que seria tal conceito. Em sua obra *Totalidade e infinito*, argumenta que

[...] o Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda a iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo. O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo. A coletividade em que eu digo ‘tu’ ou ‘nós’ não é um plural de ‘eu’. Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum (LÉVINAS, 1980, p. 26).

Em Lévinas, a concepção do Outro vai além do que apenas “aquele que não sou”. Primeiramente, ele é a figura responsável pela criação de nomenclaturas como a da alteridade, uma vez que é somente com a concepção de um Outrem que determinado ser pode construir suas noções identitárias, é somente na percepção de que um ser não é que esse pode compreender o que é. De certa forma, a *priori*

de nossa própria existência, já existiria o Outro, não limitado por nossas compreensões de mundo, construído por todos os valores que, em algum momento, não conceberemos como nossos.

Lévinas argumenta isso quando menciona que esse símbolo provém de “uma alteridade anterior a toda a iniciativa”, já que não se pode conceber uma real outremização partindo de pressupostos comuns. Desse modo, percebe-se um pouco da trajetória do símbolo do Outro que, partindo inicialmente de esforços atrelados à psicanálise, torna-se objeto de estudo da filosofia e da sociologia, áreas que percebem o valor que um maior entendimento acerca desse conceito poderia trazer à sociedade.

Tzvetan Todorov (1983) foi outro filósofo a lidar com a questão, mais tardiamente, ao escrever um ensaio acerca do posicionamento identitário dos “descobridores” da América, dos navegantes espanhóis e portugueses, em contraponto ao(s) mundo(s) dos autóctones, totalmente distinto(s) da cultura europeia, traz novas perspectivas à questão do Outro. Tal ensaio, intitulado *A Conquista da América: a questão do Outro*, altera certos ensinamentos trazidos por Lévinas e, mais além, dá um enfoque à América, fator que será importante para a compreensão de como se deram os embates entre culturas durante a colonização, bem como de que modo são construídas as psiques sociais dos indivíduos atualmente. Em determinado momento, ao início da obra, o autor expõe que

[...] cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a mim. Ou então como um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos (TODOROV, 1983, p. 3).

Diferentemente de Lévinas, Todorov considera a possibilidade de compreensão e/ou rejeição em parâmetros amplos, como visto no uso do pronome “nós”. Para o entendimento de como a identidade se forma no contexto americano, a múltipla concepção de hipóteses se torna importante, pois se sabe, detalhadamente, hoje em dia, que inúmeras diferentes culturas foram responsáveis pela construção do que há como parâmetros norteadores de reconhecimento próprio, ao menos na América de origem latina. Novamente, é a área da literatura comparada que

amalgama a filosofia sobre alteridade, visível em Lévinas e Todorov, aos saberes comparativistas de compreensão das identidades americanas, enquanto essas todas são ligadas ao *corpus* da pesquisa. A alteração dos moldes da literatura comparada permite tal âmbito de atuação e torna-se a fundação sobre a qual a pesquisa pode ser construída.

É necessário que autores distintos confluem dentro de uma pesquisa, com o intuito de acrescentar vozes e perspectivas à discussão efetuada; portanto, contribuições variadas sobre o outro são relevantes, por criarem um escopo amplo de visão, necessário ao engajamento com a literatura. Por isso, também, a literatura comparada é crucial para um *corpus* que lide com as representações do outro e com o forasteiro, uma vez que a disciplina delinea os caminhos possíveis e auxilia no suporte e na construção de um alicerce sólido no qual a análise pode ser realizada.

Novamente, é Fleck (2012, p. 409) que vem à tona, quando argumenta

*De esa forma la trayectoria de la teoría que sostiene la práctica de Literatura Comparada en América Latina, y especialmente en Brasil, va construyendo su camino y de esa manera mostrando al mundo que los elementos híbridos, mestizos, criollos, heterogéneos, sincréticos de nuestra expresiones culturales ya no son más máculas a la calidad de la producción sino, que esos mismos elementos diferenciadores son la esencia misma que hace de nuestras manifestaciones culturales, entre ellas la Literatura, una de las expresiones más ricas, más intensas y más plurales de la contemporaneidad.<sup>11</sup>*

Como o pesquisador postula, a trajetória da literatura comparada, especialmente no “Novo Mundo”, revela que a pluralidade da América é justamente o elemento responsável por sua riqueza. Essa plurivocidade, embora já não vista com olhos tão preconceituosos, deve ser analisada como elemento que permite evidenciar a riqueza do continente, de seus seres, visões e, conseqüentemente, de sua literatura também. O outro americano é permeado por ideologias das diversas fontes e, nesse entre-lugar (SANTIAGO, 2000), cria e recria seu universo, sua literatura, sua vida.

---

<sup>11</sup> Nossa tradução: Desta forma, a trajetória da teoria que sustenta a prática de Literatura comparada na América Latina, e especialmente no Brasil, está construindo o seu caminho e, assim, mostrando ao mundo que elementos híbridos, mestiços, crioulos, heterogêneos, sincréticos de nossas expressões culturais já não são máculas à qualidade da produção, mas que essas mesmas características distintivas são a própria essência que faz de nossas manifestações culturais, entre elas a Literatura, uma das expressões mais ricas, mais intensas e mais plurais da contemporaneidade.

Mais além, quando Todorov comenta que “cada um dos outros é um eu também”, é possível enxergar preceitos que literatos modernistas brasileiros já haviam exposto em suas obras. O *Manifesto Antropofágo*, de Oswald de Andrade (1928) e, também, *Macunaíma*, de Mário de Andrade (1928), ambas as obras escritas na primeira metade do século XX, revelam como a influência e a absorção de conceitos de outrem são responsáveis, também, pela formação identitária de um povo ou de um cidadão. Somente é possível reconhecer a diferença e a semelhança quando há um limiar contínuo de deslocamento, aceitação e rejeição de visões, em que o indivíduo é responsável, consciente e inconscientemente, pela criação de uma identidade que lhe seja crítica e não apenas mera cópia e repetição.

Em relação ao conceito de estrangeiro, inicialmente, deve-se ter em mente que esse, amalgamado ao conceito do outro, potencializa a discussão da pesquisa e o local no qual ela se coloca. A conexão entre o eu que reconhece o outro e a influência ou importância deste na construção da própria identidade a um eu que reconhece o estrangeiro como humano, como indivíduo e como parte de si mesmo é importante e pontual para que a outremização seja, de fato, benéfica e frutífera aos indivíduos e, em larga escala, à sociedade como um todo. A literatura comparada é responsável por permitir esses encontros e saberes comparados e, caso não se houvesse modificado ao longo dos séculos, desvencilhando-se de suas origens relacionadas apenas à procura por fontes, filiações e influências, dificilmente favoreceria tão bem ensaios como o pretendido nesta pesquisa. Diante da complexidade do signo, devemos, ao menos brevemente, delinear certas noções sobre esse “outro” que ainda não pertence.

Para que haja a compreensão de quais dessas hipóteses e quais visões são observáveis nas narrativas do *corpus* de pesquisa, primeiramente, é necessário discutir a questão e definição do que é dado como forasteiro para as sociedades. Faz-se relevante observarmos que, em alguns idiomas, como o Inglês (vocábulo *stranger*) e o francês (vocábulo *étranger*), a concepção que se dá para “estranho” e para “estrangeiro” é a mesma; linguisticamente, não há diferenças no vocábulo. Em português, notamos que, embora não seja a mesma palavra, a sua raiz é a mesma, originando-se da palavra *extraneus*, do latim, e que, hoje, em dicionários como o Michaelis (WEISZFLOG, 2004) e o Aurélio (HOLANDA, 2010), comuns ao brasileiro, é possível encontrar a definição de estranho como “pessoa estrangeira”.

Semanticamente, portanto, valores são automaticamente agregados ao ente dado como *ádvēna*. Uma vez que a relação entre ambos os vocábulos permanece, notável é a menção que Kristeva (1994) faz sobre a noção de que se associam valores negativos à figura do estrangeiro, em um primeiro momento, e quase que somente esses. A mesma teórica, ao escrever sua obra, delimita e norteia o caminho de compreensão para a figura, traçando a definição de o que seria um estrangeiro na contemporaneidade. Segundo ela,

[...] com a formação dos Estados-nações, chegamos à única definição moderna aceitável e clara da condição do estrangeiro: o estrangeiro é aquele que não pertence à nação em que estamos, aquele que não tem a mesma nacionalidade. Se o estrangeiro condensa em si a fascinação e a abjeção que a alteridade suscita, não é toda diferença, contudo, que confere uma dimensão de condição de estrangeiro. Diferenças de sexo, de idade, de profissão, de credo, podem contribuir com o estado de estrangeiro, dividi-lo ou nele se integrar, mas não podem se confundir com ele (KRISTEVA, 1994, p. 101).

Por mais simples que tal definição possa parecer, há alguns valores nela expostos que devem ser comentados. Embora o *alóctone* seja uma das inúmeras figuras envolvidas e comumente associadas à *outremização*, é relevante lembrar que ambos os conceitos são diferentes e, portanto, possuem dissociações relevantes. Noções como gênero, idade e/ou profissão alteram o modo como a alteridade se desenvolve, conquanto não caracterizem o estrangeiro. Para que este possa existir, noções como fronteira e, por vezes, idioma devem ser consideradas. Somente desse modo o peregrino pode ser caracterizado.

Não obstante, a definição de Kristeva, para ser tida como atual, também se baseia na constituição de Estados-nações, uma vez que apenas após a maior abrangência de políticas contemporâneas é que se pôde falar, gradualmente mais, em Estado-nação, pois, anteriormente a isso, ainda havia impérios, monarquias, colônias e/ou uniões de países sob um regime comum. Tal conceituação do adventício é clara após a segunda metade do século XX, contudo, sinais dessa mudança de pensamento político já eram visíveis depois do término da 1ª Guerra Mundial, em 1918.

A partir desse momento, partimos para a abordagem aos contos, conceituação e interpretação de o que é o *Outro* na representação literária e como

ocorre a alteridade, com vistas à percepção e conceituação de como tais preceitos se inserem dentro da temática da pesquisa, que visa a analisar três narrativas que lidem com as configurações artísticas do Outro estrangeiro. Para a América, o Outro é símbolo fundamental da heterogeneidade, do híbrido, do pluralizado, e, portanto, deve ser estudado em relação à literatura, para que sua compreensão possa, talvez, criar estudos posteriores.

### 1.1 A ALTERIDADE E O OUTRO: CONCEITUAÇÃO TERMINOLÓGICA E IMPORTÂNCIA NA AMÉRICA

Para que a pesquisa do *corpus* literário escolhido possa ser efetuada de modo pertinente, é necessário delinear o propósito e as características teóricas de seu objeto. Uma vez que a pesquisa lida com a figura do Outro em configurações literárias e com o modo pelo qual as pessoas identificam-se umas com as outras, é importante ressaltar a necessidade de discussão não somente do conceito de Outro, estudado com afinco por áreas como a psicanálise e a antropologia, mas, também, do próprio conceito de outremização, pois esses, embora ligados um ao outro, de modo algum são iguais. Não obstante, é na delimitação de em que âmbitos as duas noções se aproximam e distanciam que será possível enxergar quais os pontos primordiais que a pesquisa almeja perceber, a saber, a capacidade de reconhecimento das diferenças e convívio com seres distintos pelos habitantes da América, por meio do retrato que a literatura faz desses encontros.

Ressaltamos também a necessidade de discussão sobre a alteridade no continente americano, já que esse se revela como uma amálgama de diferentes apreciações, filosofias e indivíduos, um conjunto pluralizado e de perspectivas múltiplas. Os debates sobre reconhecer o outro se tornam primordiais ao nosso entorno, com ênfase em sua parte central e sul, aproximadamente a partir da segunda metade do século XIX. Observamos que as lutas por independência nos países latino-americanos provocaram uma série de questionamentos e revisionismos históricos necessários para que cada nicho social pudesse modificar sua existência e o que fora dito sobre eles. Mais além, esses conflitos serviram como base de estudo para que o indivíduo americano reconhecesse a importância da linguagem, a necessidade de avaliações críticas acerca daquilo que era tido como

verdadeiro e a necessidade de conhecimento acerca de quem eram os seres que formaram essa realidade peculiar, não por uma perspectiva positivista e eurocêntrica, mas por uma visão plural às nações do continente, imbuída das características formadoras do ser americano.

Essas discussões partem do romantismo, na literatura, e das guerras de independência do século XIX. Entretanto, será apenas no século XX que ganharão forças e tornar-se-ão modelos pelos quais a *psique* social formada poderá agir e questionar formulações como nacionalidade, *ádvna*, fronteiras e verdade.

O *boom* literário latino-americano é exemplar sobre como a mudança de perspectiva age sobre o escritor e, conseqüentemente, sobre o contingente do continente, quando se vê que a história é constantemente utilizada como meio para ser questionado, como fonte pela qual a crítica pode ser construída. Essa literatura revela, inevitavelmente, o conflito e o choque entre diferentes cidadãos. A partir dessa questão, já é observável a procura por conhecimentos relacionados à outridade na América.

O outro, em um momento inicial, como usualmente ocorre em primeira instância de um estágio de mudança, foi visto com olhos reacionários. Buscava-se encontrar a unidade do espaço territorial durante o período de guerras por independência das nações pertencentes à América, em especial após o século XVIII e, isto posto, aquele ser visto como de fora era descartado. Sua cultura e sua existência eram ignoradas e omitidas.

A noção de unidade invariavelmente lida com a noção de exclusão e, portanto, para que houvesse um americano, foi necessário enxergar aqueles que não “pertenciam” ao continente. Ao chegarmos à segunda metade do século XX, com as pesquisas pós-colonialistas, feministas, culturais e desconstrucionistas, visualizamos uma mudança no perfilamento do indivíduo traçado até então. Estamos no momento de compreender o outro e entender a riqueza da pluralidade, e a teoria passa a fazer aquilo que a literatura já indicava: demonstrar a importância do embate filosófico entre seres distintos, contanto que haja crescimento e superação de preconceções após esse choque. É notável que, “*moreover, a limited experience of life normally does not make for a wide range of sympathies with very different kinds of people (I'm thinking of differences that range from gender and race*

*all the way to those of social class and culture*)”<sup>12</sup> (JAMESON, 1986, p. 66). Para que se avaliasse a pluralidade do continente americano, era necessário enxergá-lo sob uma visão que permitisse uma maior compreensão sobre as diferenças, pois reduzir o outro a um estereótipo preconceituoso seria desconsiderar a importância da hibridez nesse espaço existencial, bem como repetir erros do passado, principalmente aqueles efetuados pelos europeus durante o período de conquista e colonização da América.

As concepções sobre o outro passam a ser importante traço na vida coletiva da América, elemento principal que corrobora a pluralidade e o suposto caos nela existentes, por meio da qual seria possível delinear a plurivocidade da produção artística aqui realizada. Observa-se que tal comentário é, atualmente, senso comum para a literatura hispano-americana, devido ao *boom*, ao revisionismo e à reconstrução fomentados na produção artística americana. Embora em menor quantidade, tanto Brasil quanto Estados Unidos da América também lidaram e ainda discutem as configurações do outro no último século e vêm dando fôlego à discussão em torno a este signo como um todo.

No caso dos estadunidenses, sabemos que a luta de independência, os jogos políticos e o massacre da população autóctone após a chegada dos colonizadores, são assuntos que, exaustivamente, surgem no discurso popular. Na literatura, também farão parte do desmembramento das características sociais do povo dos Estados Unidos. Observamos que obras como *Heart of Darkness* (1899)<sup>13</sup>, de Joseph Conrad, já lidam com a temática do prejuízo, exclusão social/étnica e falta de compreensão acerca dos indivíduos distintos daqueles conhecidos pelo nicho social do dominante. Maugham, em menor medida, abarca questões relativas ao ser desconhecido e ao mundo pluralizado em seu *The Razor's Edge* (1944)<sup>14</sup>, bem

---

<sup>12</sup> Nossa tradução: além disso, uma experiência de vida limitada normalmente não permite uma ampla variedade de simpatias para com diferentes tipos de pessoas (estou pensando em diferenças que variam de gênero e raça até mesmo àquelas de classe social e cultura).

<sup>13</sup> Obra na qual, em meio a um enredo que lida com o trabalho que um britânico encarregado de levar marfim rio abaixo, no Congo, são discutidos valores como racismo, preconceito, colonialismo, eurocentrismo em relação ao mundo dado como “bárbaro” e a transgressão ocorrida no encontro entre diferentes.

<sup>14</sup> Romance no qual a protagonista, Larry Darrell, abandona a vida civilizada estadunidense a qual estava acostumada, após a primeira guerra mundial, e parte ao redor do mundo em busca de transcendência. O livro lida com o embate com o Outro e a necessidade de alteridade constantemente.

como a geração *beat*<sup>15</sup>, que, quase inteira, lidou com a descoberta do desconhecido e a procura pelo diferente. Na contemporaneidade, exemplos como *The Color Purple*<sup>16</sup>, entre tantos outros, também investigam as relações sociais existentes nos Estados Unidos da América.

No caso do Brasil, também é possível enxergar que o englobar do outro e a construção discursiva da outremização ocorre na literatura. Diversos são os exemplos possíveis, sendo Alencar (1829-1877) um dos expoentes mais óbvios, devido à trilogia indianista que escreveu. Não obstante, consideramos que o modernismo foi o momento importante dessa discussão, pois os autores nacionais não apenas lidaram com a representação do outro étnico ou religioso, mas com o outro até então desconhecido dentro de seu país, cuja construção discursiva é notável em praticamente qualquer obra regionalista do período, tendo Graciliano Ramos (1892-1953) como principal nome, bem como com as configurações do outro forasteiro, as diferenças e similitudes entre esses e os brasileiros.

Optamos por analisar um conto de Guimarães Rosa pelo fato de haver nessa criação literária, “O cavalo que bebia cerveja” (2005), uma interpretação acerca da outridade, do *ádvēna*, das relações sociais entre indivíduos diferentes e devido ao fato de o autor, oportunamente, transpor suas narrativas a contextos afastados dos grandes centros culturais, oportunizando não apenas o debate do que seria o encontro entre brasileiros e estrangeiros, mas como o próprio brasileiro pode ser considerado um *pária*, um outro a ser reconhecido, uma vez que a dimensão geográfica do país e a desigualdade social são tamanhos que é inviável considerar que todos os homens nele presentes se reconhecem e se avaliam como importantes um ao outro.

Observamos a importância que ensinamentos voltados à compreensão das exposições de alteridade na literatura americana possuem para o questionamento da existência da aceitação em terras do novo continente. Ela parte, como explicitado, tanto da percepção do indivíduo externo à vivência social quanto do indivíduo interno ao nicho a que alguém pertence. Mais além, deve-se compreender que as ideias em torno ao Outro se unem ao conceito de outremização no momento em que é

---

<sup>15</sup> Grupo de escritores, quase todos estadunidenses, que, no final dos anos 50 e início da década de 60, promoveram o desapego, a viagem, a quebra de parâmetros canônicos e a busca por uma vida pautada na experiência cultural constante.

<sup>16</sup> Romance epistolar, escrito por Alice Walker e publicado em 1982, que lida com temáticas próximas ao racismo, patriarcado, incesto, sexismo e questões de gênero na primeira metade do século XX.

necessário empreender uma autoanálise para que haja qualquer sinal de compreensão.

Filosoficamente, o “quem sou eu?” pressupõe, também, a existência da pergunta secundária “quem é o outro?”, seguida, invariavelmente, por tópicos que buscarão a explicitação das diferenças e minúcias que formam cada um desses indivíduos. O terreno comum entre a alteridade e o Outro é justamente esse, o da autocompreensão, aliada ao rechaço ou à aceitação de outrem. Esse evitar pode ser causado por diversas características a serem analisadas, tais como: crença religiosa, sistema linguístico, sistema político, etnia, idade, gênero e demais condições naturais à vivência das pessoas em meio à sociedade.

Caso alguma dessas características mencionadas promova o rechaço, o reconhecimento do outro não é efetuado de modo a se enxergar nesse que não sou *eu* alguém igual a *mim*, no sentido, ao menos, de humano, e criam-se variados graus de preconceito: xenofobia, prejuízo étnico, misoginia, machismo são, para nomear alguns dos resultados de malsucedidas tentativas de compreensão das diferenças inerentes aos seres humanos.

Entretanto, ressaltamos que a outridade também não é a simples aceitação de tudo e de todos que lhe são alheios. Para que seja identificado um *eu*, para que se possa falar em individualidade, precisa haver um percurso de posse, origem e situacionalidade. Um *eu* só se identifica pelo idioma que lhe corresponde, pelos trejeitos e maneiras sociais que segue, pelas crenças que professa e tantas outras marcas e atitudes individualizadas que cada ser possui e que o fazem ser único. Caso a alteridade venha a instaurar-se em uma relação, esse *eu* produzido pode, agora, pensar nas existências daqueles que *não são eu*. É nesse momento que o reconhecimento do Outro surge com maior ênfase. Esse outrem reflete o *eu* pelo que ele *não é*. O indivíduo também pode reconhecer-se mais claramente ao conseguir definir o que outros fazem de modo similar e no que são diferentes.

Nesse conflito mental, cria-se a oportunidade para a formação do ser *uno* e, quando bem finalizado, se leva também à compreensão do Outro, uma vez que o fato de outros seres não serem iguais ao *eu* não precisa, necessariamente, levar à exclusão daqueles. A primeira reação, comum, aliás, a quaisquer eventos conflitantes, é reacionária e de rejeição daquilo que é tido como diferente. No

entanto, é na continuação dessa aproximação entre opostos que se pode perceber o Outro e concebê-lo como importante, embora alheio.

Como Rodrigues (2007, p. 54) pressupõe, “a totalidade é, no fundo, uma relação entre o Mesmo e o outro que destrói a identidade do Eu e a outremização do outro. Neste sentido, ela é sempre violenta em relação aos entes absolutos. O conceito da totalidade fixa a face do ser que se mostra na guerra”. Numa concepção totalitária de universo do indivíduo, não há espaço para a relação entre o *eu* e o outrem. Portanto, apenas com a destruição do conceito de totalidade é que se pode, verdadeiramente, pensar no Outro.

Creemos que, embora tal hipótese seja comum à convivência, resquícios de uma espécie de totalidade figurada permanecem latentes na *psique* e esses resquícios geram a falta de outridade. A saber, seriam as máscaras que nos permitem identificarmo-nos, ou seja, gênero, nacionalidade, idioma, crença religiosa e política, etnia e demais elementos apontados anteriormente como geradores possíveis de conflitos entre seres humanos.

Essas marcas são os elementos primordiais a causar repulsa, quando não bem analisadas, uma vez que demonstram ao *eu* a falta de totalidade no mundo que o permeia e, por vezes, o cerceia. São os reflexos que permitem a criação embrionária do *eu*, estilhaçada, mais tarde, pelo mundo em volta. Esses estilhaços são necessários, por sua vez, pelo fato de permitirem a criação e aceitação do Outro. Nesse sentido, o Outro é não somente aquele que *não sou*, mas também todo o universo em volta. O lugar que delimita o entendimento do *eu* e a aceitação do Outro gera a aceitação de outrem de forma bem-sucedida.

O fato de que, a partir da observação do Outro e de sua existência, é possível compreender um *eu* e notar que tipo de funções sócio-históricas, filosóficas e/ou antropológicas são subjacentes à construção da individualidade conduz a perceber, também, a eterna mutabilidade do *eu*, do Outro e do espaço que forma esses dois. Uma vez que o conceito de outremização acaba por renegar o de totalidade, observa-se que o Outro é “aquele que não se deixa ser englobado numa conjunção fechada e única; ao mesmo passo que a totalidade é entendida sempre como finita, ou seja, imanente, o Outro é infinitamente outro, transcendente, é o Infinito” (RODRIGUES, 2007, p. 58). Nota-se que o outrem é permeado e carregado pela noção de vagueza; é impossível determiná-lo por completo, bem como é improvável

ligá-lo a alguma noção de totalidade. Rodrigues, acertadamente, pressupõe que são dialetalmente opostos, quando comenta acerca da imanência associada ao conceito de Outro, em contraponto ao fixo que é o totalitário. Tais noções são necessárias para a delimitação, uma vez que auxiliam no entendimento de o que é um forasteiro, como ele se adequa à perspectiva do Outro, além de como a noção de alteridade pode ser vista nessas abstrações.

Ao tratar-se desse assunto, Todorov mostra-se relevante à pesquisa novamente, no momento em que também pressupõe a falta de totalidade em si, como um signo fechado. Segundo o teórico,

[...] se consigo me comunicar de maneira satisfatória com outrem, é preciso imaginar um quadro de referência que englobe seu universo e o meu. Ao se desejar estabelecer o diálogo com “outros” cada vez mais distantes, deve-se postular um horizonte universal para nossa busca de entendimento, mesmo que esteja claro que na prática jamais tratarei com categorias universais – mas apenas com categorias mais universais do que outras (TODOROV, 1993, p. 89).

De modo algum se pode pensar em uma categoria universal. Tal fator seria falacioso, a princípio, pelo fato de ser praticamente impossível alguém encontrar pressupostos sociais que sejam, efetivamente, universais a todos os indivíduos. A noção de todo é, *a priori*, excludente, uma vez que se fecha em si mesma e, portanto, nega aquilo que for alheio ou diferente.

Para que haja interação entre humanos, o ser deve abrir seu universo de conhecimento e buscar áreas comuns nas quais a sociabilização se torne viável. Essas, entretanto, de modo algum podem ser vistas como finalizadas; são áreas transitórias, nas quais, todos os dias, seres circulam, com o intuito de se conhecerem mutuamente. Quando isso é bem efetuado, a outridade se instaura, a aceitação do Outro ocorre e a área de interação, anteriormente alheia a ambos, torna-se campo comum no qual novas relações com outros indivíduos poderão ser construídas.

Desse modo, o espaço mútuo se expande de maneira constante, o universal é evitado como conceito fechado e os diversos nichos de comunicação são estabelecidos. Mesmo em outras áreas, observa-se como Todorov (1993) e Lévinas (1980) dialogam em relação ao Outro e como o conceito implica em mais que a

mera compreensão da existência de outros seres; implica, inevitavelmente, na própria compreensão da sociedade e da humanidade.

Esse mútuo, esses nichos de comunicação que vão sendo estabelecidos entre o Outro figurado e o *eu* evitam a compreensão da outremização como um simples símbolo cartesiano. Não são polos a serem analisados, mas partes, intercambiáveis e constantemente fluídas, sem, necessariamente, formarem um todo. “A alteridade do Outro não se dá através da negação do Eu, como se Outrem fosse diante de mim apenas um não-eu. Identificar o Mesmo e o Outro por simples oposição seria ainda englobá-los numa totalidade da qual fariam parte” (RODRIGUES, 2007, p. 105), quando, de fato, devemos pensar em noções não totalizantes de mundo, aproximadas de visões de colmeia, contemporaneamente estudadas como indícios de uma existência social não fixa/completa.

O *eu* depara-se com o Outro a todo momento, adaptações e deslocamentos são constantes e necessários; partes de uma suposta totalidade são construídas, mas de modo algum há um Todo em si. O outrem é um *não eu*, mas, além disso, ele é o universo imaginado, o ente a quem devemos sempre enfrentar e compreender, a fim de criarmos diferentes construtos ideológicos ao longo da vivência social.

Nesse sentido, é importante reavaliar alguns dos escritos teóricos anteriores. Todorov (1983, p. 6) menciona que “os homens descobriram a totalidade de que fazem parte. Até então, formavam uma parte sem todo”, ao estudar o encontro e consequente choque cultural entre os autóctones americanos e os conquistadores europeus. Acertadamente, nota como houve uma expansão da compreensão social dos indivíduos com esse enfrentamento entre culturas.

No início de século XXI, o uso do termo “totalidade” deve ser feito com cautela. Os homens da época da conquista podem ter descoberto ser uma parte de algo maior, todavia não concebido e não concreto, mas considerar que o europeu enfrentou uma suposta totalidade ao encontrar o autóctone americano é ignorar as diversas minúcias culturais existentes entre esses mesmos povos, bem como as inúmeras outras culturas envolvidas no conjunto global de socialização.

O Outro foi descoberto de maneira mais brusca, talvez, na conquista da América, mas hoje é difícil aceitar uma noção de totalidade em si. Portanto, Todorov (1993) é crucial para a compreensão sobre alteridade, mas, para que haja algum tipo de avanço em relação ao tratamento que há sobre o Outro, é necessário cautela

com o uso de determinados vocábulos, outrora não calcados por tamanha significação.

Diferentemente do que se poderia pressupor, caso não analisado de modo mais aprofundado, o ser humano permanece parte, sem necessariamente um todo. Podemos julgá-lo como todo no momento em que se enxerga o planeta como aldeia global de perpétua interação entre seres vivos, contudo, esses não encontraram um terreno comum ao qual possam aplicar a terminologia de “todo”. É até benéfico à interação humana que esses pequenos espaços de uma totalidade, jamais encontrada, existam para seres vivos, uma vez que os deslocam de espaços seguros e os forçam à interação e, conseqüentemente, à compreensão daquilo que lhes era alheio anteriormente.

O jogo da outridade ocorre nesse intenso jogo de noções alheias ao *eu*, em contraponto àquilo que se estrutura como pertencente ao indivíduo. O Outro, aliás, pode ser responsável, por vezes, até por provocar um deslocamento do que é dado como intrínseco a determinado ser. Na contemporaneidade, em que o capitalismo como política econômica principal, aliado a uma ruptura de pressupostos arcaicos ou conservadores, provoca uma fragmentação de noções do ser, o indivíduo deve, cuidadosamente, num percurso que, provavelmente, é alheio a ele conscientemente, passar pela alteridade sem perder-se nesse mesmo evento.

Comentamos ser um sistema da contemporaneidade, uma vez que aparenta ter sido potencializado, com o grande embate cultural, o deslocamento das “verdades” para ideias próximas ao perspectivismo e pelo fato de que os próprios símbolos de nação, idioma, religião e etnia foram revisados e questionados, principalmente a partir do final do século XIX. Mesmo sem ter-se debruçado sobre esses tópicos, o humano é crivado por entendimentos que reconstroem determinadas “verdades”, como dogmas religiosos ou pressupostos étnicos, e que clamam por um entendimento do Outro, ao mesmo tempo em que é tomado pela necessidade de individualidade. Então,

*[...] the deepest problems of modern life flow from the attempt of the individual to maintain the independence and individuality of his existence against the sovereign powers of society, against the weight*

*of the historical heritage and the external culture and technique of life*<sup>17</sup> (SIMMEL, 1950, p. 11).

Como Simmel argumenta, o indivíduo tem de lidar com os poderes que o circundam, para manter qualquer tipo de poder sobre si. Retorna-se à noção do Outro como todo o universo que permeia o ser, pois esse deve controlar as forças alheias, aceitá-las e/ou compreendê-las, mas sem, necessariamente, provocar uma crise existencial ou o apagamento do ser.

A vida social atual é pautada no princípio da convivência entre diferentes, entre alheios. Contraditoriamente, o signo de pária persiste, como visto no forasteiro, desde sua chegada. Essa necessidade de convivência da(s) sociedade(s) contemporânea(s) sugere um lidar intenso e constante de outridade e reconhecimento do Outro.

Sem esse movimento, considera-se que a realidade social, no início de século XXI, poderia ser bastante diferente, pautada em segregação, preconceções e recusa entre indivíduos. Esses conceitos retrógrados não desapareceram, mas o jogo entre a independência do indivíduo, como Simmel (1950) argumenta, e o reconhecimento do Outro, aos moldes de Lévinas (1980), provoca uma outremização maior e alcançada com maior afinco, fato que, embora auxilie no deslocamento do ser, é relevante para uma comunidade que gradativamente se aproxima de uma aldeia global entre seres.

Em relação ao que Simmel chama de “os poderes soberanos da sociedade”, quando analisados sob a perspectiva das pesquisas voltadas à alteridade, observa-se que tal noção vem ao encontro do Outro como mundo que Lévinas (1980) assume e, portanto, pode ser corroborada pela voz de Sahlins (2008), que estuda a importância de certos preceitos históricos na produção da *psique* social do indivíduo contemporâneo.

O histórico dificilmente é deixado de lado em hipóteses acerca da outridade e do Outro, pelo fato de ser visível, por meio do historicismo, como certas relações e sentidos são agregados à sociedade e à construção do indivíduo. De acordo com o teórico,

---

<sup>17</sup> Nossa tradução: os problemas mais profundos da vida moderna fluem da tentativa do indivíduo de manter a independência e a individualidade de sua existência contra os poderes soberanos da sociedade, contra o peso da herança histórica e da cultura externa e técnica de vida.

[...] *ranging from beasts, spirits, and gods to ineffable forces, by the way of the generic dead or the ancestors, and of other peoples with their remarkable gifts, the extraordinary agents that control the human fate live outside the space of human control. More precisely, the lack of control translates as being-in-other-space*<sup>18</sup> (SAHLINS, 2008, p. 139).

Considerando-se as palavras do teórico, é possível aproximar a noção de *being-in-other-space* (SAHLINS, 2008) do conceito de entre-lugar, desenvolvido por Santiago (2000), visto que ambos os textos pressupõem a existência de um local não fixo, não padronizado, indefinido, que abarca aspectos do desenvolvimento humano. Não almejamos considerá-los o mesmo, mas podem ser unidos, minimamente, dentro do campo de saberes relacionados à alteridade. Se o discurso e, por conseguinte, o próprio latino-americano, como quer Santiago, ocupa esse entre-lugar das produções humanas da contemporaneidade, é também uma espécie de entre-lugar que existe nas relações de outremização. Almejamos entender um Outro, sem perder-se o *eu*; aproximar-se da fugidia aceitação humana, sem perder noções que projetam o individualismo; mais além, tentar controlar e compreender aquilo que é incontrolável e, talvez, incompreensível. Tais paradoxos fazem parte não somente do pensamento latino-americano, principalmente literário, mas também das próprias relações interpessoais visíveis globalmente no século XXI. Uma vez que o sentido de totalidade não é ponto de atuação de pesquisas atuais, principalmente aquelas voltadas à alteridade, percebemos que o paradoxo, ao invés de ser refutado, como já fora efetuado outrora, torna-se objeto de estudo e compreensão do ser humano, multifacetado e pluralizado.

Não obstante, atentemos para o fato de que a compreensão do Outro também parte de pressupostos míticos. Como Sahlins (2008) comenta, de bestas a deuses, aquilo que os seres humanos criaram para si faz parte da *psique* e, também, do inconsciente coletivo presente na(s) sociedade(s), portanto, deve ser tomado em pauta quando se pretende ter compreensão de quem é o alheio, o Outro. O mito é construto humano importante à sua formação e, deste modo, a compreensão daquilo que não é tangível é praticamente tão importante quanto o entendimento do concreto, quando se intenciona abarcar algo que é alheio à própria vivência. Deste

---

<sup>18</sup> Nossa tradução: [...] variando de bestas, espíritos e deuses a forças inefáveis, pelo caminho dos mortos genéricos ou dos ancestrais, além de outros povos com seus incríveis dons, os extraordinários agentes que controlam o destino humano vivem fora do espaço de controle humano. Mais precisamente, a falta de controle se traduz como estar-em-outro-espaço.

modo, a religião, o mito, a cultura são elementos tão importantes ao estudo das representações do Outro quanto etnia, gênero e idioma que determinado ser possa ter. Em relação à alteridade e ao Outro em *lato sensu*, tornam-se mais importantes, por servirem como medidas únicas que podem ser analisadas por determinado estudioso.

Trata-se de categorias diversas nas quais as pesquisas acerca da outremização e do Outro se realizam, mas que congregam em torno de saberes contemporâneos. Novamente, é necessário retornar a Todorov (1993), quando esse estabelece pontos em que é possível estabelecer uma teoria acerca da outridade e, conseqüentemente, em relação ao entendimento sobre o Outro. Para o teórico,

[...] para dar conta das diferenças existentes no real, é preciso distinguir entre pelo menos três eixos, nos quais pode ser situada a problemática da alteridade. Primeiramente, um julgamento de valor (um plano axiológico): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me é igual ou me é inferior (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho autoestima...). Há, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (um plano praxiológico): adoto os valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (seria o plano epistêmico); aqui não há, evidentemente, nenhum absoluto, mas uma gradação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores (TODOROV, 1993, p. 222).

Em relação ao primeiro elemento, observamos que Todorov contextualiza o momento, provavelmente, inicial de mútua aceitação. Em atitude reacionária, a inicial noção acerca do Outro é pautada em preceitos cartesianos e óbvios de certo ou errado, bom ou ruim, em noções morais e ideológicas de determinado indivíduo. Nesse momento, deve-se esperar, via de regra, uma repulsa inicial ao Outro, uma vez que, quase invariavelmente, esse apresentará características não condizentes com o ser que se depara com ele e lhe causa estranheza. Seja pela cultura, pela religião, pelo idioma, pela etnia, algo de diferente provoca a repulsa ao Outro e o princípio de outridade não confere igualdade e clareza a outrem. É importante observar que esse, como Todorov menciona, será visto como inferior na grande maioria das situações, uma vez que o indivíduo a analisar o Outro não está

envolvido em uma mentalidade que busque enxergar o pária como um mesmo, mas como automaticamente menor, inferior, ruim.

Notemos também que o teórico busca estudar como se dá a outremização no plano do real, do contato, propriamente dito, entre seres humanos. Isso o separa, por exemplo, de Lévinas (1980), que almeja o abstrato, a relação de um *eu* figurado com um Outro indefinido. No caso, ambos são importantes campos de percepção do contato entre seres, principalmente em solo americano, que há tanto lida com o abstrato e o concreto, com o ideológico e o “factual”, com o sincrônico e o diacrônico.

Num segundo ponto, Todorov pressupõe um sistema prático, no qual a alteridade, de fato, é construída. Valores são impostos ao Outro, introjetados ou projetados a esse ser desconhecido. Aceitam-se certas diferenças, ignoram-se outras; uma práxis de atuação é instaurada, mesmo que sem um foco consciente do indivíduo. A imagem do *eu* é projetada ao Outro, com vistas à investigação das semelhanças e diferenças, mas, dessa vez, já com uma compreensão de que haverá pontos de choque e de encontro. O Outro é percebido mais exaustivamente, mais parcimoniosamente também. O rechaço começa a ser recalculado e, por vezes, eliminado da questão. Determinadas diferenças podem, a partir desse ponto, ser ultrapassadas e o entender desse ser alheio pode ser efetuado.

Todorov, em um comentário pontual, demonstra como pode haver, mesmo assim, um tom de superioridade para com o ser percebido. Entretanto, agora, o *eu* pode também se considerar inferior ao Outro, o que provocaria uma rejeição às avessas, em que o *eu* entende o Outro e introjeta tanto dele para si que acaba por perder sua individualidade original; o deslocamento ocorre de modo aguçado demais. Finalmente, Todorov explica que a neutralidade, nesse momento, também é possível. O Outro é estudado e compreendido, ao menos em partes, mas sem que haja, necessariamente, um juízo de valor sobre o sujeito em reconhecimento. Em áreas das humanidades como a antropologia, esse elemento é bastante observável.

Em relação ao terceiro pressuposto estudado por Todorov, notamos ser esse talvez o mais abstrato deles. Baseado na noção epistemológica, o conceito enxerga a possibilidade da outremização em relação a preceitos de reconhecimento ou não da existência de determinado ser, do Outro. O sistema em si permite a existência de um outro ou é excludente em relação a ele; é uma das premissas básicas nesse

estilo de pensamento. Torna-se intangível pelo fato de ser, provavelmente, anterior à repulsa do primeiro elemento analisado por Todorov (1993). Para que o Outro seja ignorado, deve-se pressupor, ao menos, um contato tão mínimo com os arredores que esse não permite a compreensão de que existe um outrem a ser buscado e/ou investigado.

Justamente por ser o mais impalpável dos elementos expostos por Todorov, este é o menos comentado pelo autor. Novamente, é nesse ponto que autores como ele e Lévinas se separam, uma vez que o segundo se debruça justamente sobre o imaterial, o filosófico, o intangível em relação à outridade. Entretanto, o ponto de encontro entre ambos está justamente no fato de os autores, tratados como reflexos das pesquisas sobre alteridade, evitarem o total, negarem um fechamento em relação à outremização. Para estudar o Outro, o absoluto deve ser ignorado.

Com o intuito de complementar as pesquisas efetuadas por Lévinas (1980) e Todorov (1993), Simmel (1971), o antropólogo, ao abarcar a vida social no século XX, faz comentários pertinentes sobre o mútuo reconhecimento e aceitação. Embora não pondere o conceito em si, muito do que o autor sugere vem ao encontro do que seria pressuposto, posteriormente, em relação ao Outro. Em determinado trecho de seus comentários, o teórico reflete que

*[...] to the extent that such forces have been integrated, with the fleeting existence of a single cell, into the root as well as the crown of the totality of historical life to which we belong – it is our task not to complain or to condone but only to understand*<sup>19</sup> (SIMMEL, 1950, p. 19).

As forças que o teórico alemão comenta terem sido integradas são os elementos de formação social aliados aos elementos de produção da *psique* dentro da metrópole capitalista em formação, vista pelo autor como originária de todo um pensamento e uma ideologia da contemporaneidade, pautada em noções próximas ao individualismo.

Entretanto, ao mencionar o integrar de forças excludentes e a existência de uma célula única gradativamente fugidia, Simmel (1950) se aproxima das noções antitotalizantes que tanto são comentadas por Todorov (1983) e Lévinas (1980). A

---

<sup>19</sup> Nossa tradução: [...] ao passo que tais forças foram integradas, com a fugaz existência de uma célula única, dentro da raiz, bem como da coroa da totalidade da vida histórica à qual pertencemos – é nosso papel não reclamar ou aceitar, mas somente o de entender.

célula passa a não ser mais geradora de um sistema completo e fechado em si, mas parte de uma, possivelmente, infinita cadeia de relações que operam na formação do *eu* e do outrem, responsáveis pela relação de mútua aceitação e possível compreensão do Outro. Não obstante, o teórico alemão argumenta que é papel do estudioso compreender as relações sociais vigentes, sem aplicar juízos de valor sobre essas.

Tal comentário aproxima-se da segunda hipótese aplicada por Todorov (1983) em relação à alteridade, que seria a de neutralidade em relação ao outrem. Simmel (1950) argumenta ser necessária essa neutralidade para o pesquisador, enquanto Todorov pensa em sentido *lato*, mas ambos os ideais são intercambiáveis e, novamente, reiteram a hipótese de que é impossível tratar de outriedade como sistema fechado e, de algum modo, totalizante. Em parábola, retoma-se também a noção de que ensinamentos atuais pautados na literatura comparada não devem assumir caracteres totalizantes, uma vez que a própria vivência em sociedade, a início de século XXI, descaracteriza e, até mesmo, nega tal perspectiva.

Para a seção seguinte, objetivamos, portanto, discutir como ocorre a descoberta e o reconhecimento da existência de um outro forasteiro em solo americano. Buscamos abarcar como a pluralidade do continente, como observado por Santiago (2000) em relação ao entre-lugar, Vargas Llosa (2006) e sua questão de pluralidade identitária, Fleck (2012) e seus estudos da contemporaneidade, entre outros, é reflexo de um constante embate entre seres distintos, acarretador da outremização e da aceitação em solo americano.

## 1.2 A AMÉRICA – CONTINENTE PROFÍCUO À DISCUSSÃO DO EMBATE ENTRE OUTROS ESTRANGEIROS

Após contextualização básica acerca do conceito de Outro e do que é dado como alteridade por determinados autores – principalmente Todorov (1983) e Lévinas (1980) – é necessário ressaltar o papel que tal temática possui na América, bem como em quais pontos é possível agregar o sentido de *ádvēna* a tal sistemática. Notamos que a América é, por origem, um local calcado na interação entre povos e culturas distintas.

Desde a conquista houve o choque, muitas vezes, violento, entre diferentes perspectivas de mundo. O Outro, nesse sentido, é tema recorrente no continente como um todo. A falta de compreensão do Outro, seja o europeu, tendo em vista os olhos dos autóctones, seja o próprio indígena americano – caso assumamos uma perspectiva eurocêntrica – levou a constantes batalhas na América. Isso resultou, muitas vezes, em assassinatos, desmandos, genocídios e catástrofes que, se não pudessem ter sido aliviadas, ao menos poderiam ter sido diminuídas durante os séculos de domínio eurocêntrico se a vontade da conquista tivesse cedido, um pouco ao menos, à gana de conhecer, de fato, o universo alheio.

Mesmo após as batalhas de independência, principalmente na América Central e do Sul, o que se nota é que não houve uma real compreensão do outrem que também habita esse espaço, uma vez que é visível, até hoje, a exclusão e a rejeição de determinadas culturas e/ou indivíduos. Se, no Brasil, o preconceito e o embranquecimento do mulato são tendências que hoje perduram na sociedade, a exclusão do indígena, embora em graus variados, é visível desde os Estados Unidos até o sul da América. Esse fato traz à tona a necessidade de discussão acerca do tema em solo americano. Não obstante, um vasto território tão miscigenado, tão mestiço, tão marcado pela hibridação cultural, não pode, simplesmente, ignorar a necessidade da reflexão sobre a compreensão da outremização existente nesse solo, uma vez que é, justamente, nessa hibridez que pode ocorrer a construção do ser americano, como pressuposto por Fleck (2009), quando este comenta o fato de ainda ser um elemento em construção a conceituação do que seria, ao menos, a latino-americanidade, vide o fato de as inúmeras culturas que formam o continente estarem no percurso de aproximação e entendimento mútuo.

Ressaltamos, novamente, que é o modernismo brasileiro, que surge como tendência a ser retomada, conquanto não seja apenas esse o movimento a mencionar tal assunto, no momento em que obras como *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, e *Manifesto Antropófago* (1928), de Oswald de Andrade, tratam da questão antropofágica do discurso latino-americano. Desde a geração de 22, a literatura do país lida com o ideário de que o antropofágico seria o sinal do brasileiro, que a marca cultural tupiniquim estaria pautada em pressupostos do ritual antropófago cultural. Adequando-se tal teoria ao continente como um todo, é possível identificar sinais de mescla e intercâmbio cultural em quaisquer culturas

estabelecidas no território. Por outro lado, poder-se-ia argumentar que, talvez, esse seja o caso, também, das sociedades como um todo. O *boom* literário hispano-americano, por sua vez, também será responsável pelo diálogo no qual textos diversos são amalgamados em um novo, que já não é apenas repetição, mas criação a partir da antropofagia. Exemplo disso pode ser visto em “Pierre Menard, autor de Quixote” (1939), de Jorge Luis Borges, conto no qual uma suposta nova versão do Quixote, escrita posteriormente ao romantismo, seria mais rica que a original, pelo fato de ter se valido de textos anteriores, com os quais Cervantes foi, obviamente, impossibilitado de dialogar. A primazia pela referência, pela intertextualidade e pelo diálogo é constante no discurso literário americano.

Durante a colonização, principalmente em relação à perspectiva do conquistador, o que se observou foi uma repulsa constante ao Outro, um prejuízo baseado na falta de compreensão. Tal perspectiva gerou a imagem deturpada e inferiorizada do autóctone e/ou do escravo como animalesco, ingênuo, impuro. Esse tipo de valor imposto gera preconceito e dificulta o trabalho de compreensão da existência de um Outro, humano a ser respeitado. Como Bonnici (2000, p. 53) pressupõe, “*differentiation and cultural emptiness objectify the natives and confirm the tabula rasa characteristic of the other*”<sup>20</sup>, ao analisar a *Carta de Pero Vaz de Caminha* (1500), quando o Outro não é visto como dotado de características intelectuais, portanto, inferior, fato visível na conquista da América. Em tal processo, esse se torna tábula rasa na qual valores e características podem ser impostos, independentemente da vontade do indivíduo. Tal fator é prejudicial à compreensão do outrem, uma vez que limita a abrangência possível de atuação desse ser e o trata, quase que automaticamente, como objeto de uma equação pautada em projeções cartesianas de superioridade e inferioridade, bem e mal, certo e errado.

Tais valores impostos já revelam uma impossibilidade de totalidade, ignorada pelo sujeito que visa inferiorizar o que tem por diante, pois “culpabilidade e inocência supõem um ser, que não coincide com a totalidade do ser, já que ele é culpado ou inocente em relação a outrem, ou, ao menos, em relação a um princípio que ultrapassa o eu” (LÉVINAS, 1980, p. 42). Desde a *Carta de Pero Vaz de Caminha* (1500) – que pressupõe uma inocência dos autóctones e, portanto, uma inferioridade deles, pelo fato de não serem dotados de uma suposta plenitude visível apenas aos

---

<sup>20</sup> Nossa tradução: diferenciação e vazio cultural objetificam os nativos e confirmam a característica de tábula rasa do Outro.

européus –, o conquistador esquece que, na realidade, tais noções sempre pressupõem um outrem e um sentido que vai além do eu em questão. Nesse sentido, todos os seres humanos não seriam plenos, fato desconsiderado no momento de repulsa em relação ao autóctone e/ou ao escravo.

O continente americano passou por uma aproximação cultural entre nichos distintos bastante forte, no entanto, pautado quase que sempre na cautela, na reserva e na falta de compreensão em relação ao Outro. O problema em si nem se deve à cautela, mas à aversão provocada pelo estranhamento costumeiramente. Como já enunciado, o primeiro elemento social, na maioria das vezes, parte de parâmetros reacionários e, portanto, foi fácil o distanciamento transformar-se em aversão e, conseqüentemente, preconceito. Novamente, Simmel traz à tona tal processo, quando comenta que

*[...] indeed, if I am not mistaken, the inner side of this external reserve is not only indifference but more frequently than we believe, it is a slight aversion, a mutual strangeness and repulsion which, in a close contact which has arisen any way whatever, can break out into hatred and conflict<sup>21</sup> (SIMMEL, 1950, p. 15).*

A reserva externa ao Outro leva, internamente, à aversão. Simmel, acertadamente, expõe que tal fato ocorre mutuamente. Mas, ressaltamos a noção de que o dominante tem direitos sobre o dominado. Isso se deve ao fato de ser ele o detentor do controle social, econômico e ideológico e, portanto, o ódio e conflito partirão, principalmente, dele, uma vez que é o ser que trata o Outro como objeto de maneira contundente. Simmel comenta ser leve a aversão provocada, mas, a longo prazo, é esse mesmo fator o responsável pela gradativa intensificação da segregação em determinado território. Dentro da extensão americana, a falta de unidade aparente entre alguns discursos evidencia como agendas diferentes são reflexos de perspectivas distintas, normais em si, mas prejudicadas pela aversão ao Outro, originada, predominantemente, em períodos coloniais.

Finalmente, ao escolher o termo inglês *strangeness*, Simmel se aproxima dos nossos objetivos, uma vez que o vocábulo compartilha o sentido de estranhamento e

---

<sup>21</sup> Nossa tradução: [...] de fato, se não estou enganado, a face interna dessa reserva externa é não somente indiferença, mas, mais frequentemente que acreditamos, uma leve aversão, um estranhamento e repulsa mútuos que, em um contato próximo que tenha se originado de qualquer modo, pode tornar-se ódio e conflito.

estrangeirismo aqui analisado. O forasteiro é um Outro por definição: dotado, quase sempre, de um idioma diferente, cultura distinta, trejeitos e modos desconhecidos, valores incomuns e, por vezes, conflitantes com aquele que está em sua terra de origem. É ele quem, principalmente na contemporaneidade, traz à tona a necessidade de outridade.

Em um período pós-colonial, no qual já se tem refletido e ponderado sobre as marcas e cicatrizes que são visíveis devido à época de dominação, é o estrangeiro que escancara o Outro ao natural. Sua figura é a que nos obriga à necessidade de reflexão e compreensão. O ser vindo de um lugar diferente, atualmente, é o reflexo vivo e concreto do Outro em solo americano. Sua representação deve ser estudada, com vistas à compreensão de como se dá a outremização no continente. A literatura, por sua vez, lida com tal temática desde o século XIX, com o romantismo, embora tenha se focado mais nesse assunto no século XX.

Com intuito de definição, tomamos as palavras de Schuetz (1944) para a observação de o que é, na sua opinião, um estrangeiro. Segundo o autor, *“for our present purposes the term ‘stranger’ shall mean an adult individual of our times and civilization who tries to be permanently accepted or at least tolerated by the group which he approaches”*<sup>22</sup> (SCHUETZ, 1944, p. 499). Desse modo, para a pesquisa, utilizamos três contos que lidam com o embate entre um recém-chegado e um nativo, estrangeiro esse adulto nos três casos e que busca, minimamente, adequar-se ao local do qual faz parte no instante em que a narrativa se desenvolve. Tal definição é importante por delimitar a abrangência de atuação da pesquisa e por auxiliar no desenvolvimento da teoria de alteridade que busca ser revelada na análise das obras.

A delimitação de ser adulto, embora pareça arbitrária, é importante no momento em que determina o nível de capacidade de abstração esperado do embate que provocará a outremização e, talvez, o reconhecimento do Outro. Uma criança, ainda não em plena compreensão de certos sistemas sociais, talvez não fosse objeto de estudo para a questão da outridade em solo americano e, portanto, as palavras de Schuetz auxiliam bem no afunilar do campo que a pesquisa pretende tomar.

---

<sup>22</sup> Nossa tradução: para nossos propósitos presentes, o termo “estrangeiro” deverá significar um indivíduo adulto de nossos tempos e civilização que tenta ser permanentemente aceito ou ao menos tolerado pelo grupo ao qual ele se aproxima.

Em relação à tentativa desse forasteiro em “ser tolerado”, é fato também digno de avaliação, uma vez que nem sempre é visível a tentativa de o estrangeiro ser aceito. Por vezes, esse apenas pretende viver uma vida pacata em solo alheio, o que não, necessariamente, implica em aceitação *per se*. A breve definição de Schuetz vem ao encontro da temática que nos ocupa.

O forasteiro, mesmo quando habituado dentro da nova região que habita, permanece oculto, não descoberto. Nesse sentido, torna-se um igual que não alcançou a igualdade, um ser à margem, à deriva entre o seu mundo original e o mundo ao qual pertence agora. Ele instiga a curiosidade no Outro, ao mesmo tempo em que é um outrem bem definido. Essa curiosidade, por sua vez, poderá emanar inveja, comiseração, medo, repulsa, ódio. Segundo Sahlins (2008, p. 139-140), esses estrangeiros representam

*[...] peoples whose cultural existence may be enviable or scandalous to them. But in either case, by the very difference from themselves, ken are strangers who thus offer proof of a transcendent capacity for life. It is as if nothing foreign were merely human to them. Endowed with transcendent powers of life and death, the foreign becomes an ambiguous object of desire and danger.*<sup>23</sup>

O intruso é, automaticamente, visto com caracteres ambivalentes. Ele é a personificação daquilo que é paradoxal. Um outrem a ser desvelado, o forasteiro mistifica as relações entre humanos e serve como exemplo primordial do que é a alteridade em sentido concreto. A cada novo embate cultural, o ádvena será projetado pelo grupo de nativos como um ser, possivelmente, perigoso, dotado de características alheias que, por vezes, nem humanas serão consideradas.

A vida, por sua vez, como Sahlins demonstra, é tida como transcendental desde sua origem, afinal, aquilo que é tido como normal para um indivíduo é assumido como regra, ao passo que os costumes de um adventício deturpam essa norma e mostram que há possibilidades jamais concebidas anteriormente de vivência para indivíduos. De todo modo, é o estrangeiro o responsável pelo deslocamento do ser nativo, ao mesmo tempo em que ele está deslocado também,

---

<sup>23</sup> Nossa tradução: [...] povos cuja existência cultural pode ser invejável ou escandalosa a eles [os nativos]. Mas, de qualquer modo, pela simples diferença entre eles, os conhecidos são estrangeiros que, portanto, oferecem prova de uma capacidade transcendente de vida. É como se nada estrangeiro fosse meramente humano para eles. Dotado de transcendentales poderes de vida e morte, o estrangeiro torna-se um ambíguo objeto de desejo e perigo.

uma vez que assume uma vivência em local que lhe é desconhecido e, via de regra, estranho.

O estrangeiro, “*as a group member, rather, he is near and far at the same time*”<sup>24</sup> (SIMMEL, 1971, p. 148), ou seja, ele tem apenas um certo tanto de características de aproximação em relação ao novo grupo do qual tenta fazer parte. Está próximo na medida em que deve se adequar, mesmo que minimamente, às normas impostas pela vivência no novo nicho social, pelas possíveis similaridades de algumas características sociais vigentes, pelos gostos e modos, enquanto se distancia, quase sempre, pelo idioma, pela cultura e pelos valores sociais que foram introjetados em seu ser ao longo da formação social que teve.

Concomitantemente, ele está próximo e distante do nativo. A outridade toma forma e, caso haja o reconhecimento do Outro, ambos conviverão harmoniosamente. Deste modo, “*the stranger stays, but he is not settled. He is a potential wanderer. That means he is not bound as others are by the local proprieties and conventions*”<sup>25</sup> (PARK, 1928, p. 888), no sentido de que a permanência latente do forâneo é motivo suficiente para enxergá-lo já como parte do novo nicho social, mesmo que, de modo algum esse apresente características que possam traduzi-lo como estabelecido em novo solo.

Ocorre um duplo evento: por um lado, ele deve se adequar e fazer concessões para que haja sentimento de pertencimento ao novo conjunto no qual tenta se inserir, ao mesmo tempo em que o ádvana tem a liberdade de ignorar ou relevar certas regras e valores impostos pelo grupo, pelo mesmo fato de não fazer parte dele. Continua, como Simmel sugere, perto e longe concomitantemente.

Além disso, a liberdade relativa que o forasteiro possui para a quebra de certos pressupostos também é paradoxal. Isso porque ela lhe é dada pelo fato de ele não conhecer muito bem os parâmetros que deveria seguir, ao mesmo tempo em que reflete a não adequação desse ser ao meio social circundante. Tal situação, novamente, coloca-o na posição de estrangeiro/estranho.

São essas aparentes dicotomias que vão relegando o adventício ao papel do Outro, *being-in-other-space* (SAHLINS, 2008), no sentido aproximado de entre-lugar

<sup>24</sup> Nossa tradução: enquanto membro do grupo, melhor dizendo, ele está perto e longe ao mesmo tempo.

<sup>25</sup> Nossa tradução: o estrangeiro permanece, mas ele não está estabelecido. Ele é um errante em potencial. Isso significa que ele não está restrito como os outros estão pelas propriedades e convenções locais.

postulado por Santiago (2000). Todos esses procedimentos sociais acabam por deslocar esse sujeito a um ponto de deriva e fragmentação suficientemente forte para que ele *não* pertença, em alguma medida, nem à terra natal, nem à que habita no momento. Nesse entre-lugar, ocorre a cisão do estrangeiro, que, se não tomar conta mínima de seu *eu*, poderá ter esse Mesmo, aos moldes de Lévinas (1980), rompido.

Comentamos isso, pois “*the discovery that things in his new surroundings look quite different from what he expected them to be at home is frequently the first shock to the stranger’s confidence in the validity of his habitual ‘thinking as usual.’*”<sup>26</sup> (SCHUETZ, 1944, p. 503). Esse “pensar como usualmente” pode ser muito prejudicial à formação intelectual do forasteiro dentro de seu novo sistema social. Sabemos que tal fator pode ser aplicado a qualquer indivíduo que lide com uma situação sobre a qual não tem controle, mas em relação à figura do *ádvēna* ela é relevante. Caso o *eu* sofra com seus novos e desconhecidos arredores, pode ocorrer uma severa mudança em seu Mesmo, como exposto por Lévinas (1980).

O Outro, nesse sentido, acaba por introjetar tão fortemente no *eu* que a *psique* do estrangeiro é alterada. Nesse sentido, a outridade acabaria por provocar um regime, no qual o *alóctone* acaba por se perder, em meio a tudo o que é novo. Para que a alteridade seja alcançada, minimamente, com sucesso – com a compreensão do Outro e a manutenção de um *eu* mínimo –, é necessário que o *ádvēna* reconheça a estranheza de sua nova situação e, gradativamente, aceite determinados valores e preceitos impostos pelo novo grupo.

Para a América, notamos como tal temática é importante, dado o intenso, constante e, aparentemente, perpétuo choque cultural que vigora no continente. A variada gama de seres viventes na América sugere um contínuo enfrentamento com o Outro. A outridade, nesse sentido, é tema recorrente e necessário de ser demonstrado dentro desse universo.

Esse é, portanto, o processo responsável por provocar a intensa hibridação visível de nossas sociedades, ao menos, na América Central e do Sul. Hoje, a América do Norte também passa por uma forte miscigenação e imbricamento cultural, embora, nesse espaço, isso tenda a ser um percurso recente. A América –

---

<sup>26</sup> Nossa tradução: a descoberta de que as coisas em seus novos arredores aparentam bem diferentes daquilo que ele esperava que elas fossem em casa é frequentemente o primeiro choque à confiança do estrangeiro na validez de seu habitual “pensamento de sempre”.

na categoria de região geográfica – é campo frutífero para os estudos da representação do Outro refletidos sobre a figura do forasteiro, uma vez que é, exatamente, esse um exemplo concreto do Outro.

Não obstante, é possível observar que, a início de século XXI, sistemas de migração, imigração e emigração são constantes em solo americano. Em determinados pontos geográficos, especialmente aqueles que sofrem com as intempéries meteorológicas (por exemplo, o semiárido ou a caatinga brasileiros), são visíveis traços de êxodos sociais. Países como o Haiti sofreram, recentemente, grandes processos de êxodo, formando uma população deslocada, como a visível massa de haitianos presente em terras nacionais atualmente. Tais eventos não somente potencializam, mas também maximizam as aproximações interpessoais. São episódios que obrigam os seres, tanto aqueles que foram embora e são vistos como os ádvenas, como os que estão em sua terra de origem, mas têm de enxergar e compreender “o novo” que se aproxima, a se adequarem a novas instâncias.

Em micro e macro escala, o estranho é um sintoma, como Kristeva (1994, p. 108) assume, de toda uma cadeia histórica sincrônica e diacrônica de ações que levam ao choque entre indivíduos, ocasionando o escancarar do Outro e a necessidade de discussão sobre outridade. O forasteiro, nesse sentido, não é apenas o ser que veio de outra terra, de outro país, mas o próprio conterrâneo desconhecido, seja pela extensão geográfica de um país, seja pelo apagamento de certos sujeitos pelo sistema dominante, definição que corrobora a visão *lato sensu* que Schuetz (1944) traz à tona. Compreender o Outro, agora, é também compreender-se, entender a que o *eu* pertence. Portanto,

*[...] migration as a social phenomenon must be studied not merely in its grosser effects, as manifested in changes in custom and in the mores, but it may be envisaged in its subjective aspects as manifested in the changed type of personality which it produces.*<sup>27</sup>  
(PARK, 1928, p. 887).

Ao aliarmos o termo migração de Park (1928) aos seus relacionáveis imigração e emigração, vemos que a forma como os seres humanos se relacionam na contemporaneidade é mais complexa que somente uma relação de opostos,

<sup>27</sup> Nossa tradução: [...] migração como fenômeno social deve ser estudada não somente em seus efeitos brutos, como manifesto em mudanças de costumes e afins, mas ela pode ser vista em seus aspectos subjetivos, como manifesto no alterado tipo de personalidade que ela produz.

principalmente aos moldes cartesianos de entendimento. Na primeira metade do século XX, Park já observava a importância das pesquisas relacionadas à sociedade em formação da época, aproximada aos moldes em que concebemos o mundo hoje, calcado e permeado já pelo capitalismo como escola econômica primordial.

Ele, já então, aplicava noções bastante subjetivas à compreensão das eventualidades humanas. Não apenas há uma mudança de valores na interação com o Outro em sua forma de estranho, mas há, como explicitado, uma alteração na própria *psique* do humano, fator que reflete, atualmente, nas condições abstratas de interpretação das relações sociais.

Difícilmente é possível falar em países, nações e Estados da mesma maneira com a qual tais termos eram utilizados anteriormente. Com a intensa globalização, maquinização e abstração das conceituações outrora tidas como canônicas, o mundo, a início de século XXI, tem como potências maiores seres que, em sua grande maioria, representam conglomerados, companhias, sistemas, de modo algum, nações em si. A situação bélica atual, por exemplo, dificilmente reflete sistemas comuns vistos outrora, nem representa apenas o conflito entre modos de vida capitalistas *versus* vivências socialistas, como a Guerra Fria pressupunha. Nesse sentido, a discussão pautada em pressupostos canônicos, seja ela qual for, deve ser relativizada e repensada na contemporaneidade, dada a falta de aplicabilidade desses conceitos.

Nesse ponto devemos evitar o recorrente clichê de enxergar, por exemplo, os Estados Unidos da América como uma simples “força do mal”. Todo e qualquer país que se valha do sistema capitalista segue moldes e preceitos aplicados pela nação e, portanto, é difícil avaliar que hoje haja, como houve até, pelo menos, a Segunda Guerra Mundial, Estados em batalha uns com os outros. O belicismo foi relegado a uma função secundária e implícita do sistema, que hoje manipula, por meio de sanções e cortes, fato visível em relação a Cuba<sup>28</sup>, por exemplo, aqueles que terão mais ou menos. Não obstante, a virtualidade advinda da internet permite aos seres humanos interações inúmeras, múltiplas e concomitantes com indivíduos muito distintos entre si, fator que também provoca o deslocamento do horizonte de expectativas de algum vivente.

---

<sup>28</sup> País que sofre há décadas com as imposições econômicas promulgadas pelos Estados Unidos da América e apenas recentemente teve a chance de ter suas sanções revistas, após acordo conjunto entre os dirigentes de Cuba e dos EUA. O país, de certa forma, fora reduzido a uma sombra pelas imposições dos países com sistema econômico capitalista, por assim dizer.

Portanto, num mundo em que as relações sociais se virtualizaram ao extremo e no qual o molde econômico e político vigente tem primazia pela manutenção de conglomerados e empresas que representam uma abstrata noção de vivência, não um país, é difícil esperar que alguém se atenha às normas de uma só nação. A ideia de nação foi alterada e o ideal de estrangeiro também. É ingênuo lidarmos com a convenção de que o forâneo é somente aquele ser que veio de um país alheio. Ela é reducionista e não auxilia na compreensão das relações interpessoais visíveis em um mundo que, gradativamente, aparenta abstrair noções e torná-las menos claras.

O ádvena hoje é bastante similar ao Outro, no sentido em que existe em todos e para todos, é uma marca da sociedade, essa, fragmentada, fluída, em que fronteiras geográficas não mais, necessariamente, delimitam o que se deve esperar da vivência de um ser humano. Desse modo, o termo nação também ganha nova conotações, como expressa Anderson (1991, p. 49), ao mencionar:

*[...] in an anthropological spirit, then, I propose the following definition of the nation: it is an imagined political community - and imagined as both inherently limited and sovereign. It is imagined because the members of even the smallest nation will never know most of their fellow-members, meet them, or even hear of them, yet in the minds of each lives the image of their communion*<sup>29</sup> (ANDERSON, 1991, p. 49).

De acordo com Anderson, a nação, ao menos aos moldes atuais, deve ser vista como uma comunidade imaginada, imagem que já abstrai a noção de pertencimento e joga o forasteiro para parâmetros intangíveis de percepção. Ela é, concomitantemente, soberana, pelo fato de agir sobre o ser, e limitada, uma vez que não é possível defini-la concretamente. Seres humanos aceitam viver uns com os outros constantemente, convergir e unir-se em prol de um suposto bem comum, sem, necessariamente, compreender a existência de seus concidadãos.

Esse tipo de evento demonstra, em si, a existência de alteridade e uma tentativa de compreensão do Outro, pois, como enunciado pelo autor, a maioria de nós nunca chegará a conhecer um grande número de conterrâneos e, mesmo assim, unimo-nos e vivemos em comunhão, aceitamos valores e imposições

---

<sup>29</sup> Nossa tradução: [...] em um espírito antropológico, então, proponho a seguinte definição de nação: é uma comunidade política imaginada – e imaginada como ambos inerentemente limitada e soberana. É imaginada porque os membros de mesmo a menor nação nunca conhecerão a maioria de seus membros-companheiros, encontrarão eles ou até ouvirão eles, entretanto, nas mentes de cada um vive a imagem de sua comunhão.

políticas e buscamos um consenso em meio a um mundo gradualmente pluralizado e destituído de valores norteadores.

Percebemos como Anderson (1991) também vê de modo abstrato a relação entre sujeitos pertencentes a essa comunidade imaginada, como ele pressupõe. Segundo o teórico, dentro da mente de cada indivíduo fica a imagem de sua comunhão, de seus conterrâneos e concidadãos. Dentro do *eu*, caso se queira, existe o Outro. A comunidade abstrata, imaginada, concebida mentalmente na contemporaneidade, é reflexo, também, da aldeia global em desenvolvimento nas últimas décadas.

A virtualização das relações sociais e a massificação do conhecimento e das redes de conexão interpessoal permitiram ao humano destituir-se, ao menos em partes, dos ideais de pátria, para se revestir com conceitos mais universais, de grupo e nicho – mais universais, pois, para Lévinas (1980), o total, o inteiro, *a priori*, não existe e, deste modo, lidamos com categorias próximas de níveis plenos, sem, necessariamente, chegarmos a eles.

Anderson (1991) também retoma algumas concepções de Park (1928), quando este menciona que

*[...] among the most important of these influences have been – according to what I have called the catastrophic theory of progress–migration and the incidental collisions, conflicts and fusions of people and cultures which they have occasioned*<sup>30</sup> (PARK, 1928, p. 882).

A dicotômica relação entre o choque e a fusão de povos e culturas é um dos elementos que marca o progresso na contemporaneidade. Esse provém da relação contraditória entre o fato de que deve haver alguma perda para que exista qualquer ganho, em relação a valores sociais. No caso do *ádvena*, para que esse possa ser aceito, para que haja uma abrangência maior em horizontes morais, deve haver uma perda de valores originais, ou, ao menos, um deslocamento desses.

Essa marca, também fluída do progresso, revela como o estrangeiro personifica a relação de outridade num universo em que o Outro não somente representa o autóctone, necessariamente, mas também aquele que ainda não “pertence” em relação aos demais. Tal pertencimento já não evoca o retorno às

---

<sup>30</sup> Nossa tradução: [...] dentre as mais importantes dessas influências são – de acordo com aquilo que chamei de a catastrófica teoria do progresso – migração e as colisões, conflitos e fusões incidentais de povos e culturas que elas ocasionaram.

noções de países em seu sentido original, mas comunidades imaginadas, como exposto por Anderson (1991).

As influências que formam as relações interpessoais na contemporaneidade saíram do campo concreto de atuação e transformaram-se em situações abstratas e fluídas de interação. Nessas os indivíduos lidam menos com o factual e mais com o vago. As culturas atuais refletem esse comportamento no momento em que fornecem subsídios para que seja comprovado o fato de que a interação humana perpassa o contato humano *per se* e pode ser efetuada de modo a abarcar todo um arcabouço ideológico não concreto.

O forasteiro “*becomes essentially the man who has to place in question nearly everything that seems to be unquestionable to the members of the approached group*”<sup>31</sup> (SCHUETZ, 1944, p. 502), em um mútuo jogo de aproximações e distanciamentos que levarão ao fomento da outremização. O estrangeiro, por sua natureza, coloca em xeque aquilo que avalia como estranho à sua vivência habitual, enquanto os nativos do nicho social padronizado também enxergarão nele traços daquilo que é tido como incomum.

O interessante é que, após esse primeiro jogo de aproximações, o distanciamento cede espaço para um possível evento de autoanálise dos indivíduos. Isso se dá uma vez que os nativos podem enxergar padrões não antes notáveis no estrangeiro e, talvez, introjetar alguns deles para si. Tal ocorrência daria a entender uma aproximação entre os seres, ao mesmo tempo em que o forasteiro acaba por assumir e mimetizar determinados valores sociais dentro da comunidade imaginada em que tenta se inserir. Desse modo, mais do que um simples choque inicial, existem camadas de reconhecimento e rejeição entre o estranho de fora e o nativo, e essas devem ser postas em perspectiva no momento da interpretação dos meios de (con)vivência da contemporaneidade.

Portanto,

*[...] in other words, the cultural pattern of the approached group is to the stranger not a shelter but a field of adventure, not a matter of course but a questionable topic of investigation, not an instrument for*

---

<sup>31</sup> Nossa tradução: torna-se essencialmente o homem que deve colocar em xeque praticamente tudo o que aparenta ser inquestionável aos membros do grupo aproximado.

*dis-entangling problematic situations but a problematic situation itself and one hard to master*<sup>32</sup> (SCHUETZ, 1944, p. 506).

Schuetz (1944), Anderson (1991) e Park (1928) congregam e têm discursos que vão ao encontro um do outro quando pressupõem a difícil tarefa que é para um forâneo, um pária, adequar-se a uma nova vivência em um grupo desconhecido e, mais importante, diferente dele. A heterogeneidade dessas situações cria uma perspectiva volátil o suficiente para que a outridade seja concretizada. Não há meios para que o ádvena se adeque ao nicho social novo sem que haja a compreensão do Outro desconhecido por ele, ao mesmo tempo em que é impossível ele adentrar esse meio sem que aqueles tidos como nativos aceitem as diferenças visíveis no adventício.

Nessa relação, nunca unilateral, é possível que o Outro seja desvelado e reconhecido em sua pluralidade. Como apontado por Schuetz (1944), de modo algum essa relação e esse evento podem ser considerados como simples ou fáceis de serem criados, já que a própria noção de desenlace cultural daquilo que é familiar e aceitação de algo estranho refletem em uma situação de dificuldade. O epítome do Outro, na contemporaneidade, está no alóctone e em sua perpétua existência, assim como há a perpétua necessidade de outridade entre os seres humanos.

Esse embate cultural é visível porque *“more than the obstacle of speech, there was the deeper and inherent impediment of a subject oriented person to maintain any communication with a differentiated person”*<sup>33</sup> (BONNICI, 2000, p. 53). Tal situação, embora ressaltada por Bonnici no momento do encontro entre autóctones e europeus durante a conquista do continente americano, pode ser aplicada também ao ádvena atualmente. Não é apenas a questão da linguagem, do idioma, possivelmente, diferente, que cria obstáculos entre o Outro forasteiro e o nativo. É, também, uma questão de comunicar-se com alguém que, *a priori*, não possui relação com o *eu* e que não compartilha dos mesmos gostos, vontades, ideologias e intenções. Esse ser diferenciado, como proposto pelo teórico brasileiro, é tido como estranho/estrangeiro. Portanto, cria-se um impedimento latente, um

<sup>32</sup> Nossa tradução: [...] em outras palavras, o padrão cultural do grupo ao que se aproxima é para o estrangeiro não um abrigo, mas um campo de aventura, não uma normalidade, mas um tópico questionável de investigação, não um instrumento para o desenlaçar de situações problemáticas, mas uma situação problemática em si, e difícil de ser orquestrada.

<sup>33</sup> Nossa tradução: mais do que o obstáculo da linguagem, havia o mais profundo e inerente impedimento de uma pessoa orientada por assuntos a manter qualquer comunicação com uma pessoa diferenciada.

obstáculo a ser vencido no percurso de mútuo reconhecimento do Outro ou do outrem como universo ao redor, como pressupõe Lévinas (1980).

Devemos retomar, também, as palavras de Todorov (1993, p. 189), no ponto em que esse menciona como “a linguagem só existe pelo outro, não somente porque sempre se fala a alguém, mas também na medida em que permite evocar o terceiro, ausente”, esse que, afinal, é a marca também do Outro. A linguagem humana existe devido à existência de alguém, não necessariamente concreto, mas imaginado, como a comunidade atual de Anderson (1991), para quem se fala e com quem se dialoga constantemente. O problema em relação ao forâneo não está, portanto, no campo do idioma, mas no campo da linguagem. É preciso se comunicar. Entender outro sistema linguístico é querela secundária para o desafio que é entender o outrem, entender aquele que não sou, mas que também me representa.

Comunicamo-nos a todo o instante, interações são produzidas e a outremização vai sendo efetuada. Entretanto, em relação ao estrangeiro, é necessário prestar atenção a essas minúcias, ao idioma em contraponto à linguagem, para que esse outrem, concreto, possa ser configurado como uma relação benéfica de alteridade.

A linguagem também é ponto importante de questionamento para Anderson (1991), que, em diálogo com Todorov (1993), menciona:

*[...] the convergence of capitalism and print technology on the fatal diversity of human language created the possibility of a new form of imagined community, which in its basic morphology set the stage for the modern nation*<sup>34</sup> (ANDERSON, 1991, p. 58).

O autor também julga relevante a questão da linguagem na compreensão dos preceitos de sociabilidade da contemporaneidade e defende que a globalização, o sistema econômico capitalista, a massificação da tecnologia impressa e a ideia de rede de interações auxiliaram a criação do que chama de comunidade imaginada, a qual substitui, em partes, a ideia de país como limite geográfico.

Para os ensaios sobre outridade e o estrangeiro, é necessário ter isso em mente, uma vez que são parâmetros que orientam quais rumos o saber sociocultural

<sup>34</sup> Nossa tradução: [...] a convergência do capitalismo e da tecnologia impressa sob a fatal diversidade da linguagem humana criou a possibilidade de uma nova forma de comunidade imaginada, que, em sua morfologia básica, propôs o caminho para a nação moderna.

tomará atualmente. O forasteiro, para se adequar a um local que, geograficamente, pode nem ser delimitado, deve perceber essa diversidade humana, entender o papel e importância da linguagem para, então, poder interagir de modo salutar ao nicho em que se insere.

Para a América, em tempos de século XXI, observa-se que as interações entre indivíduos distintos são constantes e corriqueiras. A linguagem é deveras importante para que qualquer evento, seja político, afetivo ou casual, possa ser concretizado. As barreiras geográficas que separam países não são os únicos pontos fulcrais de impacto, haja vista como áreas limítrofes hoje se apresentam até mesmo dentro de nações, e o idioma, outrora visto como elemento de separação entre viventes, também aparenta ter sido diluído na cadeia e amálgama de seres que interagem uns com os outros no continente. O estrangeiro, hoje, em solo americano, é uma marca, é um outro histórico a ser desvelado, mas não necessariamente se apresenta como mero representante de outra nação.

Recordemos Simmel, que pondera: *“if wandering is the liberation from every given point in space, and thus the conceptional opposite to fixation at such a point, the sociological form of the ‘stranger’ presents the unity, as it were, of these two characteristics”*<sup>35</sup> (SIMMEL, 1971, p. 143). Essa menção, novamente, traz à tona a noção do quão marcada é a figura do estrangeiro. Em suma, ele representa dois pontos paradoxais, dialetalmente opostos. Esses, entretanto, unem-se no ser e criam o que hoje é o estrangeiro: um indivíduo que carrega, dentro de si, o vagar e a liberação de determinado ponto no espaço, ao mesmo tempo em que tem a noção de fixação em seu cerne.

Tais dicotomias auxiliam a formação de um outrem que, em primeira instância, é visto com olhos receosos pelos indivíduos pertencentes a determinada comunidade. Simmel (1971, p. 143) complementa tal concepção com a proposição de que o adventício é *“the person who comes today and stays tomorrow. He is, so to speak, the potential wanderer: although he has not moved on, he has not quite overcome the freedom of coming and going”*<sup>36</sup>, ou seja, aquele que não tem um

---

<sup>35</sup> Nossa tradução: se vagar é a liberação de cada ponto dado no espaço e, portanto, o oposto conceitual de fixação a determinado ponto, a forma sociológica do “estrangeiro” apresenta a unidade, se assim for possível, dessas duas características

<sup>36</sup> Nossa tradução: a pessoa que chega hoje e permanece amanhã. Ele é, por assim dizer, o errante em potencial: embora não tenha continuado seu percurso, ele ainda não ultrapassou a liberdade do ir e vir.

sentido de permanência fixo e latente dentro de si. Ele une, em uma amálgama densa de relações, o conceito do ir e vir com o de permanência. Ele não pertence ao local ao qual se insere, uma vez que é o ser que pode “ir amanhã”, mas também não apresenta apenas características condizentes com a de um errante, pois há a noção de estabelecimento sendo criada. Quando essa se efetivar, provavelmente, a outremização benéfica tomará conta e o estrangeiro tornar-se-á não mais um pária, mas um quase-igual, aceito pelo grupo em que se inseriu.

Observa-se como o preceito de forasteiro pode, claramente, ser associado à noção de Outro e aos entendimentos acerca da outridade, principalmente em solo americano, uma vez que este é propício à hibridação entre indivíduos dados como distintos uns dos outros. O embate e o choque cultural foram constantes na América e permanecem, a início de século XXI, uma força a ser analisada para a compreensão da (des)união de seus habitantes, estejamos falando das regiões norte, central ou sul do continente. Essa (des)união é reflexo histórico que pode ser traçado e retornado ao período colonial, em que, pela primeira vez, foi possível identificar o Outro, em registros escritos, e os processos de alteridade se iniciaram com fervor. É também devido a esse período que as noções de preconceito e exclusão se iniciaram, dado o tom eurocêntrico e segregacionista, perpetrado pela escrita, com que a conquista da América, como um todo, foi permeada.

A figura concreta atual do Outro se transmuta, na América, ao estrangeiro, em suas diversas facetas. Saberes relacionados à temática da outremização devem refletir também como se dão tais relações e a literatura apresenta-se como sistema profícuo à investigação de casos em que a figura da pessoa vinda de outra localidade é observável.

A seguir, analisamos três contos, um estadunidense, um brasileiro e um hispano-americano, que elaboram a representação do Outro e o forasteiro, com o intuito de evidenciar como os três principais sistemas linguísticos da América lidam com o ádvena, as diferentes visões que cada narrativa tem acerca dos embates com indivíduos alheios à vivência de seres estabelecidos em determinado local e como a América lida com a temática em si.

## 2 ENCONTROS ENTRE ESTRANGEIROS: CONFIGURAÇÕES LITERÁRIAS NAS AMÉRICAS

Uma vez efetuado o diálogo entre a literatura comparada e suas novas configurações e a América em sua pluriculturalidade, é possível passar à análise dos contos pertencentes ao *corpus* da pesquisa. Esperamos que seja visível por meio da abordagem da literatura como o continente americano é profícuo em choques entre seres distintos e, portanto, os embates com o Outro ocorrerão de modo constante na representação literária. Esse outrem, por sua vez, foi transposto a narrativas que lidam com o signo do estrangeiro, uma vez que ele mescla os ideais de rejeição e curiosidade, necessários à criação da alteridade.

Focalizamos o estudo proposto em um *corpus* que consiste, conforme comentamos, em três narrativas curtas que configuram, embora em graus variados e bastante distintos, o Outro em relatos que narram encontros entre forasteiros. Esse outrem, presente nos discursos narrativos, por sua vez, dar-se-á nas três obras a partir da perspectiva ou, pelo menos, da configuração do ádvena em enfrentamentos com o Outro, seja na sua terra natal ou em viagens a outras terras. Centralizamos, desta forma, o foco de pesquisa acerca da outridade em relação ao Outro em sua faceta de indivíduo que não pertence, ainda, a determinado grupo social.

Nesse contexto definido, os três contos escolhidos são de origem americana, dado o intuito de tentar focalizar algumas perspectivas sobre a temática do estrangeiro. Com variedade no *corpus*, abarcamos o pretendido: uma obra escrita em inglês, representante desse idioma, uma em espanhol, representante, em partes, da América Central e do Sul, e uma em português, representante do campo linguístico lusitano da América, sendo elas unidas por uma temática comum. Nas três narrativas selecionadas, destacam-se ao longo da diegese os encontros culturais entre humanos distintos e, portanto, elas são significativas para a composição da temática almejada em nossa pesquisa.

Nas três obras, embates, discussões, tomadas de consciência sobre a existência de um Outro são a tessitura que age para consolidar as ações nas narrativas. O tempo passado tem papel primordial na configuração das personagens, seja ele um passado histórico, marcado pela conquista e dominação, como se verá no conto de Lojo; seja pela rivalidade, também histórica, entre povos,

como apresentado no conto de Steegmuller, seja pelo distanciamento inicial ao exótico, visto com desconfiança pelo nativo, segundo a construção discursiva de Guimarães Rosa.

Acerca do gênero narrativo escolhido, cabe mencionar que “o conto é um relato que encerra um relato secreto. Não se trata de um sentido oculto que dependa de interpretação: o enigma não é outra coisa senão uma história contada de um modo enigmático” (PIGLIA, 2004, p. 90), fato avaliável no momento em que se percebe como as narrativas curtas buscam o segredo, o fator a ser desvelado. Embora o século XX tenha rompido com grande parte dos aspectos considerados canônicos pela teoria literária – principalmente na América latina, na época de seu *boom*, em que existem autores como Jorge Luis Borges, cujas obras dificilmente são adequáveis a esquemas formais propostos (vide o caso de um “Pierre Menard, autor de Quixote”, de 1939) –, o secreto, o oculto, o estranho existem como possíveis padrões a serem construídos e observados na literatura.

Deste modo, a menção de Piglia auxilia no entendimento de como o conto é providencial ao saber sobre o estrangeiro, o Outro. Consiste em uma narrativa curta, que trata de uma situação, como Bosi (1997) menciona, em que o choque, o mistério e o embate ocorrem de maneira mais clara.

Não obstante, “o contista sabe que não pode proceder acumulativamente, que não tem o tempo por aliado; seu único recurso é trabalhar em profundidade” (CORTÁZAR, 1974, p. 152), uma vez que a história será reduzida em tamanho. Na literatura brasileira, a concisão tornou-se até mesmo marca de alguns romancistas, caso perceptível em Graciliano Ramos, por exemplo.

Já que não há nesse gênero narrativo específico espaço/tempo para a produção de uma diegese com diversas ramificações e detalhes, cabe ao contista o aprofundar-se, o narrar sólida e densamente, sem rodeios, desvios e possíveis perdas, a essência daquilo que a obra busca transmitir. Desse modo, novamente, vemos vantagens nessas obras quando o intuito é o aflorar sobre o choque e o embate entre estrangeiros, pois o gênero se traduz como uma espécie primordial de texto referenciador à pesquisa. Reiteramos o caráter sintético do conto e, em consequência, a profundidade da configuração das personagens e a agilidade nas ações.

Gotlib, ao contextualizar historicamente os ensaios sobre o gênero, também enfatiza como esse gênero se produz a partir do impacto. Segundo a autora,

[...] estas considerações atentam já, sistematicamente, para uma característica básica na construção do conto: *a economia dos meios narrativos*. Trata-se de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos. E tudo que não estiver diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, deve ser suprimido (GOTLIB, 2006, p. 35).

Portanto, atentamos à noção de economia de meios diegéticos, exposta pela autora. Essa agrega sentido à noção de situação trazida por Bosi (1997) e profundidade delimitada por Cortázar (1974). Não há recursos espaço-temporais suficientes para que o contista prolongue sua narrativa. Qualquer marca linguística, ou até qualquer construção discursiva visível produz um sentido especial e deve ser considerada como elemento relevante inerente à diegese e a sua construção.

Por outro lado, não se considera que o romance, apenas por ter maior extensão, possua gratuidade em relação a determinadas características. Pondera-se a relação forte que há entre objeto narrado e texto: o universo criado é fechado, por tendência, ao momento da situação contada e esse, por sua vez, deve ser exposto de maneira pontual. Isso ocorre para que todo e qualquer elemento descrito/narrado venha ao encontro da solução do enigma proposto, como sugerido por Piglia (2004). No caso de situações que lidam com o embate entre intrusos e nativos, o enigma será, invariavelmente, o desvelar da outremização. O conflito, nesses casos, gira em torno da questão de saber se haverá a compreensão do Outro. Esse é o foco latente inevitável de uma história que lida com a configuração de forasteiros e, portanto, é marca importante para a investigação e crítica literária que lidem com a temática.

Em relação às especificidades do gênero, vale lembrar que, de acordo com Jolles (1976, p. 201),

[...] o conto escolhe, de preferência, os estados e os incidentes que contrariem o nosso sentimento de acontecimento justo; um moço recebe menos herança que seus irmãos, é menor ou mais tolo dos que o cercam; crianças são abandonadas por seus pais ou são maltratadas por uma madrasta; o noivo é separado de sua verdadeira noiva; homens ficam sujeitos a espíritos malfazejos, são forçados a executar tarefas sobre-humanas, sofrem perseguições e têm de fugir.

O teórico analisa, primordialmente, os *Märchen* [contos de fada] da Alemanha, as histórias dos irmãos Grimm, adequadas ao modelo de infância que era proposto na época; todavia, suas interpretações permanecem válidas para o trato do estilo como um todo. Não é inadequado e errôneo sugerir que este, via de regra, lide com a questão de uma problemática. Se nas narrativas infantis tal problemática estava relacionada aos valores morais que deveriam ser impostos às crianças do século XVIII e XIX, a início de século XXI, o conto contemporâneo trata do embate entre forças de um mundo gradativamente permeado pelo pluralizado, pelo fragmentado. Este, por sua vez, gera a problemática entre seres humanos, uma vez que descentraliza as relações sociais e obriga indivíduos a terem de lidar com forças que não compreendem ou não lhes agradam.

Nesse sentido, o gênero, na atualidade, lida com acasos, como proposto por Jolles (1976). Portanto, um conto, ao propor-se a lidar com o choque entre *ádvēna* e nativo, cria o epítome do momento de tensão entre indivíduos na contemporaneidade ao retratar o *Outro* em suas diversas facetas. Ao mesmo tempo, também narrativiza o constante entrecruzamento de pessoas na contemporaneidade, uma experiência tão comum e importante à vivência num continente marcado pela pluralidade.

O gênero escolhido para abarcar nosso *corpus* de pesquisa é relevante, uma vez que delimita os espaços e as possibilidades com as quais a pesquisa de literatura pode ser efetivada. O gênero “é construído para revelar artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta” (PIGLIA, 2004, p. 93).

Para a América, da mesma forma como para o estudo sobre a representação da outridade em relação ao estrangeiro, a experiência única a ser desvelada é, justamente, o enfrentamento entre seres que não se conhecem e, provavelmente, nem se entendem. Para Piglia, isso só é possível a partir do revelar de um sentido opaco presente na *diegese*. Caso o *outrem* seja reconhecido, essa opacidade poderá ser despida de seus caracteres artificiais para que, finalmente, seja revelada a verdade secreta pertencente ao relato. A história, em seus pressupostos, assume marcas que permitem analisar “o caráter duplo da forma do conto” (PIGLIA, 2004, p.

87), em que o secreto é subjacente à diegese primária, aparentemente ingênua em alguns momentos.

Edgar Allan Poe, ao estudar Nathaniel Hawthorne, investiga a importância e a função que o modelo de escrita artística pode ter na literatura. Para o autor,

*[...] were we called upon, however, to designate that class of composition which, next to such a poem as we have suggested, should best fulfil the demands of high genius - -should offer it the most advantageous field of exertion - we should unhesitatingly speak of the prose tale, as Mr. Hawthorne has here exemplified it. We allude to the short prose narrative, requiring from a half-hour to one or two hours in its perusal. The ordinary novel is objectionable, from its length, for reasons already stated in substance. As it cannot be read at one sitting, it deprives itself, of course, of the immense force derivable from totality<sup>37</sup> (POE, 1984, p. 571).*

Novamente, o paradoxo, dado como uma possível marca da contemporaneidade, é aparente ao nos fixarmos nas palavras de Poe. Enquanto o estudo do Outro e da alteridade, aos moldes de Lévinas (1980), pressupõe a negação da totalidade e uma resistência à representação de outro, o gênero literário conto, segundo Poe, ganha força pela noção de totalidade. Ele é uma instância completa, por assim dizer, pois, de acordo com o teórico estadunidense, o romance se subjugava em relação ao conto pelo fato de ter uma extensão que não permite ao leitor terminá-lo rapidamente.

Ao aliarmos os escritos de Poe (1984), Bosi (1997) e Piglia (2004), por exemplo, notamos que o estilo se fortalece pelo fato de causar o embate rápido e direto em relação a uma situação, pois abarca um problema e cria camadas de interpretação a serem descobertas.

Para representar o choque rotineiro e, usualmente, rápido entre forasteiros, poucos gêneros literários aparentam ser tão condizentes com tais pressupostos quanto o conto. Mais que a questão do tempo necessário à leitura, elemento subjetivo demais à análise literária atual, é o impacto pontual que a narrativa causa

---

<sup>37</sup> Nossa tradução: [...] caso tivéssemos de, entretanto, designar a classe de composição que, próxima ao poema como sugerimos, deveria melhor satisfazer as demandas do alto gênio – deveria oferecer a ele o mais vantajoso campo de esforço – deveríamos, sem hesitar, falar do conto em prosa, como o Sr. Hawthorne exemplificou aqui. Aludimos à narrativa curta em prosa, que requer de meia hora a uma ou duas horas para sua leitura. O romance comum é questionável, devido a seu tamanho, por razões já mencionadas em substância. Uma vez que não pode ser lido em uma sentada, ele priva-se, é claro, da imensa força derivada da totalidade.

que revela sua importância dentro da configuração de uma situação que envolva o embate entre o Outro e o nativo, seja ele quem for.

A fonte que inspira a existência do gênero literário e quaisquer relatos que sejam abarcados por ele é, invariavelmente, a vida humana. Isso porque a escrita nada mais é que construto humano e, portanto, depende dessa mesma vivência para ser efetuada. Nesse sentido, Propp (2001), em um ensaio voltado ao estruturalismo literário, menciona que

[...] finalmente, a fonte única pode ser encontrada na própria realidade cotidiana. Mas o estudo morfológico do conto demonstra que a realidade propriamente dita se encontra nesses contos em escala bem reduzida. Entre a realidade e o conto existem certos degraus de transição, e a realidade se reflete neles de modo indireto (PROPP, 2001, p. 59).

O estudo de Propp consegue perceber que, em uma história qualquer, a realidade acaba por ser, invariavelmente, alterada e reconstruída dentro da obra literária. Ela permanece fonte de origem e inspiração. Entretanto, de modo algum o universo ficcional deve se ater apenas às normas disponíveis no mundo dado como real.

Isso vem ao encontro daquilo que Genette (1995) chama de universo diegético, ou seja, o universo criado dentro da história. Portanto, embora preso à vivência humana, pelo fato de ser construto desses mesmos humanos, o conto permeia a gama de pensamento do indivíduo e tem a capacidade de alterar determinadas conceituações, a fim de efetivar, talvez, aquilo que Piglia chama o jogo duplo dentro do gênero, no qual há um desvelar de uma intenção e motivo secundário subjacente ao mote primário. Tal aspecto será visto, por exemplo, na narrativa de María Rosa Lojo, em que o desconhecido, além de uma pessoa, transmuta-se na memória coletiva de um povo e, por consequência, de toda uma parte do continente americano. A realidade, nesse sentido, é alterada dentro da diegese para que o embate entre indivíduos reflita o choque sócio-histórico de culturas que houve na América.

Diante do exposto, temos que

[...] o conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de

surpreendente variedade. Ora é o quase-documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem (BOSI, 1997, p. 7).

As palavras de Bosi podem ser tomadas como gerais à ficção curta nomeada como conto na contemporaneidade. A partir do século XX, o gênero floresceu e tornou-se um dos meios de se metaforizar a ficção contemporânea. O conto, embora assuma uma espécie de estrutura fixa, acaba por ser mutável e metamorfo na atualidade, adequando-se às necessidades inerentes ao universo ficcional em configuração.

Mais do que isso, esse gênero narrativo se adéqua aos intuitos de seus autores e meios sociais, formando uma cadeia inter-relacionável de ganho na literatura, similar àquilo que Cândido (2000) propõe. Dizemos isso, pois o estilo auxilia a história a ocorrer, enquanto ajuda o autor a criar um universo que retrate, ao menos em partes, sua experiência própria de vida e de mundo exterior.

Reiteremos que “de Poe a Piglia, constata-se que o contista é um ser especial capaz de flagrar em um instante uma oportunidade inventiva” (REZENDE, 2009, p. 208). O próprio gênero aparenta ter intrínseca em sua forma, atualmente, alguma noção de alteridade. O embate e a tentativa de adequação a determinados pressupostos são latentes no gênero, devido ao fato de ele ser construto humano. Seja com enfoque na linguagem, no lirismo, no cotidiano, no mítico, traz uma amálgama de noções em sua estrutura.

Deste modo, após esta breve contextualização sobre o gênero e como esse é relacionável aos ensaios sobre outremização, principalmente no contexto americano, partimos para o momento das investigações dos contos escolhidos como *corpus* da dissertação.

É necessário encontrar nas narrativas selecionadas certas marcas que permitem evidenciar se a América lida de maneira relativamente coesa com a formulação de outridade em suas representações ficcionais. Por meio do discurso presente nesses relatos, verificamos se é possível perceber o reconhecimento do outrem dentro deste território, bem como se a figura do estrangeiro, tópico escolhido como fundamental para os estudos sobre alteridade, apresenta-se apenas como símbolo do afastamento na contemporaneidade, ou se é possível falar em

comunhão entre indivíduos no “Novo Mundo”. Caso isso ocorra, a representação literária poderia refletir como se dão os percursos sociais como um todo, uma vez que hoje o mundo é tido quase como uma rede interligada e perpétua de aproximações, distanciamentos, deslocamentos e fragmentações.

## 2.1 “MY AUTOMOBILE IS NOT FOR FOREIGNERS, I TELL YOU!”: FALTA DE ALTERIDADE E NÃO COMPREENSÃO DO OUTRO EM “THE FOREIGNER” (1935), DE FRANCIS STEEGMULLER

Como escolha de narrativa representante da América anglófona, optamos por buscar, como mencionado, algum conto que explorasse a temática do outro recém-chegado e revelasse algo significativo aos saberes sobre outremização. Objetivamos que esse tenha bases da contemporaneidade, para que fosse condizente com o restante do *corpus* escolhido como pertencente à pesquisa. Sabemos, por exemplo, que escritores como Nadine Gordimer e J. M. Coetzee, ambos laureados com o Prêmio Nobel de Literatura, são basilares à contemporaneidade e já lidaram, em variados graus, com as questões de outridade, principalmente no que diz respeito ao movimento anti-*apartheid*.

Entretanto, o fato de não pertencerem à América tira o foco de que a pesquisa seja um recorte da produção literária dos três principais nichos linguísticos do continente americano. O Canadá e os pequenos países circundantes da América Central e do Norte, em especial os da faixa caribenha, também vêm revelando-se, ao menos recentemente, como produtores de literatura engajada socialmente, com vistas à compreensão do papel social do sujeito contemporâneo e como a reconstrução do passado histórico serve para o entendimento identitário dessas nações. No entanto, não foi encontrada alguma obra desses países que, aberta e explicitamente, lidasse com o choque entre seres de distintos espaços geográficos: o Outro, aos moldes daquilo que Todorov (1983) teoriza, acaba por ser, nas produções literárias desses países, quase sempre, o autóctone vitimizado pelo colonialismo e imperialismo durante o período de conquista e colonização de territórios.

Então, para que pudéssemos lidar com algum texto que fosse escrito em língua inglesa e lidasse com o Outro estrangeiro, tivemos de analisar a produção

literária estadunidense do século XX, com o intuito de encontrar alguma obra condizente. Como é registrado pela crítica literária, obras como *Heart of Darkness* (1899), de Joseph Conrad, lidam com a temática da exclusão social/étnica e falta de pertencimento dos indivíduos que são distintos daqueles conhecidos pelo nicho social do dominante; no caso em questão, o caucasiano dominante, com origens agrícolas, que habitava o centro-oeste e a parte sul dos Estados Unidos da América. Autores como Booker T. Washington (1856-1915) e Langston Hughes (1902-1967), ambos na primeira metade do século XX, debruçaram-se sobre a temática da segregação étnica, tanto estudada no país após a Guerra Civil (1861-1865) e, também, na própria América, principalmente com os conhecimentos pós-colonialistas. William Faulkner (1897-1962) e John Cheever (1912-1982), por sua vez, são representativos da literatura estadunidense que lidava com questões socioeconômicas e a constatação das mazelas provenientes da exclusão social e ascensão desenfreada do que viria a ser o estilo capitalista aplicado ao *American way of life*. Não obstante, foi a produção de Francis Steegmuller (1906-1994) que nos trouxe o conto representativo da literatura estadunidense à pesquisa: “*The foreigner*”.

O autor teve pouco renome em sua carreira literária, fato visível, também, na ausência de quaisquer pesquisas sobre ele no banco de Teses e Dissertações da CAPES, bem como no escasso conteúdo referencial acerca do autor disponível virtualmente. Ele ficou famoso por ser um exímio tradutor de Flaubert para o inglês e um dos catedráticos acerca do autor francês; além disso, sua biografia sobre Jean Cocteau também o promoveu como teórico literário nos Estados Unidos da América. Os ensaios que fez sobre ambos os autores são utilizados como bibliografia complementar básica nas universidades de Yale e Columbia, mesmo após a morte de Steegmuller, no ano de 1994. A grande maioria de suas obras, publicadas posteriormente em uma coletânea, a única do tipo para o autor, foi escrita e divulgada na época em que trabalhava para o *The New Yorker*. A saber, para localizar o conto “*The foreigner*”, tivemos de buscar o catálogo exclusivo do jornal estadunidense, dedicado apenas a assinantes ou historiadores. Lá, pudemos localizar a publicação original de 18 de maio de 1935, na qual foi impresso pela primeira vez.

Este, por sua vez, parte de uma premissa bastante simples e cotidiana: um homem, narrador protagonista da diegese, jamais nomeado, falante de inglês, vivendo em Paris como forasteiro, pede um táxi após sair do cinema e notar uma chuva torrencial. Dentro do táxi, jamais conseguirá plenamente interagir com o motorista, ocasionando uma sequência de descaminhos e tentativas malfadadas de retorno até a sua casa. O taxista, por sua vez, acusa-o de tê-lo insultado com grosserias de *estrangeiro*, fato que marca o motorista francês a tal ponto que ele, em acordo com a protagonista, decide ir ao comissário de polícia para que medidas sejam tomadas. Lá, a desordem e falta de comunicabilidade de ambos fica visível e o francês, *a priori*, pela completa incapacidade de argumentar e expor sentenças de raciocínio lógico, perde o caso.

Ao ser indagado pelo comissário acerca de sua identificação de *ávena*, a protagonista nota tê-la esquecido em casa e, devido a essa falha, o policial não lhe cede a vitória na disputa. Ao final, o comissário rege que os dividendos do taxista sejam plenamente pagos e que o desconhecido seja ordenadamente deixado em casa. Tal decisão demonstra que o verdadeiro sentido de alteridade, dentro do conto, pode apenas ser encontrado na figura do Comissário de Polícia que, ao tratar ambos igualmente, revela compreensão sobre o outrem, seja ele o taxista nativo, seja o forâneo estadunidense. A narrativa, assim, resulta num desfecho com caráter banal e cíclico, já que ambas as personagens, após os fatos vivenciados, seguem exatamente iguais ao modo como estavam anteriormente a eles, além de retornarem praticamente ao mesmo local geográfico no qual a contenda havia iniciado. Nenhuma das personagens é nomeada e apenas suas funções sociais são ressaltadas, com exceção do adventício, de quem temos pouquíssima informação.

Não há, em "*The foreigner*", qualquer tentativa, de ambos os lados, o francês e o anglófono, para se entenderem. A outridade é descartada pelas personagens desde o princípio e nenhum evento consegue alterar os pré-conceitos e juízos de valores impostos desde o início do encontro que leva ambos ao comissário de polícia. O Outro figura como ser secundário, a quem o *eu* não deve respeito e compreensão. Dinheiro, conformismo e teimosia surgem como modos principais pelos quais o estrangeiro protagonista e o taxista francês vivem, impossibilitando a comunicação, meio representativo para qualquer choque que leve à aceitação.

A priori, pensemos na questão do Outro para os Estados Unidos da América. País calejado pelas marcas de sua Guerra Civil (1861-1865), que sofre continuamente com a forte segregação étnica, principalmente no sul, tem de lidar com o fato de ter se tornado rota de desejo de grande parte da população necessitada, especialmente aquela que habita suas fronteiras austrais, proveniente de países como Cuba, México, República Dominicana e demais países da América Central. É importante observar que, para Kastoryano (2010, p. 79), “*when Aristide Zolberg and Long Litt Woon explained ‘why Islam is like Spanish’, they referred to two ways of designing otherness on both sides of the Atlantic: religion in Europe and language in the United States*”<sup>38</sup>, concebendo como a questão de linguagem é crucial à identidade estadunidense e à compreensão do Outro, necessários elementos para a consolidação de qualquer outridade. Segundo a autora, portanto, o modo pelo qual os cidadãos dos Estados Unidos criariam partes de seus elos nacionais partiria do pressuposto do idioma. Ora, considerando-se que a América Central e significativa parte da do Sul, pelo menos, não podem meramente analisar o idioma como meio pelo qual a identidade e o outrem são criados, uma vez que o espanhol, embora modificado em inúmeras regiões, figura como língua oficial da maioria dos países americanos, revela-se novamente como a pluralidade do continente americano afeta o modo pelo qual a compreensão dos inúmeros indivíduos existentes neste solo pode ser feita.

Historicamente, depreende-se que os *settlers*, colonizadores que foram da Inglaterra à nova terra na América para colonizá-la, eram pessoas não bem quistas pelos britânicos e dissidentes, em parte, dos já outremizados anglicanos, que não mantinham subserviência direta ao papado do Vaticano. Restava-lhes pouco lastro cultural religioso ao qual se manter para criar uma espécie de identidade comunal, servindo, portanto, o idioma como aporte secundário para esse processo, ainda mais após o encontro com os autóctones da América do Norte e consequente confronto e dizimação da população aborígine lá encontrada. Aos poucos, a construção da identidade atrelada tão especificamente à língua inglesa acabou por guiar os passos do que seria então o entendimento de quem é o Outro para um cidadão dos Estados Unidos da América.

---

<sup>38</sup> Nossa tradução: quando Aristide Zolberg e Long Litt Woon explicaram “porquê o Islã é como o espanhol”, eles se referiam a dois modos de designar a alteridade em ambos os lados do Atlântico: religião na Europa e linguagem/idioma nos Estados Unidos.

Para Operé (2006, p. 194),

*El mito de la frontera norteamericana se asienta sobre las supuestas posibilidades infinitas de frontera-abierta, asequible a la asimilación, territorio de nadie en donde se materializarían, a través del genio anglo, todas las expectativas acumuladas y soñadas durante el período de construcción. Sus ideas fueron fundamentales para la elaboración teórica de una identidad norteamericana en la cual el espíritu individualista creciese sin barreras, dando forma a modos de vida expansivos y progresistas. La frontera de Turner es un territorio de grandes riquezas y posibilidades que aguardan ser apropiadas por aquéllos capaces de usarlas y dinamizarlas al límite de lo factible.<sup>39</sup>*

A criação da identidade norte-americana, especificamente da estadunidense em si, está calcada na possibilidade da libertação plena, jamais alcançada em solo europeu. As fronteiras aparentemente intermináveis do solo americano eram local fértil para a construção desse traço identitário que hoje é tão comum ao ser estadunidense, presente até mesmo em seu hino nacional<sup>40</sup>. Todavia, juntamente com o ideário de libertação supostamente plena, vieram também, amalgamados à *psique* dos seres que colonizaram os Estados Unidos, ideais individualistas, moralistas e, mais tarde, capitalistas economicamente, em parte atrelados à mentalidade conservadora protestante dos *settlers* originais. Na continuidade do texto, Operé (2006, p. 194) comenta como

*Para Turner la peculiaridad de las instituciones norteamericanas es que se vieron forzadas a adaptarse a los cambios requeridos por un pueblo en expansión con el fin de atravesar un continente, conquistar grandes extensiones de tierras supuestamente inhabitadas, e inscribirlas dentro de un modelo de civilización capitalista y cristiana sólidamente tejido.<sup>41</sup>*

<sup>39</sup> Nossa tradução: O mito da fronteira norte-americana se assenta sobre as supostas possibilidades infinitas de fronteira aberta, acessível à assimilação, território de ninguém onde se materializariam, através do pensamento anglo, todas as expectativas acumuladas e sonhadas durante o período de construção. Suas ideias foram fundamentais para a elaboração teórica de uma identidade norte-americana na qual o espírito individualista crescesse sem barreiras, moldando modos de vida expansivos e progressistas. A fronteira de Turner é um território de grandes riquezas e possibilidades que aguardam ser apropriadas por aqueles capazes de usá-las e dinamizá-las aos limites do possível.

<sup>40</sup> Principalmente em versos como “‘Tis the star-spangled banner, O! long may it wave / O'er the land of the free and the home of the brave” [esta, a bandeira cravejada de estrelas, Ô! Por muito possa tremular / Sobre a terra dos livres e o lar dos bravos].

<sup>41</sup> Nossa tradução: Para Turner, a peculiaridade das instituições norte-americanas é que elas se viram forçadas a se adaptarem às mudanças exigidas por um povo em expansão com o objetivo de atravessar um continente, conquistar grandes áreas de terras supostamente inabitadas, e inscrevê-las dentro de um modelo de civilização capitalista e cristão solidamente tecido.

O Outro, para o estadunidense, era aquele no caminho da realização do verdadeiro sonho de libertação da Europa, no caminho da conquista da fronteira aberta e potencialmente infinita que a América mostrava ser. Obviamente, com o passar dos séculos, muito dessa mentalidade se dissipou e se alterou, entretanto, é possível observar como certos traços comunais da mentalidade estadunidense partem dos pressupostos que os conquistadores tiveram ao deixar a Europa. O idioma em primeira instância, mas também a religião e cultura, em níveis menores, permanecem importantes à compreensão da existência estadunidense e de quem é o sujeito que habita tais terras, suas crenças e intenções.

Para a investigação do Outro, atrelado ao estrangeiro, tais noções são importantíssimas, ao passo que delineiam o foco possível de percurso. Em “*The foreigner*”, por exemplo, será visível a noção de que o dinheiro se sobrepõe às vontades pessoais do outrem, bem como o fato de que a teimosia e a falta de concessões são marcas culturais importantes ao ser que parte dos Estados Unidos da América. A fronteira, desta forma, é um marco a ser alcançado e conquistado pelo sujeito.

Isso pode ser corroborado por Operé (2006, p. 201), que menciona como, no caminhar à fronteira, “*tres son las aproximaciones más comunes: 1) se va a la frontera en viaje inicial; 2) se peregrina en busca de una esencial identidad; 3) se busca refugio al hastío de la ciudad*”<sup>42</sup>. No caso dos estadunidenses, ao menos a segunda e terceira perspectivas podem ser avaliadas, uma vez que a ida às terras incógnitas da América tinha como um dos principais intuitos a fuga das já saturadas terras europeias e, nesse sentido, se pode dizer que o cansaço da cidade, representado pela Inglaterra em si, motivou os indivíduos que partiram nas primeiras barcas a buscarem novas terras.

Mais que isso, a falta de pertencimento que provocou esse sentimento também age como força motriz para a criação do que seriam os Estados Unidos da América, incluindo o sentimento necessário para tornar-se independente da Inglaterra e, mais tarde, rejeitar os avanços sociopolíticos da França. Portanto, a busca por uma real identidade acaba por também ser plausível às origens do povo

---

<sup>42</sup> Nossa tradução: três são as aproximações mais comuns: 1) se vai à fronteira em viagem inicial; 2) se peregrina em busca de uma essencial identidade; 3) se busca refúgio do cansaço da cidade.

estadunidense e as teorias de Kastoryano (2010) e Operé (2006) tornam-se confluentes.

Para a primeira,

*Defining the Other requires drawing real or symbolic boundaries (Lamont and Fournier, 1992). Boundaries lead to internal differentiation creating social, cultural, and moral categories; they generate hierarchies among cultures; in short they engender complex relations where each element constitutes a microsociological basis*<sup>43</sup> (KASTORYANO, 2010, p. 79).

É dessa forma que Kastoryano (2010, p. 79) revela que as limitações simbólicas e reais auxiliam na criação do Outro e, conseqüentemente, fomentam, também, a outridade. Essas limitações, entretanto, devem ser tomadas aos moldes daquilo que Lévinas (1980, p. 26) pressupõe como o *eu* que se vê no outrem, a saber, fronteiras permeáveis de criação identitária, pelas quais é compreensível a existência daquele que não *sou*, muito embora a prática desses indivíduos destoe em muitas partes daquela usual efetivada pelo *eu*.

Vemos, na compreensão da autora, que esse processo não ocorre de maneira clara nas sociedades hodiernas, pois o que ela trata como a hierarquização das culturas, criada a partir das diferenciações internas de um grupo social, leva à possível exclusão de pessoas ou grupos diferentes daquilo que se esperava e que seria aceito. Isso acontece pelo fato de que o aceito é meramente uma projeção óbvia do *eu* e do *mesmo* de Lévinas, inalterado pela existência do(s) Outro(s), já que “o Outro não é a negação do Mesmo, como desejaria Hegel. O facto fundamental da cisão ontológica em Mesmo e em Outro é uma relação não alérgica do Mesmo com o Outro” (LÉVINAS, 1980, p. 285).

No conto de Steegmuller, o que ficará evidente é que as pré-definidas limitações, tanto do inglês forasteiro quanto do francês taxista, não permitem a eles uma comunicação verbal mútua suficientemente aberta para que haja qualquer tipo de compreensão. Desde a primeira instância, agem como se cada um deles tivesse razão e como se sua versão dos eventos e do mundo circundante fosse unívoca e verdadeira por si e para si. A base microssociológica de cada um não lhes permite

---

<sup>43</sup> Nossa tradução: Definir o Outro requer criar limitações reais ou simbólicas (Lamont e Fournier, 1992). Limitações levam à diferenciação interna, criando categorias sociais, culturais e morais; elas geram hierarquias entre culturas; em suma, elas engendram relações complexas onde cada elemento constitui uma base microssociológica.

abrir a oportunidade ao outrem, levando ao choque e confronto cultural ao empobrecedor para ambos.

A narrativa inicia-se com a seguinte menção:

*If it hadn't been raining as I came out of the cinema, I should have walked home: my apartment was nearby and the route anything but complicated-straight down the boulevard, crossing two streets and turning right on the third, the Rue de Grenelle, for about half a block. As it was, however, I hailed a taxi, and it was scarcely a moment before I realized that its driver, a ruddy-faced old man, was in the midst of an attack of perversity and nerves<sup>44</sup> (STEEGMULLER, 1935, p. 88).*

O primeiro fato a ser evidenciado é o de que a narração é produzida em focalização autodiegética (GENETTE, 1995), ou seja, em primeira pessoa, na qual o narrador não apenas faz parte da história que relata, como também é a protagonista. Essa instância narrativa é a representação do ádvena de origem inglesa, habitante, possivelmente temporário, de Paris. Como Genette (1995) e Aguiar e Silva (1979) demonstram, as narrativas de focalização autodiegética revelam-se importantes à análise por, automaticamente, indicarem que aquele que contará a história revela algo próprio, íntimo, oportunizando a construção da *psique* dessa mesma voz enunciativa.

Não obstante, também é indicado como esse tipo de voz enunciativa é usualmente o menos confiável e do qual o discurso pode ser mais questionado, exatamente pelo fato de que quem conta algo pessoal, costumeiramente, tende a não o fazer de modo objetivo, tornando, deste modo, o discurso ponderável.

É importante observarmos tais fatores porque, desde o início da narrativa, as características imputadas pelo recém-chegado ao Outro com quem tem contato direto no momento, o taxista, são pejorativas e repreendedoras. O narrador, em um momento de dramaticidade forte – possivelmente com o intuito de criar uma *persona* de si como vítima de um inexplicável e inoportuno momento –, nomeia o taxista como “*and old man*” [um velho], termo que, em meio a um vocabulário rico e

---

<sup>44</sup> Nossa tradução: Se não estivesse chovendo assim que saí do cinema, eu deveria ter caminhado até em casa: meu apartamento ficava nas proximidades e a rota era tudo menos complicada – reto pelo *Boulevard*, passando por duas ruas e virando à direita na terceira, a *Rue de Grenelle*, por cerca de meia quadra. Como chovia, entretanto, eu chamei por um táxi, e foi um breve momento antes que eu percebesse que seu motorista, um homem velho de rosto corado, estava em meio a um ataque de perversidade e nervos.

relativamente erudito da língua inglesa, poderia ter sido evitado, caso não fosse a intenção explícita do narrador sua utilização.

Ademais, os termos “*perversity*” [perversidade] e “*nerves*” [nervos], utilizados para descrever a situação na qual o taxista se encontrava, auxiliam no afastamento do emissor para com tal figura. Ela é metamorfoseada, pela voz enunciativa, em um ser que, desde a gênese de sua presença, causa temor e falta de confiança. Finalmente, cremos que o uso da palavra “*attack*” [ataque] também é proposital, novamente com o intento de causar no narratário a ideia de vitimização da personagem principal, ao mesmo tempo em que transforma o taxista em algoz dos infortúnios a ocorrerem durante “*The Stranger*”.

Percebemos, ademais, que os motivos que levam o homem a buscar um táxi não são específicos; não obstante, inteiramente pessoais. Ele saíra de uma sala de cinema e pretendia ir a sua casa de maneira confortável. Em nenhum momento, é possível enxergar uma compreensão da protagonista sobre como o taxista estava trabalhando e não necessariamente estava satisfeito com a noite chuvosa que se apresentava naquele momento. Nesse sentido, já há indícios sobre como, pelo menos, a voz enunciativa não estaria disposta a entender o outro lado da questão, fechando-se à outremização e evitando uma troca mútua e benéfica de conhecimentos e perspectivas de mundo diversas, uma vez que “*interactions within and without groups follow codes, categories, and boundaries to identify the included, the excluded, the conformist, and the deviants as Outsiders*”<sup>45</sup> (KASTORYANO, 2010, p. 79).

Os códigos de conduta e pensamento do adventício inglês, perceptivelmente, levam-no à rejeição do taxista francês, por motivos que não são explicados ao longo da narrativa e permanecem no âmago do ser em si. Na obra de Stegmuller, vê-se como o francês também não cria códigos e limitações específicos durante a interação para compreender o que queria o forasteiro. Ambos não reconhecem a existência de um outrem diferente e, por isso, são levados à não-compreensão um do outro.

Após o evento inicial, tem-se o processo que acaba por revelar qual é, exatamente, o problema de ambas as personagens e como nenhuma delas está disposta a entender qual é a vontade da outra. Na sequência das ações, temos:

---

<sup>45</sup> Nossa tradução: interações dentro de e fora de grupos seguem códigos, categorias e limites que identificam os inclusos, os excluídos, os conformistas e os periféricos como Forasteiros.

*“No! No!” I cried, as he started to turn up the first street, the Rue St. Dominique. “Two more blocks”. He muttered something, swung down the boulevard again, and then in a moment he was turning up the second street, the Rue Las Cases. “No! No!” I cried again. “The next one, please. The next one is mine! The Rue de Grenelle!” At this he turned around and gave me a baleful stare; then he spurted ahead, didn’t turn up my street at all, and continued rapidly down the boulevard as though forever<sup>46</sup> (STEEGMULLER, 1935, p. 88).*

A falta de entendimento entre ambos leva a um evento incômodo, mas banal: o motorista não compreende seu interlocutor, supostamente pelo seu sotaque, que busca dizer-lhe a rua à qual deve ir e erra o caminho repetidas vezes. Desse mote, surge a falta nas duas personagens: nenhuma delas está disposta a ceder, tampouco a se acalmar e buscar um meio pelo qual a comunicação seja, verdadeiramente, possível. Em vez disso, tudo que se pode ver, novamente, é a vitimização da protagonista e a transformação do taxista numa espécie de vilão travestido de motorista nas ruas de Paris.

A utilização do vocábulo “*cried*” [gritei] é ambígua nesse caso, pois se pode traduzi-lo, também, como “lamúria” ou “choro”, o que evidenciaria o caráter teoricamente submisso que o forasteiro busca projetar. Ele se põe como vítima de uma situação adversa, da qual não tem poder algum para escapar.

Durante a sequência de eventos, há, novamente, a vilanização do taxista, que não tem a capacidade de fala imputada a ele. De acordo com o narrador, “*he muttered something*” [ele resmungou algo], obviamente incompreensível para a voz enunciativa, e volta a seu trajeto errôneo, sem ter prestado atenção aos pedidos feitos pelo inglês, seu passageiro no momento.

Na continuidade da narração, o ápice da falta de entendimento do inglês para com o Outro que está na situação de interação com ele naquele momento é atingido, quando é narrado que o motorista dá a seu passageiro “*a baleful stare*” [um olhar maligno], após ser novamente informado que estava dirigindo-se pelo caminho errado. Uma vez que a única perspectiva da qual podemos tirar conclusões é a da

---

<sup>46</sup> Nossa tradução: “Não! Não!”, gritei, enquanto ele começava a virar na primeira rua, a *Rue St. Dominique*. “Mais duas quadras”. Ele resmungou algo, desceu o Boulevard novamente e, então, em um momento, ele estava virando na segunda rua, a *Rue de las Cases*. “Não! Não!”, gritei novamente. “A próxima, por favor. A próxima é minha! A *Rue de Grenelle*!”. Com isso, ele se virou e me encarou malignamente; então, ele arrancou, nem virou na minha rua, e continuou rapidamente descendo o *Boulevard* como se fosse para sempre.

personagem protagonista, é questionável afirmar que foi exatamente desse modo que a situação ocorreu.

Considerando-se que a voz enunciativa não tenha intenção de, explicitamente, mentir, os meandros da memória e o estresse da situação podem ter funcionado como forças latentes que provocaram a visão do taxista como um óbvio vilão. A utilização do “*forever*” [para sempre] acrescenta dramaticidade à situação, pois o instante em que a sequência de erros ocorre é eternizado pela palavra e passa a ser visto como uma situação de verdadeiro perigo pela personagem estadunidense.

Não há quaisquer ressalvas ou comentários que tenham como objetivo rever a situação, reanalisá-la em busca de meios para solucioná-la. O estrangeiro se dá como vítima passiva e incapaz de agir, a não ser pela verbalização, claramente falha, enquanto o motorista se porta como ignóbil e irritadiço, com o qual uma interação, de qualquer tipo, torna-se dificultosa.

A seguir, tem-se o momento em que o motorista também demonstra não estar disposto a qualquer tipo de construção comunicativa, prejudicando, por essa sua opção, a criação de laços sociais e, conseqüentemente, da alteridade em si. Fica explícito como a figura do ádvena entra em pauta e as ramificações possíveis desse símbolo ganham contornos na escrita. Em “*The foreigner*”, lemos:

*To my horror, the old man made a noise like a snarl. Spinning his car around in a U turn on the slippery pavement, he speeded back, crossed the boulevard, and stopped at the corner of my street with a jerk. “Get out!” he almost screamed, his face crimson with rage. “Get out of my automobile at once! I refuse absolutely to drive you any further! Three times you have treated me like an idiot. Three times you have grossly insulted me! My automobile is not for foreigners, I tell you! Get out at once!”<sup>47</sup> (STEEGMULLER, 1935, p. 88).*

Primeiramente, o que se nota é, novamente, a descrição caricata e dúbia do motorista francês. Não basta ser aproximado de um animal, ao ter um som que emite comparado ao de um rosnar, a própria utilização da palavra “*jerk*” [espasmo/idiota] em inglês ganha caracteres plurissignificativos. Ao mesmo tempo

<sup>47</sup> Nossa tradução: Para meu horror, o velho fez um som como o de um rosnar. Girando seu carro em um retorno no pavimento escorregadio, ele acelerou de volta, atravessou o *boulevard*, e parou na esquina de minha rua com um espasmo. “Saia!” ele quase gritou, seu rosto rubro de raiva. “Saia de meu automóvel imediatamente! Eu absolutamente me recuso a levá-lo para mais longe! Três vezes me tratou como um idiota. Três vezes você gravemente me insultou! Meu automóvel não é para estrangeiros, digo-lhe! Saia de uma vez!”

em que significa um movimento quase que involuntário do corpo, sentido que é o mais apropriado à compreensão durante a narrativa, a palavra significa, também, um termo pejorativo, próximo de “idiota”. De todas as palavras possíveis da língua inglesa para descrever um movimento brusco e relativamente impensado do taxista, a que a voz enunciativa opta por utilizar é aquela que possui ambiguidade relativa em seu sentido, demonstrando, novamente, como a sutileza da transformação do francês em vilão da diegese vai se configurando ao longo da narrativa.

Com isso, a legitimização da existência do Outro vai sendo prejudicada, a outremização não se dá de modo pertinente e nenhum dos dois lados consegue se beneficiar social, cultural ou individualmente dos eventos narrados. O fato de estar com o rosto rubro de raiva auxilia na caricatura em que se torna o taxista, transformado em inimigo, configurado pela voz enunciativa.

Em segundo lugar, no momento no qual a figura do forasteiro aparece de modo pontual, a raiva incontida do taxista para com seu passageiro se transforma em verborragia de insultos, ao ponto máximo de traços xenofóbicos serem visíveis no discurso do taxista. Ao ordenar repetidas vezes que a protagonista se retirasse de seu táxi, o discurso de ódio culmina com a explicitação de que o seu automóvel, de alguma forma, não seria para *estrangeiros*, em claro discurso segregacionista. Não obstante estivesse com problemas para encontrar seu destino, de modo algum poderia haver justificativa menos plausível para a retirada do inglês de seu táxi.

Depreendemos que, embora convivesse com seres alheios a si, ainda mais na profissão de taxista, este francês não estava apto a trilhar os caminhos da alteridade e do reconhecimento do Outro. Embebida em um óbvio discurso reacionário, a palavra *estrangeiro* ganha, como esperado, caracteres pejorativos, representando aquele que veio de fora para causar mal e interromper alguma vivência estabelecida.

Simmel (1950), Lévinas (1980) e Kristeva (1994) trazem noções similares a respeito do Outro forasteiro ao desenvolverem suas teorias. Para os autores, a primeira identificação do outrem/estranho parte quase que automaticamente de caracteres negativos, comprometendo a vivência e o compartilhamento de informações e perspectivas entre seres distintos. A outridade não tem como se estabelecer em tais circunstâncias e os indivíduos presentes acabam mutuamente afetados.

Não há qualquer busca por assimilação do outrem existente, ele é apenas, seguindo os pressupostos que Lévinas (1980) julga negativos quando do contato com o Outro, uma espécie de *tabula rasa* na qual as projeções do *eu* podem ser feitas. Caso haja o rechaço dessas, o *mesmo* se fecha e não há alteridade efetivada.

A falta de comunicação entre ambos é o combustível pelo qual a animosidade e, até mesmo, a xenofobia podem ser apresentadas. Kastoryano sugere que há uma dicotomia mínima nas políticas de encontro e compreensão do Outro nas sociedades. Segundo a autora,

*Opposed to a politics of assimilation of the Other into the same, politics of recognition, despite its objective to reduce inequalities, contributes to the construction of boundaries, to a separation between the same and the Other. The politics of recognition implies the identification of the Other and its inscription into a cultural, social, economic, and juridical account*<sup>48</sup> (KASTORYANO, 2010, p. 80).

Em vocabulário muito próximo ao utilizado por Lévinas (1980), Kastoryano assume que existam dois meios, ao menos, pelos quais é possível falar em outridade nas sociedades contemporâneas. Segundo a autora, muitas políticas hodiernas visam à criação de uma política de simples reconhecimento, na qual o Outro é demonstrado, sua existência é explicada, mas ele jamais é compreendido. Enganosamente, aparenta ser um sujeito tal qual o indivíduo estabelecido que toma contato com ele, mas nada mais é que, novamente, objeto, em uma relação calcada pelos símbolos da subserviência e da hierarquia.

Para que realmente seja possível a compreensão do Outro, é, portanto, necessária a compreensão e o colocar deste outrem em um posicionamento sociopolítico no qual ele realmente se torne um igual que é diferente. Trazendo as noções de Kastoryano a “*The foreigner*”, é possível observar nele traços dessa dualidade exposta pela autora. Tanto o motorista francês quanto o narrador estadunidense sabem de suas existências distintas, reconhecem a existência de um outro ser ali, diferente de si, mas em momento algum assimilam essa mútua diferença, essas existências plurais e distintas que cada um possui.

---

<sup>48</sup> Nossa tradução: Em oposição a uma política de assimilação do Outro dentro do *mesmo*, a política de reconhecimento, apesar de seu objetivo de reduzir mazelas, contribui para a construção de limitações, para a separação entre o *mesmo* e o Outro. A política de reconhecimento implica a identificação do Outro e sua inscrição dentro de um sistema cultural, social, econômico e jurídico.

Nesse sentido, as personagens acabam por não permitir o percurso de alteridade e o *ádvēna*, invariavelmente, permanecerá moldado pelo juízo de valor negativo que lhe é imputado. Na história de Steegmuller, é importante observar que a falta e falha na criação de outridade se dá de maneira mútua, não sendo, como a voz enunciativa tanto gostaria, apenas o estrangeiro vítima de seu inimigo local. Ele é parte tão responsável quanto o taxista pelas falhas que ocorrem no evento narrado.

Adiante na diegese, a voz enunciativa tenta dizer que não havia insultado o motorista, culminando no momento em que menciona “*you know quite well I did nothing but urge you, in vain, to drive me home. Now kindly do so. I shall give you a good pourboire’ I added, more amiably, ‘and we shall take leave of each other in a friendly fashion*”<sup>49</sup> (STEEGMULLER, 1935, p. 88). Para o forasteiro, as relações de aproximação com o outrem, afinal, o francês também é um Outro ao estrangeiro, podem ser feitas tão somente a partir de bases monetárias. Uma vez que a relação havia se iniciado de modo agressivo, pensa que o dinheiro pode acabar por solucionar os problemas de cada um.

Esse evento se relaciona com a teoria de Operé (2006), que julga a formação identitária estadunidense pautada nos ideais capitalistas e judaico-cristãos. Nesse sentido, oferecer dinheiro, como forma para que uma situação de animosidade seja reparada, é parte do arcabouço cultural que o *alóctone* possui. Possivelmente, nem concebe o fator subjacente ao fato, o de que as interações humanas poderiam ser tornadas mais fáceis apenas com o capital. Mesmo que a gorjeta seja instrumento popular de apreço em trocas comerciais, o momento em que essa é sugerida pela voz enunciativa denota uma tentativa mascarada de comprar a benesse do taxista francês e, por analogia, a tentativa de tornar a compreensão daquele que lhe é estranho possível apenas por valores monetários.

Corroboramos esse fato pelo próprio uso do imperativo da língua inglesa no original, quando ele “gentilmente” dá a ordem para que o motorista, finalmente, dirija-se à casa do imigrante, ignorando as reclamações do francês e retornando a seu *status* original de mero usuário em busca de um serviço prestado.

---

<sup>49</sup> Nossa tradução: “você sabe muito bem que nada fiz a não ser pedir a ti, em vão, para me levar para casa. Agora, gentilmente, faça-o. Eu dar-lhe-ei uma boa gorjeta”, acrescentei, mais amigavelmente, “e nos despediremos de modo amigável”.

Em outros dois momentos, a menção pejorativa feita ao estadunidense, chamado de *estrangeiro*, é efetuada. Após se dirigirem ao comissário de polícia para resolverem a situação, o taxista, interrompendo o depoimento do inglês, clama que é “*It is I who wish to complain against this foreigner! Three times he has treated me like an idiot, Monsieur! Three times he has insulted me grossly! I demand justice, Monsieur!*”<sup>50</sup> (STEEGMULLER, 1935, p. 89) e, vagamente, quando tem a permissão para dar seu depoimento, o francês repete aquilo que quase se torna seu mantra: “*Three times, Monsieur! Three times treated like an idiot; and three times grossly insulted! By this foreigner! It is not to be borne, Monsieur!*”<sup>51</sup> (STEEGMULLER, 1935, p. 90). O que notamos é como nas três vezes em que o vocábulo *foreigner* é trazido à tona, ele é sempre utilizado com o intuito de diminuir e menosprezar a figura da voz enunciativa, apenas por sua origem geográfica ser distinta daquela do taxista.

O problema original – a falta de comunicação entre ambos, extrapolada a ponto de eles irem à polícia resolver a questão – faz-se secundário a partir de então. Isso ocorre porque, ao passo que o fato de ele ser forasteiro se torna o que mais incomoda o taxista, a situação agora representa uma falta de outremização, uma não aceitação do Outro e, até mesmo, a demonstração de possíveis traços xenofóbicos provindos do indivíduo francófono.

Nas duas últimas menções, o uso do pronome demonstrativo “*this*” [este] acrescenta um tom de deboche e nova hierarquização no discurso, transformando o estadunidense num ser inferior, passível de julgamentos e juízos de valor. Novamente, a questão da *tabula rasa* é retomada, uma vez que não se analisa quem é este homem; apenas se imputam valores a ele, determinados, exclusivamente, pela vontade cega do taxista francês.

Mister também faz-se explicitarmos como o comissário de polícia é tratado de modo ambivalente na narrativa. Ele ocupa uma função social pautada nos símbolos da ordem, rigor e unilateralidade. O policial, por tendência, representa um lado: o do Estado. Neste sentido, poderíamos pressupor que o modo como o comissário reflete acerca da situação estaria pouquíssimo embebido por ideais de outremização e entendimento do outrem, seja esse quem for. No entanto, em “*The Foreigner*”, nota-se o contrário. O comissário é, possivelmente, a única voz que sabe tratar

<sup>50</sup> Nossa tradução: Sou eu quem deseja reclamar contra este estrangeiro! Três vezes ele me tratou como idiota, *Monsieur!* Três vezes ele me insultou gravemente! Eu ordeno justiça, *Monsieur!*

<sup>51</sup> Nossa tradução: Três vezes, *Monsieur!* Três vezes ele me tratou como idiota; e três vezes gravemente insultado! Por este estrangeiro! Não há como ser tolerado, *Monsieur!*

igualmente e entender – verdadeiramente – ambas as personagens. Percebe-se isso quando, ao entrarem na delegacia, é narrado que “*the commissaire, sitting in lonely authority behind his desk, greeted me as an acquaintance*”<sup>52</sup> (STEEGMULLER, 1935, p. 89). Não há necessidade que o policial trate aqueles a sua frente como conhecidos, amigavelmente, e, mesmo assim, o comissário ainda faz questão de mostrar-se alguém que pode ser indagado, com quem se poderia conversar. Mais que isso, o modo pelo qual o comissário é descrito reflete uma visão muito mais pacífica e segura da instância narrativa, bastante diferente do modelo pelo qual o taxista é descrito. A suposta unilateralidade do vocábulo “*lonely*” [solitário] serve mais para criar um símbolo de compreensão e norteamto no comissário do que para retratá-lo como intransigente e incomunicável.

Na continuidade do conto, outro momento que é digno de nota a respeito do posicionamento do comissário de polícia é visível quando este se mostra impassível às lamúrias do taxista. Na continuidade das ações, tem-se que “*the commissaire stared at him, his face expressionless*”<sup>53</sup> (STEEGMULLER, 1935, p. 89), em um novo momento de confluência e compreensão dos discursos de ambos. Sem tomar lados, a face sem expressão do comissário acaba por transmitir mais entendimento que concordância. Acreditar e ceder a um dos lados representaria não entender, *per se*, os outros que se revelavam a sua frente. Para compreender um, o comissário deveria rejeitar o outro. Assim, em momento, mais uma vez, ambivalente, a autoridade sem expressão do comissário é mais compreensiva do outrem que ambas as personagens principais da narrativa.

Entretempos, fato que deve ser mencionado é o de que “*in France, the official census classifies the entire population under three categories: French by birth, French by acquisition (naturalization), and foreign*”<sup>54</sup> (KASTORYANO, 2010, p. 86), portanto, até mesmo legalmente é possível dizer que não ocorre a introdução do adventício na cultura francófona. Este é, perpetuamente, visto como estrangeiro e, deste modo, como um possível pária, alguém que não pertence ao local no qual está buscando uma possível inserção.

---

<sup>52</sup> Nossa tradução: o comissário, sentado atrás de sua mesa em autoridade solitária, cumprimentou-me como um conhecido.

<sup>53</sup> Nossa tradução: o comissário encarava-o, seu rosto inexpressivo.

<sup>54</sup> Nossa tradução: Na França, o censo oficial classifica a população inteira em três categorias: francês por nascimento, francês por aquisição (naturalização) e estrangeiro.

Culturalmente, as ramificações desse tipo de pensamento são grandes e variadas, podendo levar à xenofobia, em casos extremos. A falta de outridade também é revelada, uma vez que, mesmo com direitos cidadãos garantidos, o indivíduo sempre tem a alcunha a ele imputada de intruso. No caso de “*The Foreigner*”, é importante observar tais vestígios culturais franceses pelo fato de o taxista não conseguir dirigir-se à pessoa do estadunidense sem nomeá-lo como alguém de fora. Não somente, aparentam demonstrar a impossibilidade do taxista de sair de seu lugar comum cultural e analisar quem seria este Outro estranho, para vê-lo como mais do que apenas um forasteiro.

O próprio cidadão norte-americano em questão, como mencionado, não possui traços evidentes de uma busca por alteridade e compreensão do Outro francês. Um exemplo disso é visível quando, durante a narrativa, tem-se o momento em que o comissário de polícia anota os depoimentos de cada um deles para os registros e, ao fazer isso, a voz enunciadora do conto narra que “*all the commissaire inscribed imperishably in whatever the French call the Spencerian style*”<sup>55</sup><sup>56</sup> (STEEGMULLER, 1935, p. 89), trecho no qual fica também evidente a displicência e atitude vaga que o narrador tem para com o idioma francês.

Vivendo em Paris há um tempo indeterminado suficiente para ir ao cinema e saber os nomes das ruas, endereço do comissário de polícia e caminhos pela cidade, ele não vê a necessidade de aprender o idioma como um todo, fazendo pouco caso de como seria o termo inglês em sua contraparte francesa. Por consequência, sugere-se que ele também não esteja verdadeiramente interessado em tomar conhecimento da cultura francesa como um todo. Reiteramos novamente como o percurso de outremização fracassado na relação EUA x França, em “*The foreigner*” se dá pelo fato de ambas as personagens principais não estarem dispostas a dialogar e saírem de seus espaços comuns de interação social. Nem o taxista francês, nem o estrangeiro cidadão dos Estados Unidos têm, em si, intenções de incorporação do Outro. Como Kastoryano (2010) sugere, o que ocorre é eles reconhecerem as existências difusas um do outro, sem nunca se engajarem em algum percurso de outridade efetivo.

---

<sup>55</sup> Estilo de escrita desenvolvido por Platt Rogers Spencer para ser um modelo de escrita rápido, eficiente, esteticamente aceitável e legível. O estilo se torna famoso e, de 1850 a 1925, aproximadamente, foi o modelo padrão para correspondências oficiais nos EUA.

<sup>56</sup> Nossa tradução: tudo o Comissário anotava impecavelmente em seja lá como for que os franceses chamam o modo de escrita Spencer.

Para Larsen (2000, p. 274), “*once the American gets the taste for Europe, the relationship between an Euro-American identity and its otherness is displayed or staged whether the American is at home or in the old world, but it is never lived through to a solution*”<sup>57</sup>, sentido evidenciado nessa escrita de Steegmuller, ao passo que o anglo saxônico americano, já acostumado à vivência europeia em meio à Paris da primeira metade do século XX, quando do seu choque com o taxista local, jamais conseguirá chegar a uma solução plausível a seu impasse.

Sabemos que ele está acostumado ao local porque, ao final do conto, o comissário pede para que ele entregue seu documento de identidade, a título de burocracia. A voz enunciativa lembra tê-lo esquecido na escrivaninha e, então, mente ao policial, indicando que o teria deixado em casa devido à chuva. Estupefato, o narrador lembra que “*the identification card which foreign residents are required by French law to carry at all times*”<sup>58</sup> (STEEGMULLER, 1935, p. 90), período no qual fica claro que se trata, de fato, de um residente forâneo, o que pressupõe que a voz enunciativa já deveria ter um contato intrínseco com o sistema legal e social da França, bem como uma melhor apreciação da mentalidade local em si.

Outrossim, faz-se visível a plena separação feita entre o residente estrangeiro e o de origem francesa comentado por Kastoryano (2010), já que é obrigatório o porte do cartão de identidade em todos os momentos, falha que a voz enunciativa comete ao esquecê-lo na escrivaninha e que lhe custará o sucesso no caso com o comissário de polícia.

Após descobrir isso, o comissário muda seu inquérito e acaba por, de certa forma, penalizar ambos os envolvidos e normalizar a questão de uma vez por todas. Na continuidade, o agente policial diz que “*due to the fact that it is raining, I shall request this gentleman to drive you to your door, but I shall require you to pay him not only for the entire journey from the beginning to end, but also for the time that he has lost by coming to this bureau*”<sup>59</sup> (STEEGMULLER, 1935, p. 91). O taxista é

<sup>57</sup> Nossa tradução: uma vez que o Americano tenha um gosto pela Europa, a relação entre uma identidade Euro-americana e sua alteridade é mostrada ou encenada se o Americano estiver em casa ou no Velho Mundo, mas nunca é vivida até uma solução.

<sup>58</sup> Nossa tradução: o cartão de identificação que residentes estrangeiros, obrigados pela lei francesa, devem ter em si a todos os momentos.

<sup>59</sup> Nossa tradução: Devido ao fato de que está chovendo, vou solicitar a este senhor para conduzi-lo à sua porta, mas vou exigir que você lhe pague, não somente pela viagem inteira, de início ao fim, mas também pelo tempo que ele perdeu vindo a esta agência.

penalizado no sentido de ter de, novamente, aceitar aquela *persona non grata* em seu automóvel, bem como levá-la a seu destino, enquanto o estadunidense é penalizado por ter de restituir monetariamente os gastos originais da viagem, mais o tempo perdido com o comissário. Nenhuma das personagens se sai bem e não há vitória a comemorar. A perda simbólica em “*The foreigner*” representa também a perda da outridade, a não compreensão das diferenças culturais que circundam a todos os indivíduos e a importância do reconhecimento e aceitação do Outro. Ressalta-se que o comissário de polícia apresenta-se como representante da outridade na narrativa. Mesmo que camufle, por meio da máscara social de poder autoritário imputada à polícia, é o comissário quem percebe, suficientemente, a banalidade dos eventos que se desenrolam e, portanto, evita dar penas rígidas às personagens. Ainda é ele também que penaliza ambos os homens de maneira similar, compreendendo-os, sem, necessariamente, concordar com algum deles.

No último parágrafo do conto, uma derradeira similitude entre as personagens pode ser encontrada, sem que essa, entretanto, promova de algum modo a aproximação do *eu* com o outrem. Chegando à porta de sua casa, o cliente paga a quantia exata ao taxista, que, por sua vez, responde-lhe: “*Monsieur has no doubt forgotten his promise of a good pourboire, that we might part in friendly fashion?*”<sup>60</sup> (STEEGMULLER, 1935, p. 91), trecho carregado de ironia e sarcasmo por parte do taxista francês, ao mesmo tempo em que a questão de como as relações monetárias intervêm nas relações sociais na contemporaneidade fica explicitamente marcada.

Não somente o estadunidense, mas o francês também está disposto a considerar que o dinheiro seria uma das únicas formas capazes de superar momentos de animosidade. O relato adquire um caráter relativamente cíclico, já que o pensamento de uma personagem ao início é transposto à *psique* da outra personagem ao final da narrativa. Além disso, a história termina, geograficamente, quase no mesmo ponto em que havia iniciado, já que o inglês morava há poucas quadras do cinema no qual a narrativa o situa pela primeira vez. A situação motorista x passageiro se repete, com uma simples inversão de quem é que pronuncia as falas dessa vez.

Esses eventos também são justificáveis pelo fato de os Estados Unidos da América e a França terem elementos comuns em sua construção social, devido à

---

<sup>60</sup> Nossa tradução: *Monsieur* sem dúvidas se esqueceu de sua promessa de uma boa gorjeta, assim poderíamos nos despedir de maneira amigável?

intervenção francesa grandiosa durante o período anterior à independência estadunidense do domínio britânico. Para Kastoryano (2010, p. 82),

*Each society has its Otherness. France and the United States –two republics born of two different historical contexts– are, today, going through the same tensions between universalism and particularism but practice very different modes of inclusion and exclusion. According to George Fredrickson, respective histories show many similarities in the facts but also many contrasts in their reactions. Both states practiced slavery, abolished in 1848 in France and during the Civil War in the United States; but slavery according to Fredrickson has constituted the central element of the American national experience (Fredrickson, 2005). Both republics have established citizenship at the foundation of the theory and institutional practice of nationhood. But both developed different approaches to immigration.<sup>61</sup>*

Ao analisarmos “*The foreigner*”, é possível observar como a questão monetária, reflexo da sociedade globalizada capitalista, é uma semelhança entre as personagens, que depositam fé no fato de que o dinheiro pode ser uma solução lógica e rápida para algum momento de animosidade.

Ademais, a teimosia de ambas as personagens e a falta de trato para lidarem com o Outro figuram no cerne da não compreensão da outremização, que reflete nos eventos malfadados de “*The foreigner*”. A questão das práticas universais em contraponto às particulares também é de importante nota, já que, para as personagens, fica claro como o particular se sobrepõe ao universal e como o ganho próprio se almeja além do ganho comunal.

A perda de ambos, ou melhor, a impossibilidade de algum deles sair vitorioso, após o encontro com o comissário de polícia, nada mais é que a perda da alteridade e a falta de reconhecimento do Outro, uma vez que o *eu* está demasiadamente ligado ao *Mesmo* para poder assimilar algum ser que lhe é alheio.

Finalmente, na narrativa de Steegmuller, o que é visível é a possibilidade de tanto o estrangeiro quanto o nativo serem forças ativas responsáveis pelo errôneo

---

<sup>61</sup> Nossa tradução: Cada sociedade tem sua Alteridade. França e Estados Unidos – duas repúblicas nascidas de dois contextos históricos diferentes – estão, hoje, passando pelas mesmas tensões entre universalismo e particularismo, mas praticam modos de inclusão e exclusão muito diferentes. De acordo com George Fredrickson, respectivas histórias mostram muitas semelhanças nos fatos, mas também muitos contrastes em suas reações. Ambos os Estados praticaram escravidão, abolida em 1848 na França e durante a Guerra Civil nos Estados Unidos; mas a escravidão, de acordo com Fredrickson, constituiu o elemento central da experiência nacional americana (Fredrickson, 2005). Ambas as repúblicas têm estabelecida a cidadania na base da teoria e da prática institucional da nação. Mas ambos desenvolveram diferentes abordagens para a imigração.

caminho de aproximação social. Não somente vítima, por vezes, para a América, o Outro forasteiro também é o culpado pela falta de relação e interpessoalidade entre seres.

A seguir na pesquisa, tomamos notas de “O Cavalo que bebia cerveja”, do autor brasileiro Guimarães Rosa, que lida de modo bastante diverso com a figura do alóctone a ser aceito. Nele, o que se vê é o desvelar da outridade a partir de uma situação primariamente animosa, na qual o sujeito local, um jovem sertanejo, não está disposto a fazer contato com o imigrante italiano que passa a viver em sua região. Com o tempo, todavia, essa relação se torna amistosa até o ponto de ambas as personagens poderem compreender-se e o Outro forasteiro ser entendido pelo *eu* local.

Logo após, com “*El extranjero*”, da argentina María Rosa Lojo, é possível identificar a quebra de fronteiras como mote central, que tem por primazia o esfacelamento do sentido de fronteira, de pertencimento. Gabriel Iturri, o estrangeiro argentino vivente na Europa, que, porém, não pertence a nenhum desses mundos, tem sua existência revelada num conto que, aliando a historiografia e a literatura, revê o que seria o adventício, talvez, para a América hispânica.

## 2.2 DO “ERA HOMEM ESTRANGEIRO” AO “CÁ EU PISCO”: ALTERIDADE E RECONHECIMENTO EM “O CAVALO QUE BEBIA CERVEJA” (1962), DE GUIMARÃES ROSA

Na América, especialmente na vasta região de origem ibérica, quando se dá o início das concepções artísticas que, de certa forma, procuraram quebrar o lastro cultural europeu que há tanto preocupava a camada intelectual do continente e que impossibilitava a real compreensão de o que seria uma identidade americana, latino-americana e/ou brasileira, também as questões referentes à configuração do Outro ganharam relevância. Na porção sul-americana, desde o século XIX, quando aflorou o romantismo, objetivava-se a contestação das influências europeias e a construção de construtos identitários locais, primariamente na América hispânica e, logo após, também no Brasil.

O movimento literário do romantismo é um exemplo dessa concepção que, em terras brasileiras, serviu à idealização do indígena como figura heroica e,

supostamente, pertencente, de fato, a seu gênese como dona das terras dominadas pelos europeus. Embora o movimento tenha falhado nesse ideal, é possível compreender que a discussão sobre identidade nacional e “direito de estadia” já ocorria no continente americano, em sua porção latina, desde essa época. Mais tarde, com o advento do movimento modernista, uma sucessão de acontecimentos altera essas abstrações, dando um novo enfoque e uma nova visão às questões identitárias, dessa vez, desdobrando-se em marcas duradouras nesse processo.

Aproximando-se à realidade artística tupiniquim e revelando como esta foi relevante ao país, observamos que é, primordialmente, no período do modernismo brasileiro que tais questionamentos e indagações serão feitos pelos artistas nacionais. Rejeitar aquilo que Candido (1989, p.147) trata como a assimilação passiva de noções trazidas ao país por meio de outras figuras, bem como a aceitação acrítica de tudo o que era produzido na nação, torna-se motivo criador para o literato nacional.

A compreensão acerca da importância das influências na construção de uma sociedade plural, mas relativamente coesa, foi ponto importante de crescimento ideológico nacional. Isso ocorreu sem que se deixasse de analisar a produção interna do país e em que pontos era inovadora ou apenas mera cópia de estilos ultrapassados, descartados pela “metrópole”.

Embora houvesse relances dessa mentalidade em outros períodos literários e em outros momentos políticos da nação, foi no período literário do modernismo e no período social referente à, praticamente, primeira metade do século XX, que a manifestação artística e social em torno de uma construção ideológico-política propriamente dita brasileira surgiu com maior fervor. Um distanciamento dos cânones literários europeus – paradoxalmente aliado à compreensão da necessidade das influências – gerou um período literário crítico e produtivo, fato que se deu especialmente relacionado, também, à figura do Outro e às relações de alteridade entre indivíduos distintos.

É no movimento do modernismo que essa discussão ganha fôlego e torna-se motivo de criação para um novo olhar acerca da identidade nacional, psique social e aceitação de outrem. Os literatos, em especial, foram responsáveis pela conceituação e delimitação de pressupostos estéticos que tiveram importância em relação à identidade nacional como um todo. Oswald e Mário de Andrade,

juntamente com autores como Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa, entre outros, foram responsáveis pela expansão do universo de expectativas da literatura nacional.

Tal ampliação se deu por meio da desconstrução de valores cristalizados e pela recriação de preceitos estético-ideológicos de construção literária, bem como pela visão crítica e severa da realidade que circundava a vivência dos indivíduos locais, citadinos ou rurais, durante considerável parte do século XX.

Ao abrangerem tanto a cidade quanto os polos rurais e/ou sertanejos, ao demonstrarem a pluralidade de ideologias, sotaques, dialetos, pensamentos e noções, os escritores foram responsáveis pela construção de uma teoria que notasse que a identidade brasileira podia ser plural; que ela se constitui da mescla de diferentes culturas, assimilada e transformada em algo diferente, novo, “autêntico”.

Período de produção literária fértil e de intensa escrita crítica, o modernismo confrontou-se com a questão do Outro em suas diversas facetas, sendo, portanto, um momento primordial para a investigação que pretendemos fazer acerca dessa figura.

Delineando-se o foco de atuação a ser analisado, tomamos, nesse momento, a figura do literato Guimarães Rosa. Sua obra, calcada, primeiramente, na produção de contos e novelas, é distinta em relação às temáticas e às figuras escolhidas como principais para as narrativas. Seu único romance, *Grande Sertão: Veredas* (1956), é tido como clássico e leitura importante para a compreensão do sertão e do sertanejo nacional. Isso ocorre devido à intensa subjetividade da obra e à manipulação linguística feita pelo escritor, que, ao escolher vozes enunciadoras sertanejas, valeu-se dessa premissa para desenvolver a ambiguidade, a oralidade, a neologia e a recriação de símbolos em suas obras.

Além disso, vários de seus escritos mencionam uma figura primordial para a compreensão acerca de como se produz ou se distorce a noção de alteridade e compreensão do Outro: o estrangeiro, uma das figuras mais emblemáticas e representativas acerca daquele que é desconhecido. Aquele provindo de outra nação, falante de outro idioma, pertencente a outro universo cultural, pode ser visto de maneira dissociativa e repressiva, caso as necessárias relações de empatia e outridade não sejam produzidas.

As obras de Guimarães Rosa relatam, em vários momentos, as aproximações entre figuras pertencentes a culturas distintas e como as relações entre essas se dão. Enfocam-se, nessas escritas, quais as problemáticas que surgem e como ocorre o reconhecimento daquele ser que, outrora, poderia ter sido visto como pária social.

Para isso, partimos para o conto “O Cavalo que bebia cerveja”, integrante da obra *Primeiras estórias*, publicada em 1962, da qual utilizamos a edição de 2005. Nele se narra uma forma bastante roseana de relatar um possível (re)conhecimento entre um imigrante italiano, “seo” Giovânio, e um sertanejo brasileiro, Reivalino Belarmino. A relação entre ambos, inicialmente, ocorre com rejeição mútua. Kristeva (1994, p. 100) corrobora esse ideal, ao mencionar que “quem é estrangeiro? Aquele que não faz parte do grupo, aquele que não ‘é dele’, o outro. Do estrangeiro, em geral se notou isso, somente existe definição negativa”. Ou seja, em um primeiro momento, a noção imputada a um intruso parte de pressupostos negativos. Tal premissa é reiterada na narrativa de Guimarães Rosa, dada à configuração que este confere às suas personagens centrais de “O cavalo que bebia cerveja”.

O indivíduo “adventício” é um ser que não fala o mesmo idioma, não conhece os outros, não possui marcas que lhe permitam ser considerado como confiável ou bom, mesmo que essas sejam subjetivamente construídas e aceitas apenas na localidade para a qual ele se dirige. Esse sujeito, inicialmente alheio ao universo do sertão, terá que passar ainda pelo especial filtro de um dos narradores sertanejos da escrita peculiar de Guimarães Rosa para ser reconhecido como alguém daquele meio. O caráter, um tanto soberbo, desse narrador se revela em sua opinião inicial sobre seu próprio modo de ser e de ver o intruso: “não sou o de perdoar – a nenhum de nenhuma” (ROSA, 2005, p. 131).

Por não se saber como o indivíduo é, inevitavelmente, os autóctones veem-no como uma figura a ser explorada, explicada, conhecida. Um impulso de novidade é criado e o forâneo, paradoxalmente, torna-se um interesse para o grupo social em que busca se inserir, muito embora seja visto como alguém a, possivelmente, ser descartado. Em meio à vivência social, antes mesmo de a literatura adentrar a discussão, o forasteiro já figura como símbolo dual de compreensão. Alguém que, exatamente por ser diferente e curioso, causa receio e desapego. Tal situação

comum ao embate entre estrangeiros e autóctones é, todavia, mais significativa quando esse encontro ocorre num ambiente especial como o sertão rosiano.

Isso é corroborado em Oliveira (2011) que, em um estudo relacionado às personagens estrangeiras dentro da obra de Guimarães Rosa, explicita como “a singularidade do estrangeiro é um fator que, ao mesmo tempo em que atrai, repele; ela atrai pela curiosidade da diferença, mas afasta os autóctones que não aceitam tais hábitos tão estranhos aos seus” (OLIVEIRA, 2011, p. 79). O suposto paradoxo é formado e a constituição ambígua e pluralizada da relação de um grupo com um sujeito estranho/estrangeiro que se liga a ele é formada e, no caso do conto “O cavalo que bebia cerveja”, é evidenciado, entre outros momentos, quando o narrador, com seu gênio singular, menciona: “Comigo, não adiantava – não dispunha de minha ira” (ROSA, 2005, p. 132).

Em algumas de suas produções, Guimarães Rosa lida com tal constituição social, fornecendo às personagens características e nuances psicológicas suficientemente fortes para que, em meio a narrativas de tom poético relevante, também haja questionamentos e quebras de valores sociais cristalizados, inculcados nas mentes de indivíduos comuns.

A premissa em “O Cavalo que bebia cerveja” é bastante simples: “seo” Giovânio é um imigrante italiano que veio para o sertão brasileiro; mostra-se, aos olhos do narrador que o observa atentamente, recluso, de atitudes duvidosas, comportamento incomum. Ele passa a maior parte de seu tempo fora da casa em que vive, cercada por muros, cercas vivas e árvores, de modo a dificultar a visão e o adentrar-se nela. Esse local, aparentemente, constitui-se em uma muralha, uma cortina de proteção que impede aos de fora vislumbrar o interior. As diversas capas protetoras do interior da casa, além do fato de que “ele se rodeava de diversos cachorros, graúdos, para vigiarem a chácara” (ROSA, 2005, p. 131), intriga o sertanejo que o olha de forma desconfiada e eriça ainda mais a curiosidade deste. Isso faz com que o narrador, não conformado por não saber os reais motivos que levam o protagonista a agir desse modo, crie para si as mais diversas explicações para justificar essas ações do italiano.

Assim, na visão do narrador, “seo” Giovânio era um “sujeito sistemático, com sua casa fechada, pensasse que todo o mundo era ladrão.” (ROSA, 2005, p. 132). Tal cogitação do narrador com relação ao estranho que veio habitar em seu

ambiente provoca um sentimento de repulsa nesse processo inicial de (re)conhecimento do outro. Processo que se estende até mesmo quando já há uma aproximação maior entre os dois personagens, pois, quando o sertanejo passa a trabalhar para o estrangeiro, tudo o que o nativo espera é que o forasteiro lhe dê um motivo para que ele se revelasse naquilo que considerava a sua essência: “Tomara ele me xingasse! Aquele homem ainda havia de me ver” (ROSA, 2005, p. 132).

Esta casa aparenta também esconder segredos e, mais tarde, saber-se-á que este refúgio abriga um cavalo que bebe cerveja – mais uma capa protetora – que serve para ocultar o verdadeiro mistério do local: um irmão de “seo” Giovânio, mutilado pela guerra, confinado a viver dentro de casa pela tamanha deformidade que apresenta.

O fato de “seo” Giovânio permanecer constantemente do lado de fora da casa, sem jamais permitir a entrada de outros indivíduos nela, é sinal de que há algo a ser escondido e mantido em segredo pelo imigrante italiano, aspecto que deixa o narrador intrigado e sempre pronto às cavalações mais extravagantes sobre esses hábitos estranhos do dono da chácara. Como ele mesmo revela: “Do que mais estranhei, foram esses encobrimentos. Na casa, grande, antiga, trancada de noite e de dia, não se entrava; nem para comer, nem para cozinhar. Tudo se passava da banda de cá das portas” (ROSA, 2005, p. 132).

Ações e atitudes raras da protagonista naquele ambiente sertanejo, mas que, de fato, são reflexo do medo dos europeus em relação aos conflitos bélicos da primeira metade do século XX, e, sem dúvidas, do fato dele ocultar seu irmão deformado no interior da casa, o que faz com que “seo” Giovânio figure, aos olhos críticos e não muito benevolentes do narrador, como o estrangeiro, aquele que, automaticamente, é visto de modo pernicioso. As intenções desse narrador em relação ao homem que faz de tudo para não revelar o interior de sua casa, mas a quem ele observa minuciosamente, são reveladas ao leitor pelo seu fluxo de pensamento: “E eu, comigo: — “Tu espera, porco, para se, mais dia menos dia, eu não estou bem aí, no haja o que há!” (ROSA, 2005, p. 132).

A outra personagem principal é Reivalino Belarmino, jovem sertanejo, de modos e atitudes arrogantes e reacionários. Este, como já vimos, figura como narrador e personagem da diegese, bem como o meio pelo qual apreendemos o mundo ficcional nela criado. Desconfia do imigrante italiano a todo momento e de

forma contundente, porém, em eventos particulares à literatura de Guimarães Rosa, os acasos e descaminhos da vida levam o jovem a trabalhar, justamente, para o imigrante. Será nesse percurso que ocorrerá o distanciamento inicial a Giovânio e a eventual compreensão acerca da existência, dos modos e da *psique* daquele que é tão distinto de Reivalino Belarmino. A tônica dessa representação é a de intercâmbio cultural, pautado em pressupostos de um vagaroso desvelar das diferenças e entendimento do Outro forasteiro.

A propósito do nome dado à protagonista do conto, cabe observarmos a importância que esse terá para a construção psicológica da personagem, bem como para o entendimento dos motivos que afastam Reivalino, *a priori*, de algum sentido de compreensão para com o italiano. Aguiar e Silva escreve, a respeito dos personagens de ficção, sobre como

[...] o nome da personagem funciona freqüentemente como um indício, como se a relação entre o significante (nome) e o significado (conteúdo psicológico, ideológico, etc.) da personagem fosse motivada intrinsecamente (AGUIAR E SILVA, 1979, p. 277).

Nessa perspectiva, devemos atentar à costumeira subjetivação dada aos nomes das personagens em narrativas rosianas. De modo algum incidentais e/ou acidentais, elas refletem, também, a imagem que pretende ser criada da figura em questão. Aos moldes propostos por Aguiar e Silva (1979), tem-se que a intenção ideológica de uma personagem é explicitada, antes de mais nada, dentro de uma narrativa, a partir do próprio nome que lhe é dado, noção essa que amalgama o conteúdo subjetivo, tratado pelo teórico como significado, ao conteúdo mais objetivo, retratado pela alcunha pela qual uma personagem é identificável. Se, em “*The Foreigner*” (1935), de Steegmuller, há uma forte representação simbólica da diferença e não aceitação do Outro no próprio fato de nenhuma das personagens ser nomeada, em “O cavalo que bebia cerveja”, no entanto, ocorrerá o contrário, em que Reivalino Belarmino tem sua imagem e *psique* construídas, também, pelo nome que possui.

Primeiramente, observamos o fato de que seu primeiro nome inicia-se com o termo “rei”, introjetando forte conteúdo territorialista e individualista a sua figura. Ao representar um rei em solo sertanejo, percebe-se que a presença de Giovânio, um estrangeiro que não havia pedido, por assim dizer, permissão ao “fidalgo” brasileiro

para habitar o sertão, significa, portanto, uma forte afronta à constituição absolutista e monárquica que Reivalino construía para si mesmo. Se retomarmos trechos como “vindo comprar terra cristã, sem honrar a pobreza dos outros” (ROSA, 2005, p. 132), direcionada especificamente ao italiano, ou “sonsos os dois homens, vindos da capital” (ROSA, 2005, p. 133), crítica apontada aos representantes do consulado que haviam chegado no local para sondar a respeito de Giovânio, notamos como Belarmino, tal qual um regente, incomoda-se com a falta de respeito destes intrusos, aos quais ele não deve respeito, mas, de fato, o contrário, uma vez que esses estrangeiros adentram território – supostamente – do brasileiro sem ao menos prestarem explicações e/ou mesuras ao autoproclamado monarca.

Não obstante, para Sobrinho (2007, p. 144),

Seu nome sugere-nos que o autor utilizou uma corruptela do substantivo feminino *raiva* muito comum nos dialetos periféricos de nossa língua: *reiva*. Além da raiva, um outro significante salta na pronúncia de Seo Giovânio quando ele se refere a Reivalino e diz “Irivalíni”. [...] Dentro de Irivalíni, encontramos os significantes *rival* sem a interrupção do “e”, e *ira*, que também ocorrem no nome Reivalino. Seo Giovânio tem então, em princípio, um enraivecido rival.

Muito embora seja mais custoso enxergarmos explicitamente a noção de “ira” dentro do nome de Reivalino Belarmino ou da corruptela utilizada pelo italiano, certamente o termo “raiva”, a partir da análise efetuada pelo teórico, é perceptível na alcunha que o sertanejo brasileiro possui. Assim, percebemos que, como instância narrativa do conto, temos a voz única e soberana de Reivalino, um rei, mas, mais além, um rei com injúrias e raiva dentro de si. O nome da protagonista perpassa a mera noção de elemento pelo qual um homem é chamado para, então, assumir características condizentes com a própria constituição ideológica e filosófica do indivíduo. O rechaço inicial, a manha, a soberba e o desrespeito ao estrangeiro somam-se como elementos analisáveis do temperamento de Reivalino, construídos até mesmo com seu nome.

Podemos validar esse pensamento com as palavras de Batista (2014), que, em sua dissertação produzida na UFMG, intitulada “Hospitalidade e hostilidade no sertão: A relação do nativo com o estrangeiro em contos de Guimarães Rosa”, argumenta que

É possível assinalar, também, que, além da raiva, o substantivo “rei”, primeira sílaba do nome do protagonista, já apontaria para o desejo de territorialização deste nativo, que sempre se colocou como o verdadeiro proprietário ou, no mínimo, como alguém que considera ter um direito que lhe está sendo negado nas terras agora ocupadas pelo italiano. (BATISTA, 2014, p. 32).

Novamente, o fato de o nome da personagem iniciar-se com “rei” demonstra uma preocupação de Guimarães Rosa em fornecer subsídios suficientes para que suas personagens sejam amplamente complexas e multifacetadas. Muito embora figure como um “monarca” pobre, Belarmino, ainda assim, enxerga-se digno de poder e direitos sobre a terra que habita ou sobre as pessoas com quem interage. “Seo” Giovânio e, mais tarde, os homens do consulado, quebram esse implícito pacto de territorialidade e, inevitavelmente, acabam por sofrer com a ira e a rejeição do brasileiro. O outrem sofre com a falta de alteridade do alóctone, imputada, até mesmo, em seu nome.

Em relação ao sobrenome Belarmino, tomemos as palavras de Rolim (2011, p. 5), ao asseverar que

Belarmino, na língua portuguesa, é um adjetivo e significa indivíduo tolo, imbecil, palerma. A origem é o antropônimo italiano e tem valor pejorativo. ‘Bel’ remete ao belo e tem valor adjetivo. ‘Armino’ é variante de ‘arminho’ e refere-se às insígnias de nobreza ou fidalguia, reiterando o radical ‘rei’ do nome próprio Reivalino. No italiano, *armino* significa ‘armar-se’ e, portanto, também diz respeito à maneira de ser do protagonista [...].

Notemos como a significação do nome do protagonista do conto aumenta com a inclusão desse sobrenome. Em primeiro lugar, tal como afirma o teórico, há uma complementação implícita ao conceito de “rei” do primeiro nome, uma vez que “Belarmino” pode ser traçado a “arminho”, em nova caracterização envolta pelo símbolo da realeza, nobreza e altivez. Em seu nome completo, Reivalino Belarmino, protagonista de “O cavalo que bebia cerveja”, figura como o nobre ao qual os súditos estrangeiros, indignos e desobedientes, deveriam se curvar. Em um jogo múltiplo de significações comum às narrativas rosianas, é justamente no idioma italiano que novas respostas poderão ser encontradas em relação ao sobrenome do brasileiro. Se o armar-se é permissível de ser visto em Belarmino, esse ocorre de duas formas: a física, na qual a agressividade e raiva do jovem rapaz fazem-no ser bastante

combativo para com o(s) Outro(s) a ser(em) desvelado(s), bem como a psicológica, na qual as muralhas, obstáculos e pré-conceitos criados pelo sertanejo evitam que esse possa enxergar Giovânio, pelo menos, como alguém digno de respeito ao início do conto. Evidenciamos, ainda, como há o contraponto entre ambas as personagens: se Giovânio possui muralhas físicas, representadas pelos muros que cercam sua casa, que evitam a aproximação de outros, Reivalino possui muralhas abstratas, baseadas na construção de sua psicologia combativa, explicável até mesmo em seu nome.

Sabemos que, supostamente, a personagem estrangeira “seo” Giovânio escapou de sua terra natal após a gripe espanhola, que assolou a Europa entre 1918-1919. Em “O cavalo que bebia cerveja”, tal menção é feita no primeiro parágrafo, quando se enuncia que “de minha mãe ouvi como, no ano da espanhola, ele chegou, acautelado e espantado, para adquirir aquele lugar de todo defendimento” (ROSA, 2005, p. 131). Além disso, ainda é factualmente observável que o ano de 1918 coincide com o do final da primeira guerra mundial, conflito bélico que assolou a Europa e que se mostra força motriz possível para a vinda de “seo” Giovânio, juntamente com a presença de seu irmão mutilado, ao Brasil. Tais eventos, envoltos por uma aura de mistério, registram também a problemática do estrangeiro deslocado de sua terra por motivos não propositais, assim como evidenciam condicionantes do agir e viver em uma nova situação que não são simples hábitos e costumes diferenciados do novo ambiente de convívio.

Essa possível fuga da Itália é perceptível no modo como Giovânio projeta uma espécie de “forte de proteção” em sua casa, não permitindo a entrada de estranhos, bem como plantando diversas árvores ao seu redor, com o intuito de evitar a visão clara do interior, já que nele mantém oculto o irmão deformado. Tal questão se explicita no trecho em que se descreve como “essa chácara do homem ficava meio ocultada, escurecida pelas árvores, que nunca se viu plantar tantas em roda de uma casa” (ROSA, 2005, p. 131), momento importante à compreensão de como o brasileiro enxerga o forasteiro. O mero fato de haver muitas plantas e um suposto ocultar da chácara são sinais suficientes para que já ocorra a formulação inicial de repulsa e rejeição do Outro ádvena.

Além dessas evidências, há também o fato de que este estrangeiro mantém-se rodeado de cães de grande porte “para vigiarem a chácara” (ROSA, 2005, p.

131), em um sinal de que temia as forças exteriores, provavelmente humanas, que poderiam importuná-lo. Ao longo da narrativa, outras marcas serão imputadas a Giovâncio que conotam essa noção de ser paranoico, perturbado e amedrontado por algo que havia acontecido em seu passado.

O discurso da narrativa, por sua vez, é explicitado ao narratário por meio de um nível enunciador intradieético e uma voz homodieética, segundo nomenclatura utilizada por Genette (1995). Assim sendo, é a voz de Reivalino Belarmino que figura como narradora da história, ser que é personagem, também, daquilo que narra. Todavia, o ponto principal da diegese não é aquilo que Reivalino Belarmino era/se tornou, mas aquilo que é explicitado acerca de Giovâncio por sua voz e visão.

Nesse sentido, justificamos o uso dos adjetivos *intra* e *homodieético* ao nível e voz enunciativa presentes na narrativa, uma vez que Reivalino Belarmino narra algo do qual fez parte, mas que não é sobre ele mesmo e sim sobre a protagonista central do relato. Constantemente, o foco é retornado ao imigrante italiano, demonstrando, por esta estratégia, a importância que o olhar do narrador dá àquela personagem. É esse olhar, também, que revela a outridade e o reconhecimento do Outro que se dá ao final do conto, antitético em relação ao seu início.

Ao início da narrativa, porém, são claros, como já apontamos, os sinais da rejeição de Reivalino Belarmino para com Giovâncio. No princípio, há menções reveladoras da não aceitação do narrador em relação ao imigrante. Trechos como “era homem estrangeiro”, “falavam que comia a quanta imundície” e “tudo nele me dava raiva” (ROSA, 2005, p. 131) dão o tom para que o narratário da obra veja e sinta Giovâncio do mesmo modo pelo qual, inicialmente, Reivalino Belarmino, concebia-o: um pária, um ser cuja vivência se mostrava grotesca, caótica e inexplicável para o olhar que o julgava. Era, possivelmente, perigoso, exatamente pelo fato de não se ajustar àquilo tido como normal, segundo a experiência de vida do sertanejo.

Não obstante, o jovem explica que ele e sua mãe eram duas das poucas pessoas que se atreviam e podiam ultrapassar as fronteiras do portão de Giovâncio, auxiliando-o, por vezes, fato visível em “minha mãe e eu sendo das poucas pessoas que atravessávamos por diante da porteira, para pegar a pinguela do riacho” (ROSA, 2005, p. 131). Isso corrobora a própria narrativa, uma vez que se explica como, mesmo com aversão e repulsa, Reivalino Belarmino mantinha contato com o

imigrante. Passado algum tempo, veria naquele ser alguém com uma existência e experiência de vida que poderiam ser vistas como adequadas. É esse evento que possibilita a outremização. Antes dessa, entretanto, é de se notar que, mesmo com a permissibilidade a ultrapassar os portões da casa do italiano, não há indícios de que a mãe de Belarmino ou ele podiam entrar na casa, revelando, novamente, como o interior da moradia era marcado pelo símbolo do segredo e da rejeição a quaisquer outros seres humanos.

Essa atenção dada a Giovânio pelo sertanejo demonstra, além disso, uma gana de Belarmino em saber a realidade, ter conhecimento acerca dos eventos que o circundam e que não lhe dão sossego, como vemos exposto nas preocupações do narrador: “seja que, por essa altura, eu devia ter procurado as corretas pessoas, narrar os absurdos, pedindo providências, soprar minhas dúvidas” (ROSA, 2005, p. 132-133).

Tal configuração da personagem condiz com o fato de que “é esse saber oculto, os motivos do estrangeiro ser assim, tão diferente, que movem o brasileiro. Entender o estrangeiro é um dever para ele” (ROLIM, 2011, p. 3). Tal fator é visível após a morte da mãe de Belarmino, quando ele é obrigado a viver sozinho e enfrentar o italiano continuamente. Na narração: “e, mesmo, não adiantou, a santa da minha mãe se foi para as escuridões, o danado do homem se dando de pagar o enterro” (ROSA, 2005, p. 132), evidência de como a relação entre Giovânio e Reivalino, embora permeada pelo símbolo da negação, advindo principalmente do narrador, era constante e próxima, fato que acaba por motivar a mútua compreensão entre o local e o Outro forasteiro, estimulado, muito mais, pelas ações generosas do estrangeiro frente aos habitantes locais, em especial com relação ao sertanejo que o observa e sua mãe, a quem o estrangeiro sempre procurou ajudar. Essa dicotomia na relação inicial se evidencia na declaração do narrador:

Isto é, minha mãe ele estimava, tratava com as benevolências. Comigo, não adiantava – não dispunha de minha ira. Nem quando minha mãe grave adoeceu, e ele ofertou dinheiro, para os remédios. Aceitei; quem é que vive de não? Mas não agradei. Decerto ele tinha remorso, de ser estrangeiro e rico. (ROSA, 2005, p. 132).

Vemos nesse trecho que o narrador, apesar de beneficiar-se da bondade do estrangeiro, não se desfaz, a princípio, de sua forma preconceituosa de concebê-lo,

mesmo não entendendo os reais motivos que levam a Giovânio a agir de modo a causar estranheza, a ponto de não “dignar-se” a agradecer-lhe pelo auxílio financeiro que este lhe dá para ajudar a sua mãe doente. O processo de (re)conhecimento do outro enfrenta-se com questões de honra e tradições arraigados no “ser” sertanejo, na sua forma singular de atuar e pensar, inserido em um ambiente típico que considera seu espaço natural de domínio e existência, realidades transpostas à arte literária pela escrita própria de Guimarães Rosa.

A repulsa do narrador em relação ao recém-chegado está pautada, entre outros, em fatores linguísticos comuns, mas não observáveis por Reivalino Belarmino. Uma vez que Giovânio era italiano e possuía uma vida reclusa, entende-se que o desenvolvimento de sua habilidade de comunicação em português não tenha sido virtuoso. Nesse sentido, o sotaque é fator dado como comum, bem como a má pronúncia de determinados vocábulos. Mesmo que ambos os idiomas, português e italiano, tenham uma raiz comum latina, é impossível acreditar que seres se adequariam total e facilmente ao outro sistema, ainda mais quando a experiência de fala e envolvimento com o idioma alheio ocorre de modo esporádico, como é o caso da personagem “seo” Giovânio.

Nesse sentido, a narrativa volta-se a tal problemática, que se torna motivo de desafeto em relação ao forâneo, como se percebe na fala do sertanejo: “Não aprendia a referir meu nome direito. Desfeita ou ofensa, não sou o de perdoar” (ROSA, 2005, p. 131), afirma o narrador ao início de seu relato. Tal processo provoca um deslocamento de identidade própria em Reivalino Belarmino, que sente mais a perda de seu nome do que o imigrante percebe a falha que comete ao não saber pronunciar o nome do rapaz e, continuamente, tratá-lo como “Irivalíni”. Frente a essa situação, de acordo com o narrador, sua raiva era tamanha que

[...] eu remoía de rancor: de que, um homem desses, cogotudo, panturro, rouco de catarros, estrangeiro às náuseas – se era justo que possuísse o dinheiro e estado, vindo comprar terra cristã, sem honrar a pobreza dos outros, e encomendendo dúzias de cerveja, para pronunciar a feia fala. Cerveja? Pelo fato, tivesse seus cavalos, os quatro ou três, sempre descansados, neles não amontava, nem agüentasse montar. Nem caminhar, quase, não conseguia. Cabrão! Parava pitando, uns charutos pequenos, catíngentos, muito mascados e babados. Merecia um bom corrigimento. Sujeito sistemático, com sua casa fechada, pensasse que todo o mundo era ladrão (ROSA, 2005, p. 132).

Temos, pois, uma descrição caricata, grotesca, desconcertante do imigrante feita pela voz enunciativa do discurso. Reivalino Belarmino o vê quase que monstruosamente, um “estrangeiro às náuseas”, termo revelador de como se dá a rejeição daquele que é tido como estranho e impróprio para determinado conjunto social. Ademais, Belarmino acusa o italiano de não honrar os outros, beber exageradamente, ser obeso, fumar demasiadamente e considerar os outros como ladrões. O nome dado ao relato, aliás, parte do pressuposto quase inverossímil de que “seo” Giovânio teria um alazão acostumado a ingerir bebidas alcoólicas. Obviamente, tal fato é visto com descrença e motiva o rechaço para com a personagem italiana.

Observe-se que tal descrição é calcada, quase que somente, nas aferições que o narrador faz do imigrante. Possivelmente, esse conhecia pessoas cujas representações corporais eram similares, sem que fossem vistas com tanta repulsa por ele, num sinal claro de o que a falta de alteridade é capaz de ocasionar. Lembremos que Reivalino era conhecido por seu tom de deboche e, portanto, a descrição negativa que é feita de Giovânio se configura como reflexo do pensamento da protagonista, pois, como ele mesmo expressa: “Sabia que sou sem temor, em meus altos, e que enfrento uns e outros, no lugar a gente pouco me encarava” (ROSA, 2005, p. 132).

A não ser pela forma obesa de “seo” Giovânio, objetivamente é difícil asseverar os comentários que a protagonista tem acerca da personagem estrangeira. Deste modo, a outremização se dá, primeiramente, na noção e compreensão das diferenças entre um e Outro. Essas são, inicialmente, caricatas e grotescas – desde a visão de Belarmino –, mas, em um segundo momento, responsáveis pelo impulso inicial de entendimento sobre aquele tido como estranho ao olhar do narrador.

É Reivalino Belarmino quem enxerga Giovânio dessa forma e, como um reflexo da voz possível de muitos sertanejos em relação ao forasteiro, acaba por ter aversão a ele. Essa rejeição, porém, era suficientemente forte para que uma série de conjecturas fosse feita. Nessas conjecturas, o forasteiro sofre grande preconceito, embora ocorram explicitamente apenas na mente de Reivalino Belarmino.

Após a morte de sua mãe e de maneira relutante, Belarmino passa a trabalhar para o imigrante italiano – “seo” Giovânio, não por vontade de conhecer e lidar com ele, mas por uma espécie de autocomiseração, uma necessidade de se afirmar para o estrangeiro que vinha lhe desafiar. Isso é explicitado em “sofismeí, o quê. [...] Só se fosse para ter a minha proteção, dia e noite, contra os issos e vindiços. Tanto, que não me deu nem meio serviço por cumprir, senão que eu era para burliquesar por lá, contanto que com as armas” (ROSA, 2005, p. 132). Dessa forma, fica clara a maneira relutante e reacionária de agir do narrador, que apenas aceitou o serviço em sua totalidade, sem meias explicações e intenções, e com o claro intuito de se mostrar valente e crítico para com Giovânio.

O fator que alterará todo o percurso da narrativa são homens de fora, aparentemente forças policiais (em um momento da narrativa, explicita-se que um deles era do Consulado), que surgem no local e tentam subornar Reivalino Belarmino para que espione seu patrão, Giovânio. Conquanto Reivalino Belarmino aceite o trabalho, a desconfiança e agressividade características de seu ser encontram um novo objetivo, um novo inimigo, “os de fora” (ROSA, 2005, p. 133), característica imputada aos indivíduos que, novamente, provoca uma sensação de estranhamento, de forasteiro aos homens que vinham inquirir Belarmino e investigar a vida de Giovânio, pois lhe pediam que “reparasse, na primeira ocasião, se ele não tinha numa perna, embaixo, sinal velho de coleira, argolão de ferro, de criminoso fugido de prisão” (ROSA, 2005, p. 133). Trabalho de espionagem para o qual estes, segundo declara o narrador “me pagaram, o bom quanto” (ROSA, 2005, p. 133). Vemos, assim, que o sertanejo não tem escrúpulos ao aceitar o pagamento para, possivelmente, delatar o sujeito que lhe dá trabalho e que sempre se preocupou pela sua situação e da mãe já falecida nessa altura das ações relatadas.

A partir desse momento da narrativa, a outremização aparece de forma incisiva e de maneira mais contínua. Há o deslocamento da figura considerada como pária para Reivalino Belarmino, e seus esforços agressivos passam a ser apontados para os homens da justiça, não mais para o imigrante italiano. Seus sentimentos de rejeição aos “novos outros” que se apresentam em seu território de domínio são expressos em considerações como: “Sonsos os dois homens, vindos da capital. [...] sujeitos embuçados, salafrados também” (ROSA, 2005, p. 133). Nesse ínterim, seu Geovânio decide, finalmente, mostrar o interior da casa ao sertanejo – numa atitude

que dá a entender que algo desconfiava ele de se empregado – e o narrador apresenta sua visão da cena:

Pois, por minha hora de surpresa, me chamou, abriu a porta. Lá dentro, até fedia a coisa sempre em tampa, não dava bom ar. A sala, grande, vazia de qualquer amobiliado, só para espaços. Ele, nem que de propósito, me deixou olhar à minha conta, andou comigo, por diversos cômodos, me satisfiz. Ah, mas, depois, cá comigo, ganhei conselho, ao fim da idéia: e os quartos? Havia muitos desses, eu não tinha entrado em todos, resguardados. Por detrás de alguma daquelas portas, pressenti bafo de presença — só mais tarde? Ah, o carcamano queria se birbar de esperto; e eu não era mais? (ROSA, 2005, p. 133-134).

A desconfiança do narrador em relação ao seu patrão não cessa. Tal fato faz com que o narrador siga com o jogo duplo de revelar e encobrir, conforme ele havia se disposto a fazer a pedido das autoridades que estavam investigando “seo” Giovânio e, diante da revelação que lhe fora feito de que um deles trabalhava para o consulado, Reivalino Belarmino atua novamente de forma singular, como se pode observar no fragmento abaixo:

Seo Priscílio me chamou, justo, outra vez, naquela semana. Os de fora estavam lá, de colondria, só entrei a meio na conversa; um deles dois, escutei que trabalhava para o “Consulado”. Mas contei tudo, ou tanto, por vingança, com muito caso. Os de fora, então, instaram com seo Priscílio. Eles queriam permanecer no oculto, seo Priscílio devia de ir sozinho. Mais me pagaram. (ROSA, 2005, p. 134).

Assim, se leva a término o plano de forçar seo Giovânio a abrir a casa para uma vistoria das autoridades, feita, efetivamente, sob o dissímulo de Reivalino Belarmino: “Eu estava por ali, fingindo não ser nem saber, de mão-posta. Seo Priscílio apareceu, falou com seo Giovânio: se que estórias seriam aquelas, de um cavalo beber cerveja?” (ROSA, 2005, p. 134). Enfrentado com as autoridades, não coube outra saída ao estrangeiro que provar aos presentes a realidade sobre o que se comentava nas redondezas, assim

Saiu, para surgir com um cesto com as garrafas cheias, e uma gamela, nela despejou tudo, às espumas. Me mandou buscar o cavalo: o alazão canela-clara, bela-face. O qual – era de se dar a fé? – já avançou, avisgado, de atreitas orelhas, arredondando as ventas, se lambendo: e grosso bebeu o rumor daquilo, gostado, até o fundo; a gente vendo que ele já era manhudo, cevado naquilo! Quando era

que tinha sido ensinado, possível? Pois, o cavalo ainda queria mais e mais cerveja. Seo Priscílio se vexava, no que agradeceu e se foi. (ROSA, 2005, p.134).

A estratégia de ocultação do irmão havia funcionado nesse momento, mas a história não havia terminado, a intriga daquela casa sempre fechada, ainda mais depois dos rumores de que “se soube de ouvidos, tarde da noite, diferentes vezes, galopes no ermo da várzea, de cavaleiro saído da porteira da chácara. Pudesse ser? Então, o homem tanto me enganava, de formar uma fantasmagoria, de lobisomem” (ROSA, 2005, p. 134), levaram a uma nova investida das autoridades:

Seo Priscílio, dessa vez, veio com um soldado. Só pronunciou: que queria revistar os cômodos, pela justiça! Seo Giovânio, em pé de paz, acendeu outro charuto, ele estava sempre cordo. Abriu a casa, para seo Priscílio entrar, o soldado; eu, também. Os quartos? Foi direto a um, que estava duro de trancado. O do pasmoso: que, ali dentro, enorme, só tinha o singular — isto é, a coisa a não existir! — um cavalão branco, empalhado. Tão perfeito, a cara quadrada, que nem um de brinquedo, de menino; reclaro, branquinho, limpo, crinado e ancudo, alto feito um de igreja — cavalo de São Jorge. Como podiam ter trazido aquilo, ou mandado vir, e entrado ali acondicionado? Seo Priscílio se desenxaviu, sobre toda a admiração. (ROSA, 2005, p.135).

As artimanhas de seu Giovânio convenceram, por fim, as autoridades, contudo não satisfizeram a seu intrigado observador que seguia remoendo-se de curiosidade, como podemos ver em: “Seo Priscílio, e os de fora, estivessem agora purgados de curiosidades. Mas eu não tirava o sentido disto: e os outros quartos, da casa, o atrás de portas? Deviam ter dado a busca por inteiro, nela, de uma vez.” (ROSA, 2005, p.135).

A partir desse momento, “seo” Giovânio faz novas tentativas de aproximação com o sertanejo: “Querida que eu comesse com ele, mas o nariz dele pingava, o ranho daquele monco, fungando, em mal assô, e ele fedia a charuto, por todo lado. Coisa terrível, assistir aquele homem, no não dizer suas lástimas” (ROSA, 2005, p.135). A comoção sentida, finalmente, por Reivalino Belarmino leva-o a uma das primeiras e importantes ações de aproximação, a seu modo, do estrangeiro: “Saí, então, fui no seo Priscílio, falei: que eu não queria saber de nada, daqueles, os de fora, de coscuvilho, nem jogar com o pau de dois bicos! Se tornassem a vir, eu corria com eles, despauterava, escaramuçava [...]” (ROSA, 2005, p.135). Essa atitude,

típica da configuração que lhe dera Guimarães Rosa, estabelece vínculos de outridade com o estrangeiro que passa a ser visto como “aquele homem, no não dizer suas lástimas”, capacidade de expressão do personagem sertanejo que revela o outro como “ser humano”.

Muito embora aceite trabalhar como “espião” para os homens do Consulado, Reivalino passa, aos poucos, a, também, entender um pouco seu patrão. Mesmo assim, no desenlace dos eventos, os homens do consulado terminam por ir embora, sem jamais ter acesso à casa de Giovânio. Seo Priscílio, entretanto, indaga o italiano acerca da história de um cavalo que bebe cerveja, ao qual o estrangeiro menciona “Lei, quer ver?” (ROSA, 2005, p. 134), momento em que Giovânio opta por revelar algo ao Outro. Após isso, enche uma gamela com cerveja e dá ao alazão “canela-clara, bela face” (ROSA, 2005, p. 134), para que ele beba. Priscílio e Belarmino surpreendem-se com a veracidade da existência de um cavalo acostumado à cerveja, momento típico de narrativas rosianas, em que eventos, teoricamente incomuns tomam forma e se revelam como possíveis. Na continuidade dos eventos, Priscílio retornará a casa, dessa vez, acompanhado por um soldado e por palavras de ordem, afinal “só pronunciou: que queria revistar os cômodos, pela justiça!” (ROSA, 2005, p. 135).

Para acalmá-lo, Giovânio, finalmente, convida-lhe para adentrar em sua casa, num jogo de máscaras e entreditos, como ficará explícito ao decorrer da narrativa. Cede espaço para que o Outro pesquise sua história, mas o faz sem nunca permitir o completo revelar daquilo que esconde e do que lhe é mais angustiante. Pode-se presumir isso pelo fato de o italiano guiar os visitantes/intrusos diretamente a um quarto trancafiado, no qual encontram um “um cavalão branco, empalhado. Tão perfeito, a cara quadrada, que nem um de brinquedo, de menino; reclaro, branquinho, limpo, crinado e ancudo, alto feito um de igreja – cavalo de São Jorge” (ROSA, 2005, p. 135). Tanto Reivalino quanto Priscílio ficam envoltos numa aura de pasmo e mistério, devido à estranheza do evento a sua frente. Priscílio ainda fará questão de examinar o cavalo empalhado, na tentativa de encontrar algo, antes de dar-se por satisfeito com os segredos, teoricamente, encontrados na casa do imigrante. Belarmino pondera: “e os outros quartos, da casa, o atrás de portas? Deviam ter dado a busca por inteiro” (ROSA, 2005, p. 135), revelador de seu temperamento arredio, inquisitivo e agressivo para com aquilo que lhe era estranho.

Entretanto, numa mudança de postura em relação ao estrangeiro, comenta: “seja que eu não ia mostrar esse rumo a eles” (ROSA, 2005, p. 135), optando por ficar, mesmo que apenas momentaneamente, ao lado do outro estrangeiro, protegendo-o de novas averiguações policiais.

Na continuidade dos eventos, o italiano explicita a Reivalino que “Irivalíni, eco, a vida é bruta, os homens são cativos...” (ROSA, 2005, p. 135) e, após intromissão mnemônica da voz enunciadora, “mas, Irivalíni, nós gostamos demais da vida” (ROSA, 2005, p. 135). Escrita característica de Guimarães Rosa, é na contenção de palavras, é no entredito, é no implícito que surgem os sentidos poéticos e as “maiores verdades”; a repetição das reticências e a explicitação de que, mesmo que a vida fosse complicada, ela era amada pelos seres vivos, provocam os sentimentos que permitem que a outridade tome lugar.

O leitor, nesse momento da narrativa, vê-se frente a um Giovânio que se mostra humanizado de tal forma que desconsidera um possível suicídio ou algo similar, pelo fato de gostar de sua existência, ao mesmo tempo em que também se humaniza quando demonstra o pesar que havia em seu interior pelo fato de ter fugido de sua terra natal, ter perdido um irmão para a Guerra, ter-se tornado um recluso em um país que, ao menos no início, se mostrava estranho e incompreensível.

Em resposta ao que iria acontecer, após sentir empatia pelo seu patrão, a narrativa dá a conhecer que Reivalino Belarmino, em um epítome de seu comportamento, mostra-se agressivo em relação aos novos inimigos e acolhedor em relação àquele que considera digno de sua amizade e de seu respeito. Tem-se, então, o seguinte trecho:

Coisa terrível, assistir aquele homem, no não dizer suas lástimas. Saí, então, fui no seo Priscílio, falei: que eu não queria saber de nada, daqueles, os de fora, de coscuvilho, nem jogar com o pau de dois bicos! Se tornassem a vir, eu corria com eles, despauterava, escaramuçava – alto aí! – isto aqui é Brasil, eles também eram estrangeiros. Sou para sacar faca e arma (ROSA, 2005, p. 135).

Nessa nova perspectiva da configuração do sertanejo, ele rejeita o trabalho de espião, mostra-se empático em relação ao imigrante e acusa os outros de maldades. Reivalino Belarmino revela, ao mesmo tempo, a outremização que agora criara em relação a Giovânio e a falta desta para com os enviados do governo e/ou

do Consulado. De início, em uma menção que novamente deixa explícita a noção do entredito, o narrador comenta o quão ruim era perceber o imigrante italiano perdido em suas lástimas, em sua falta de compreensão do que fora a vida e na sua incapacidade de expressar, por meio de palavras, tudo o que já havia passado.

Em um segundo momento, torna-se agressivo e deixa claro que não permitiria a chegada de novos intrusos à casa de seu patrão, intrusos esses agora tidos como “estrangeiros”, importante símbolo para o entendimento da repulsa que Belarmino sentia em relação a esses, agora vistos de maneira tão pejorativa quanto o próprio Giovânio era visto no início da relação entre ambos e na descrição inicial da “estória” contada pelo jovem sertanejo.

O ponto máximo da narrativa e o completo desenrolar dos segredos em torno da vida do italiano ocorre na continuidade das ações. Em “O cavalo que bebia cerveja”, lemos como

Sendo que foi de repente. Seo Giovânio abriu de em par a casa. Me chamou: na sala, no meio do chão, jazia um corpo de homem, debaixo de lençol. – "Josepe, meu irmão"... – ele me disse, embargado. Quis o padre, quis o sino da igreja para badalar as vezes dos três dobres, para o tristemente. Ninguém tinha sabido nunca o qual irmão, o que se fechava escondido, em fuga da comunicação das pessoas. Aquele enterro foi muito conceituado. Seo Giovânio pudesse se gabar, ante todos. Só que, antes, seo Priscílio chegou, figuro que os de fora a ele tinham prometido dinheiro; exigiu que se levantasse o lençol, para examinar. Mas, aí, se viu só o horror, de nós todos, com caridade de olhos: o morto não tinha cara, a bem dizer – só um buracão, enorme, cicatrizado antigo, medonho, sem nariz, sem faces – a gente devassava alvos ossos, o começo da goela, gargomilhos, golas. – "Que esta é a guerra..." – seu Giovânio explicou – boca de bobo, que se esqueceu de fechar, toda doçuras. (ROSA, 2005, p. 135-136).

O segredo que Giovânio escondia é, finalmente, revelado a Reivalino; um irmão, agora morto, embaixo de um lençol. Reivalino aparenta compadecer-se da perda do estrangeiro, uma vez que perdera a mãe anteriormente e o próprio emprego de vocábulos calcados pelo símbolo do entendimento, tais como “embargado” e “tristemente”, nos quais é possível notarmos o sertanejo pesando e colocando em perspectiva o sentimento de perda e dor que o italiano deveria ter naquele momento. Mais além, a utilização de “aquele enterro foi muito conceituado” dá vistas a uma impressão de que Reivalino, também, sentia certo orgulho em ver um funeral cheio de pessoas e pomposidade, tal como Giovânio havia organizado

para ser. Parte desse grande número de pessoas se devia, claramente, à aura de mistério na (não-)existência desse irmão do estrangeiro. Com a chegada de Priscílio, que exige ver o corpo, novamente notamos como Reivalino tende, agora, a perceber o que o italiano sentia e pensava. Ao descobrir-se o rosto mutilado de Josepe, ocasionado pelo que o italiano chama de guerra, Belarmino usa os vocábulos “doçuras” e “bobo” sem tendências pejorativas claras, enxergando o homem para quem trabalhava já com outros olhos. Para Batista (2014, p. 35), “o desejo de proteger Seo Giovânio das aflições relacionadas às visitas inconvenientes também passa a fazer parte do comportamento do sertanejo, até que a hostilidade se torna hospitalidade”.

O desenrolar das ações subverte também algo da noção de pátria, ao justificar, pela perspectiva do sertanejo, o símbolo do forasteiro. Os enviados do governo eram forasteiros exatamente por serem alheios à experiência de vida que ele possuía e ao fato de que, no caso e momento em questão, se encontravam também na situação de desconhecidos, seres despatriados, deslocados de sua terra natal, seja ela qual fosse. Para Oliveira (2011, p. 77),

[...] o que se destaca na narrativa é o desenrolar da transformação gradual dos sentimentos do narrador em relação ao forasteiro, a mudança do estranhamento inicial e do preconceito com o imigrante para uma cumplicidade e compreensão de tudo o que aquele homem já havia vivido e de como a guerra o havia transformado.

Deste modo, ocorre de maneira salutar a alteridade entre imigrante italiano e sertanejo brasileiro. Há um choque para Reivalino Belarmino, entretanto, em descobrir o irmão desfigurado de Giovânio, em ter de lidar com as autoridades, até mesmo em descobrir cavalos empalhados e que bebiam cerveja. As estruturas norteadoras e centralizadoras que ele tinha como verdadeiras se desfazem, em partes. Os ideais de vivência são alterados e a própria existência sofre um deslocamento. Há uma espécie de angústia dentro da personagem, o que provoca a sua saída. Decide deixar o sítio, Giovânio, os cães, as autoridades. Parte em rumo ao indefinido, talvez, pelo fato de ter como incerta a sua jornada e a sua trajetória de vida. Ademais, isso ocorre após reconhecer, ainda que forçadamente, a existência de seres tão alheios ao que ele era e como esses seres, especificamente, Giovânio, nesse caso, eram dignos de respeito, compaixão e amizade.

A outremização ocorre, mas não sem provocar tais marcas na voz enunciativa do discurso, que sente a necessidade de deixar esses eventos para trás e começar algo diferente. Na despedida, há o momento de maior respeito e compreensão mútua entre as personagens. Narra-se que

– “Irivalíni... que esta vida... bisonha. Caspité?” – perguntava, em todo tom de canto. Ele avermelhadamente me olhava. – “Cá eu pisco...” – respondi. Não por nojo, não dei um abraço nele, por vergonha, para não ter também as vistas lagrimadas. E, então, ele fez a mais extravagada coisa: abriu cerveja, a que quanta se espumegasse. – “Andamos, Irivalíni, contadino, bambino?” – propôs. Eu quis. Aos copos, aos vintes e trintas, eu ia por aquela cerveja, toda. Sereno, ele me pediu para levar comigo, no ir-m'embora, o cavalo – alazão bebedor – e aquele tristoso cachorro magro, Mussulino (ROSA, 2005, p. 136).

Novamente, em um exercício linguístico de contenção, pouco é verdadeiramente dito. Primeiramente, o idioma italiano já não era “língua de bater ovos”, mas algo digno de ter um “tom de canto”, importante e fundamental deslocamento no modo de enxergar o mundo para Reivalino Belarmino. Agora, o sotaque e os erros de Giovânio não provocariam a raiva e náusea antes associadas à protagonista, quando ouvia o imigrante falando e pronunciando palavras portuguesas de modo não usual. Novamente, há a repetição das reticências, com o intuito de demonstrar como o entredito age mais que a explicitação necessária de vocábulos.

As entrelinhas, o implícito, o silêncio, em momentos, dizem mais que quaisquer palavras, característica comum às narrativas de Guimarães Rosa. Não obstante, o termo empregado para descrever a vida foi “*bisonha*”, tão estranho e incomum quanto a narrativa o é, e quanto a existência fora para ambas as personagens. Numa corruptela do vocábulo italiano “*bisogna*”, o discurso de “seo” Giovânio ganha caracteres multissignificativos. A vida é, concomitantemente, necessária e estranha.

Como a oração mais importante, talvez, para a compreensão da alteridade, tem-se que Reivalino Belarmino, ao ser indagado por Giovânio, responde com um neologismo: “cá eu pisco”<sup>62</sup> (ROSA, 2005, p. 136). Reconhece a linguagem do

<sup>62</sup> Corruptela do verbo italiano *capire*, cuja tradução seria entender, compreender. Em sua conjugação na primeira pessoa do singular no presente do indicativo, o verbo assume a forma de *capisco*, originando a variação neológica de Reivalino. Provavelmente após ter ouvido “seo” Giovânio repetir

Outro, o idioma de Outrem, assimila noções e (re)cria significados, imputando no neologismo empregado a noção de compreensão acerca de quem era Giovânio, da importância que esse havia tido na vida do jovem e na necessidade da concessão.

O alóctone acaba por ser tão responsável por entender a cultura a qual adentra quanto o nativo é responsável por aceitá-lo em suas diferenças, na medida em que ambos formam a relação causal necessária para que a alteridade venha a se instaurar. Tal característica, importante para os saberes relacionados à América Latina, principalmente, no que se refere aos estudos culturais, é marcante em Guimarães Rosa.

Naturalmente, a relação entre dois seres parte também da concessão. Somente no momento em que se reconhecem as diferenças e as semelhanças, que o Outro serve para que um Eu possa ser identificado e quando esse mesmo Outro seja entendido, é que pode haver a real outridade. Porém, essa se dará também no momento em que, além dessas características, a noção de concessão for absorvida e exercida pelos indivíduos. Entender quando não é necessário firmar com convicção determinado ideal, o momento em que não é obrigatório agir agressivamente apenas pelo fato de que há alguma diferença, é compreender também a outremização.

Os jogos sociais e as relações entre indivíduos ocorrem de maneira frutífera quando há a aceitação das diferenças aliada à concessão de alguns valores, para o bem-estar mútuo e contínuo. Isso fica explícito durante o conto na oração “cá eu pisco”, em que todos esses construtos sociais são trazidos à mente por meio do neologismo da voz enunciativa.

Os agora dois amigos compreendem, também, que é o momento da separação. Embora ambos não gostem de cerveja, decidem, novamente e pela derradeira vez, alterar aquilo tido como normal por eles e deslocar seus horizontes de expectativa. Bebem toda a cerveja que havia na casa, destinada, originalmente, ao cavalo que dá origem ao relato. Os laços de amizade são fortificados e Giovânio sugere que Reivalino Belarmino fique com o cavalo e com o cão, outrora maltratado, chamado Mussulino, em clara alusão ao governante italiano fascista do período da Segunda Guerra Mundial.

---

várias vezes a palavra, o brasileiro acaba por transformá-la em uma oração com neologismo, indicativa, também, da aceitação que o brasileiro agora tinha pelo italiano, uma vez que o esforço é feito para aproximar sua realidade ao estilo de fala, pelo menos, do estrangeiro.

Na narrativa, Reivalino Belarmino parte, segue sua vida e nada mais sabe sobre os eventos que tomam forma naquela casa. Apenas anos depois, quando recebe a casa como herança, descobre que o imigrante italiano havia falecido. Honra a ele e seu irmão, enterra o cavalo empalhado, retira as árvores que cercavam a casa e, finalmente, vende-a. Encerra aquele capítulo de sua vida, revelando, também, como sua visão de mundo, embora pautada, primariamente, no símbolo do rechaço àquilo que lhe era estranho, havia sido, ainda que minimamente, alterada e a outridade agora pertencia ao seu pensamento. O trecho que denuncia isso corresponde ao último parágrafo do conto, em que temos:

Não avistei mais o meu Patrão. Soube que ele morreu, quando em testamento deixou a chácara para mim. Mandeí erguer sepulturas, dizer as missas, por ele, pelo irmão, por minha mãe. Mandeí vender o lugar, mas, primeiro, cortarem abaixo as árvores, e enterrar no campo o trem, que se achava, naquele referido quarto. Lá nunca voltei. Não, que não me esqueço daquele dado dia — o que foi uma compaixão. Nós dois, e as muitas, muitas garrafas, na hora cismeí que um outro ainda vinha sobrevir, por detrás da gente, também, por sua parte: o alazão façalvo; ou o branco enorme, de São Jorge; ou o irmão, infeliz medonhamente. Ilusão, que foi, nenhum ali não estava. Eu, Reivalino Belarmino, capisqueí. Vim bebendo as garrafas todas, que restavam, faço que fui eu que tomeí consumida a cerveja toda daquela casa, para fecho de engano. (ROSA, 2005, p. 136-137).

Reivalino ainda assume que mentira aos outros sobre como era ele quem bebia as cervejas daquela casa, de modo a normalizar a situação adversa do cavalo beberrão e resguardar a memória do italiano Giovânio, num claro ponto de alteridade, compreensão do Outro e entendimento do estrangeiro enquanto um outro humano, importante justamente por sê-lo. Batista (2014, p. 38) assevera que “Belarmino pratica agora, voluntariamente e de bom grado, o que anteriormente repudiava no estrangeiro: a mistura entre linguagens. Assim expressa seu acolhimento do *outro*, de sua diferença, de sua linguagem; assim expressa sua hospitalidade”, fazendo-o logo após ter explicitado seu nome, tão associado à realeza e à rebeldia condizentes com seu temperamento. O neologismo, típico de narrativas rosianas, representativo, em “O cavalo que bebia cerveja”, no verbo “capiscar”, sugere sentidos múltiplos de entendimento do Outro estrangeiro. Para Rolim (2011, p. 6), “a conexão do estrangeiro com o brasileiro, no conto rosiano, é evidente: a ligação religiosa se efetiva pelos ritos funerários e ligação jurídica entre

eles se dá pela sucessão patrimonial, enquanto a ligação afetiva se dá pelo motivo da enunciação”. Nesse sentido, a outremização é visível, em âmbito linguístico, na utilização de neologismos por parte de Reivalino, com vistas a aproximar-se do italiano e, em âmbito social, pela sucessão patrimonial e pelo direito a ritos funerários tradicionais para o enterro do irmão Josepe.

A voz de Batista ainda é condizente com nossa proposta de análise, quando, mais uma vez, menciona que, “com a morte do *outro*, o nativo elimina simbolicamente os elementos que remetiam ao mistério da chácara: retira a proteção que tornava o ambiente do *outro* oculto e enterra o cavalo de São Jorge” (2014, p. 38). O retirar das árvores, a destruição da casa e a venda do terreno são meios de Reivalino, simbolicamente, destruir tudo que fora escondido naquela relação, primeiramente calcada pelo símbolo do rechaço, para ceder lugar à verdade, à clareza e à compreensão. Demonstra-se, assim, “como o narrador eleva Seo Giovânio a uma categoria respeitosa que, no início do encontro, devido à hostilidade, não era possível” (BATISTA, 2014, p. 38).

Notamos, pois, como a narrativa de Guimarães Rosa lida constantemente com a figura do Outro estrangeiro e com a adaptação, aceitação e adequação de valores que provoquem a outremização em seres cujas experiências de vida não necessariamente seriam próximas.

Ao retornar-se à questão de como esses questionamentos são importantes na contemporaneidade, faz-se necessário comentar que “*civilization, on the other hand, is a consequence of contact and communication. The forces which have been decisive in the history of mankind are those which have brought men together in fruitful competition, conflict, and co-operation*”<sup>63</sup> (PARK, 1928, p. 03). Nesse sentido, a humanidade, gradativamente, cria novos valores e conceitos a partir da competição frutífera e mútua entre indivíduos.

Isso só ocorre no momento em que se concebem valores como diferença, alternância, semelhança e concessão. O contato entre distintos se tornou normal e deveras comum na contemporaneidade. As narrativas de Guimarães Rosa lidam, repetidamente, com o embate entre estrangeiros, reflexo, também, do que vivia o país do segundo quarto do século XX em diante.

---

<sup>63</sup> Nossa tradução: a civilização, por outro lado, é uma consequência de contato e comunicação. As forças que foram decisivas na história da humanidade foram aquelas que uniram homens em competição, conflito e cooperação frutíferos.

Gradualmente, os países e as cidades tornaram-se mais cosmopolitas, a ponto de ser necessário discutir a fundo o que causa o preconceito e a rejeição de seres humanos, apenas pelo fato de esses não terem a mesma cultura, os mesmos ideais norteadores e/ou o mesmo idioma que o do grupo majoritário.

Essa discussão ganhou fôlego na sociedade nas últimas décadas. O Outro estrangeiro torna-se um símbolo pertinente de aferição devido ao fato de que, “como seres ex-cêntricos que estão fora do centro, fora da realidade comum, esses personagens se constituem sempre como exceções, como seres estranhos e o ádvena talvez seja um dos melhores representantes dessa excentricidade” (OLIVEIRA, 2011, p. 76), que necessita ser discutida e avaliada por críticos e teóricos e pela sociedade em geral.

O modernismo brasileiro, não apenas por meio de Guimarães Rosa, já promulgava a necessidade de renovação de pensamento e a reavaliação de noções dadas como cristalizadas. Por isso, também, o Outro, nesse momento, em sua faceta do recém-chegado, torna-se símbolo importante de avaliação: ele provoca o deslocamento, a fuga forçada do lugar comum ao qual discursos, ideologias e mentalidades estão acostumados.

Na segunda década do século XXI, em que barreiras geográficas e fronteiras geopolíticas foram transpostas pela mídia e pelos meios de comunicação e de tecnologia, vislumbramos um novo deslocamento na forma de compreensão das relações humanas. Nesse sentido, Kristeva (1994, p. 109) comenta que “estamos todos em via de nos tornarmos estrangeiros num universo mais do que nunca ampliado, mais do que nunca heteróclito, sob a sua aparente unidade científica e de comunicação”, ou seja, uma vez que houve a diluição das fronteiras em seus moldes clássicos, torna-se necessário compreendermos a que local pertencemos e o que deve ser feito a partir de então.

Noções cartesianas de certo e errado, bem e mal, moral e amoral devem ser sobrepostas por novos ideais, que levem em conta a heterogeneidade das nações, que vivem com a mescla de gêneros, opções sexuais, comportamentos, ideologias, idiomas, culturas, entre outros. Ao mesmo tempo em que a época se mostra propícia à renovação, é necessária uma consciência crítica ao longo do processo, para que os humanos não se tornem, gradativamente, estrangeiros um do outro.

A literatura, usualmente, serve de presságio e prenúncio a esses eventos. Portanto, torna-se objeto de estudo relevante à compreensão do ser humano em suas múltiplas facetas, incluindo-se o tratamento que se dá ao forasteiro, e como a alteridade, o reconhecimento do Outro, ocorre.

A seguir, iniciamos o esmiuçar do conto de María Rosa Lojo e a apreensão que a autora faz do passado histórico hispano-americano e como esse se metamorfoseia no discurso dos humanos, revelando o choque com o estrangeiro que é, concomitantemente, físico e simbólico. A necessidade de aceitação do passado torna-se, também, um outrem a ser aceito pela alteridade, em solo americano.

### 2.3 “UN PERSONAJE MÁS EN LOS OJOS DEL EXTRANJERO”: O ESTRANGEIRO HISPÂNICO ATEMPORAL DE “EL EXTRANJERO” (2011), DE MARÍA ROSA LOJO

Para a escolha do conto que figurasse como possível representante da América hispânica, optamos por buscar uma narrativa com temas próximos àqueles que a literatura dessa porção do continente tem dado relevância recentemente. Nessa direção, nos encontramos com a questão identitária, memorialística e de questionamento do passado histórico, pois tais temáticas constituem as diretrizes buscadas, minimamente, para que se alcançasse o objetivo proposto.

Durante a pesquisa, centralizamos na escritora argentina María Rosa Lojo. Crítica literária contemporânea e autora de renome, sua produção engloba, em geral, a temática da ruptura, do (não-)pertencimento, do desassossego, seja histórico ou existencial. Quando a autora visitou a Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Cascavel, em 2013, pudemos discutir com ela sobre as nossas intenções de pesquisa e o fato de que um conto de sua autoria se mostrava condizente com o recorte para a temática que almejávamos debater.

Esse conto é “El extranjero”, presente em sua coletânea *Amores insólitos de nuestra historia* (2011). Após tal encontro, tomamos a narrativa como integrante do *corpus* de nossa pesquisa. Concebemos que a literatura da América hispânica é bastante fértil e de forte teor analítico e o recorte feito teve como intuito aproximar o

máximo possível o estudo das representações do estrangeiro com o do Outro, particularidade que o conto de Lojo evidencia com riqueza de detalhes.

Ademais, ressaltemos que a literatura argentina vem sucessivamente produzindo obras literárias que primam pela reflexão e reconstrução de características identitárias. Trata-se de um nicho literário que, desde o seu período romântico, vai causando desvios e descaminhos naquilo que era tradicional e canonicamente visto como aceito e necessário. A luta entre “barbárie e urbe”, tão debatida pelos literatos do país, foi um dos pontos iniciais que auxiliou a Argentina a ter uma literatura que envolvesse o lidar com o outrem. Do mestiço ao europeu e ao autóctone, o embate, o combate e a confluência entre seres foram constantemente abarcados literariamente.

“*El extranjero*” parte da seguinte premissa: tem-se o momento histórico de Paris em 1905, onde vemos a protagonista da diegese, Gabriel Iturri, já bastante convalescente pela doença respiratória, amparado pelo afago de seu cão, Friquet. A primeira perspectiva do conto parte do olhar do cão para seu dono, seus arredores e para com Robert de Montesquiou-Fézensac, conde conhecido por sua extravagância e seus maneirismos. O cão, num primeiro momento, tem aversão ao conde, retribuída por este, mas Friquet entende que Robert e Gabriel são muito próximos e, deste modo, tolera a presença do nobre.

Aos poucos, ocorrerá o desvelar do período decadentista da *belle époque* francesa, os costumes da burguesia, os estilos e vivências comunais da Europa ao final do século XIX e início do século XX. A perspectiva da narração passa a ser, então, primordialmente, a de Gabriel Iturri, que, numa analepse memorial, retorna a seu passado na Argentina e sua criação em Tucumán, desvelando sua identidade. Saber-se-á, a partir de então, de sua androginia física, seu deslocamento e falta de pertencimento dentro da sociedade argentina, o encontro com Montesquiou-Fézensac e o eventual relacionamento de ambos.

Finalmente, a última perspectiva pela qual poderemos apreender a narrativa se dará da perspectiva de Marcel Proust, que, observando as tumbas do conde e de Iturri, reflete sobre a existência daqueles seres e sua própria.

Reitera-se que a voz enunciativa permanece uma, apenas cedendo espaço às perspectivas das personagens ao longo do conto. Ficará visível a existência de, ao menos, dois estrangeiros: Gabriel Iturri, o verdadeiro forasteiro na Europa,

ádvina a si mesmo e as outros, em perpétua busca por pertencimento, e o próprio conde, uma vez que este jamais terá a possibilidade de viver como gostaria, com um relacionamento explícito com o rapaz tucumano e sem as obrigatórias máscaras sociais da burguesia da época.

O caráter histórico também é pertinente à compreensão da narrativa em questão, já que todas essas personagens existiram realmente, têm suas contrapartes nos registros historiográficos e são transmutadas à ficção pela narrativa de Lojo, juntamente com o período, os costumes e o pensamento da época, detalhes que demonstram o estudo historiográfico que María Rosa Lojo efetivou para consolidar este relato como uma narrativa verossímil.

Antes de adentrarmos à narrativa em questão, é necessário verificar algumas ramificações que o uso de uma literatura tida como não-canônica, como periférica, tem para o estudo do Outro e do continente americano como um todo. Reiteramos a opção pela Argentina em decorrência da importância que sua literatura tem tido ao longo da formação secular americana, bem como do contato profícuo que tivemos com a autora, além da necessidade de uma narrativa da porção hispânica da América, para que o projeto pudesse alcançar seus objetivos iniciais.

É importante demonstrar que, embora estejamos lidando com textos pertencentes ao suposto terceiro mundo, algumas noções são associáveis a qualquer texto de quaisquer literaturas possíveis. Justamente essa é uma das forças motrizes que consegue unir o continente: o diálogo entre distintos e a similitude de discursos, mesmo em povos cujas origens culturais são dialetalmente opostas. Menciona-se isso, porque Fredric Jameson, importante teórico do século XX, argumenta que

*All third-world texts are necessarily, I want to argue, allegorical, and in a very specific way: they are to be read as what I will call national allegories, even when, or perhaps I should say, particularly when their forms develop out of predominantly western machineries of representation, such as the novel*<sup>64</sup> (JAMESON, 1986, p. 66).

---

<sup>64</sup> Nossa tradução: Todos os textos do terceiro mundo são necessariamente, quero argumentar, alegóricos, e de uma maneira bem específica: eles devem ser lidos como aquilo que chamarei de alegorias nacionais, mesmo quando, ou talvez eu deva dizer, particularmente quando suas formas se desenvolvem fora do predominantemente ocidental maquinário de representação, tal como o romance.

Ora, a América de “terceiro mundo”, incluindo-se o Brasil, até pode ter parte de sua literatura adequável àquilo que Jameson considera como “alegorias nacionais”. Todavia, é reducionista avaliar a existência de nichos literários e sociais tão distintos e grandes de maneira tão uniforme, ainda mais quando as fronteiras, barreiras e noções de pertencimento vêm caindo nas últimas décadas. A literatura e, por ascendência, a sociedade são, hoje, tão difusas e paradoxais que praticamente qualquer tipo de tentativa de uniformização dos discursos leva a um lugar comum de pouquíssima validade à investigação do continente. Jameson propõe uma noção de que todo texto das regiões econômica e socialmente menos abastadas, de acordo com o cânone, seja alegórico à nação, sendo que o próprio sentido de nação, pátria e Estado vem sendo questionado sucessivamente na contemporaneidade.

Ademais,

*If we replace the idea of the nation with that larger, less restricting idea of collectivity, and if we start thinking of the process of allegorisation not in nationalistic terms but simply as a relation between private and public, personal and communal, then it also becomes possible to see that allegorisation is by no means specific to the so-called third world<sup>65</sup> (AHMAD, 1987, p. 15).*

Como Ahmad afirma, em texto sobre o artigo de Fredric Jameson, a alegoria e a discussão simbólica na literatura não podem ser tratadas apenas como pertencentes aos textos do terceiro mundo, fato que pôde, também, ser visto no conto de Steegmuller. Esse dado auxilia na construção de uma visão coesa dos discursos, bem como ampara a compreensão de que a América trabalha com questões próximas.

Além disso, evidencia-se o uso que Ahmad faz da noção de coletividade em lugar do conceito de nação. Anderson (1991) vai ao encontro desse princípio, uma vez que o vocábulo nação foi subjetivado ao longo das décadas e precisa ser repensado em ensaios relacionados à construção identitária, bem como a simples fronteira geográfica, arbitrariamente delimitada, não é suficiente para agregar indivíduos em torno de um sentido comum.

---

<sup>65</sup> Nossa tradução: Se substituirmos a ideia de nação pela ideia mais ampla, menos restritiva, de coletividade, e se começarmos a pensar no processo de alegorização não em termos nacionalistas, mas simplesmente como uma relação entre o privado e o público, o pessoal e o comunal, então também se torna possível enxergar que a alegorização é, de modo algum, específica ao suposto terceiro mundo.

A coletividade dos discursos alegorizantes, visível, de fato, também nos textos da América Central e do Sul, leva à compreensão dos textos alegóricos existentes nas sociedades “de primeiro mundo”. A hipótese de cadeia global em que preceitos são visíveis em diferentes comunidades se fortalece e o próprio diagnóstico do outrem volta a ser importante, uma vez que, com a compreensão das alegorias de cada local, podemos notar as similitudes e diferenças de seres entre si; o desvelar do *eu* e do Outro, com intuito de entendimento e aproximação.

Tendo buscado reiterar o papel de aproximação que a literatura pode ter em diferentes países, desenvolvidos economicamente ou a caminho desse desenvolvimento, é importante agora retornarmos à investigação de por que a literatura argentina também é uma pertinente representante da América hispânica na pesquisa a ser efetuada.

A autora de “*El extranjero*”, María Rosa Lojo, é uma teórica cujas apreciações sobre literatura e cultura fomentam a discussão do papel da poética contemporânea na América. Para a autora,

*El surgimiento, a nivel mundial, de lo que se ha llamado “postmodernidad” en el pensamiento y en el arte, dirige la atención hacia los otros, los periféricos, los diferentes, los relegados, las culturas que no se subsumen en el paradigma etnocéntrico. Y esto coincide, en Argentina, con una tomada de conciencia de las raíces latinoamericanas, que se refleja en la literatura del momento*<sup>66</sup> (LOJO, 1996, p. 135).

Como Lojo afirma, aquilo que para alguns teóricos é tido como a pós-modernidade é o momento que culmina com a inclusão dos periféricos, dos esquecidos, dos ignorados nos estudos históricos e culturais e literários. Teorias eugênicas e etnocêntricas são deixadas de lado, em prol de pesquisas que se valham do amplo leque cultural e populacional existente para construir significados e deixar algum conhecimento para a posterioridade.

Mencionamos isso pelo fato de Gabriel Iturri, personagem central de “*El extranjero*”, ser alguém quase que totalmente à parte. Já não pertence à América, não se vê como completo europeu, não constrói uma identidade sexual ajustada aos

---

<sup>66</sup> Nossa tradução: O surgimento, a nível mundial, do que se chamou de “pós-modernidade” no pensamento e na arte, dirige a atenção aos outros, aos periféricos, aos diferentes, aos relegados, às culturas que não estão inclusas a paradigmas etnocêntricos. E isso coincide, na Argentina, com uma tomada de consciência das raízes latino-americanas, o que se reflete na literatura do momento.

moldes cartesianos de homem ou mulher, tem um relacionamento às avessas com o Conde Robert de Montesquiou-Fézensac, não mantém seu próprio nome, tornado exótico pela corruptela Gabriel d'Yturri.

Em suma, Gabriel será o epítome do estrangeiro, aquele indivíduo visto, como Kristeva (1994) afirma, sempre com receio e ressalva, apenas compreendido e ouvido pelo seu confessor e provável amante, uma vez que a relação entre ambos nunca foi explícita, o conde francês.

Esse tipo de compreensão dos seres díspares do cânone, claramente, não está associado somente a María Rosa Lojo e à produção literária argentina. Autores como Antonio Candido (2000), Silviano Santiago (2000) e Coutinho (2011), entre outros, foram responsáveis por auxiliar na compreensão do que seria o entre-lugar do discurso latino-americano em geral, bem como promoveram a compreensão do papel que a literatura brasileira tem na construção de marcas identitárias e de congregação entre humanos.

Deste modo, é possível observar que, paralelamente, diversos autores constroem conhecimentos sobre a América, demonstrando como esse continente tem, como semelhança, a busca por uma compreensão maior de seus cidadãos, sejam eles quem forem.

A visão de Lojo é importante dado o fato de, em "*El extranjero*", a memória e o olhar – símbolo da perspectiva – serem fundamentais para a construção da diegese. Anacronias (GENETTE, 1995) e digressões agem como forças motrizes pelas quais é possível humanizar, compreender e (re)visar a si, ao Outro e ao mundo. Iturri repetidas vezes retorna ao campo mnemônico e, toda vez que perpassa pelos – descaminhos – da memória, novas perspectivas e possibilidades vão sendo criadas sobre sua figura, o outro de si mesmo. Além disso, a relação com os outros também passa a ser compreensível. O Outro começa a figurar como um todo pelo qual o *eu* também passa, trazendo novamente a compreensão não dual de Outro que Lévinas (1980) trata em sua obra.

Esse fato é determinante para a compreensão da narrativa e da própria menção de Lojo como teórica por tratar da noção de raízes. A literatura argentina, como a autora postula, vem tomando consciência de suas raízes latino-americanas, desenrolando-se de uma suposta aura de superioridade eurocêntrica com a qual parte da população do país vivia.

Para que isso ocorra, a assimilação crítica do passado (ZAMORA, 1990) deve ser produzida e essa somente se dará a partir da noção crítica de memória. Iturri, por analogia, é também representativo de todo um deslocamento identitário que ocorreu na Argentina, embora maximizado no universo ficcional. O não pertencer territorial, sexual e socialmente transparece na personagem e é possivelmente compreensível quando o percurso mnemônico toma lugar e cede à oportunidade de investigarmos as raízes, tão longínquas, que constituem a identidade fragmentada de Gabriel Iturri.

María Rosa Lojo, por sinal, vem analisando essa temática ao longo de sua produção poética e acadêmica. Uma de suas últimas obras, *Árbol de familia* (2010), trata da memória e da construção de identidade. Com forte caráter autorreferencial, abarca as diferentes formações da cultura de seu país e a identidade difusa do argentino. Tal temática é reiterada em seu último romance, *Todos éramos hijos* (2014), no qual a ficcionalização da Argentina durante sua redemocratização serve para revelar o signo da mudança que permeava o país nos anos 70 e como a pluralidade de vozes e identidades era visível.

Em entrevista cedida ao jornal “Los Andes”, a autora afirma que

*[...] somos un país con muchas identidades, hecho en buena parte de diásporas y éxodos. Como todos los países, por otra parte, aunque en el nuestro esa condición se refuerza por la altísima tasa de inmigración relativa, no existe un ser nacional monolítico “amenazado” por invasiones exteriores: la construcción de nuestra identidad nacional es un proceso que nunca se detiene*<sup>67</sup> (LOJO, 2010, s/p).

Como é perceptível, a Argentina, para a autora, é um país de pluri-identidades, fator que, em larga escala e relativizado, pode ser comparado ao restante da América hispânica e, talvez, ao continente americano como um todo também. Lojo imputa essa(s) identidade(s) argentina(s) ao fato de o país ter sofrido historicamente com a existência de diásporas, deslocamentos e êxodos. É interessante observar como tal menção é também aplicável ao conto de Guimarães Rosa. A identidade criada em Reivalino e sua noção de pátria permitiam a ele

---

<sup>67</sup> Nossa tradução: somos um país com muitas identidades, feito em boa parte de diásporas e êxodos. Como todos os países, por outra parte, ainda que no nosso essa condição se reforce pela altíssima taxa de imigração relativa, não existe um ser nacional monolítico “ameaçado” por invasões exteriores: a construção de nossa identidade nacional é um processo que nunca se detém.

enxergar os próprios brasileiros do consulado como párias, estrangeiros e dignos de rejeição.

Na Argentina, de extensão territorial muitíssimo menor que a do Brasil, as palavras de Lojo ecoam de maneira, aparentemente, ampla, uma vez que o percurso é identificável. A deriva, trazida pela teórica como existente em decorrência da “imigração relativa”, não permite a criação de um bloco identitário monolítico comum à Argentina. Em uma época na qual noções totalizantes e totalitárias causam receio e são questionadas a todo o momento, pensamos que a falta desse bloco monolítico de identidade parece, de certa forma, auxiliar na criação de sociedades compreensivas em relação ao Outro. A amálgama de identidades múltiplas que fala Vargas Llosa (2006), constituinte do pensamento latino-americano, ressoa na voz de María Rosa Lojo.

Da mesma forma que Lojo pressupõe que a identidade nacional argentina é um ideal que nunca se detém, a identidade da protagonista de “*El extranjero*”, Gabriel Iturri, também jamais é terminada. De jovem tucumano pobre a companheiro de um dândi abastado na França, de ator travestido de mulher em uma peça de teatro na infância a moribundo agonizante na idade adulta, de memória viva a inspiração parcial para Marcel Proust, Iturri não terminará seu caminhar identitário. Por consequência, nenhuma das outras personagens principais o terminará. Seu companheiro, o Conde Robert de Montesquiou-Fézensac, embora dândi e uma espécie de clichê da *belle époque* francesa, jamais cessa seu compromisso em ter Iturri ao seu lado, sem nunca deixar isso explícito. Compra as tantas quinquilharias de locais exóticos, com o intuito de demonstrar seu poder, mas, também, com o propósito de juntar os pequenos pedaços daquilo que ele gostaria de ser.

Isso é visível na narrativa desde seu primeiro momento, quando Lojo apresenta uma epígrafe de uma carta do conde, na qual é possível ler:

*El apoyo que mi familia me negó y la comprensión que me regateaban mis amigos, todo lo encontré en este extranjero, él me protegió sin una duda, sin un desfallecimiento durante veinte años, al cabo de los cuales la desaclimatación y la vida de fiebre en un centro que no era el suyo – París – lo usurparon a mi corazón y al cariño de todos los que le conocieron y trataron*<sup>68</sup> (LOJO, 2011, p. 303).

<sup>68</sup> Nossa tradução: O apoio que minha família negou a mim e a compreensão que regateavam meus amigos, tudo eu encontrei neste estrangeiro, ele me protegeu sem uma dúvida, sem uma queda durante vinte anos, ao cabo dos quais a desaclimação e a vida de febre em um centro que não era o seu – Paris – usurparam-no a meu coração e ao carinho de todos que o conheceram e o trataram.

Perceptivelmente, o apreço do dândi para com o jovem tucumano é grandioso. Mais que isso, nota-se no trecho a concepção de forasteiro sem qualquer destaque pejorativo; Iturri permanecerá sempre um alóctone, uma vez que sua vivência em Paris acabou por deixá-lo doente, ou ao menos é isso que o conde acredita. Mas esse estrangeiro é, também, o homem que acolheu Robert e cativou seu coração e carinho, a ponto de Gabriel representar mais para Montesquiou-Fésenzac que sua família ou seus colegas. O símbolo de proteção também é fundamental à compreensão, uma vez que é o estranho, o forâneo, o Outro a ser conhecido, quem acaba por salvaguardar a existência do francês, ao contrário de seus compatriotas.

Buscamos, pois, demonstrar que a noção de estrangeiro é transformada em uma problemática de caráter metafísico, já que fronteiras geográficas arbitrariamente concebidas pelo humano não são suficientes para abarcar a gama do vocábulo na narrativa.

Robert não é um compatriota francês; é, a seu modo, também um forasteiro. Sua falta de apreço por aqueles a seu redor, salvo Gabriel, denota uma falta de compreensão e um sentido de não pertencimento no burguês da *belle époque*, abandonado pelos seus familiares e ignorado por seus amigos, retrato da solidão em meio à multidão. Lembremos que Baudelaire lida com a noção de *flâneur* durante esse período histórico; portanto, pululava na França o pensamento do uno em meio ao múltiplo. O conde é exemplo disso e sua configuração ficcional consegue abarcar tal temática. Seu gosto por artefatos exóticos pode ser traduzido em uma latência por pertencimento, que pode ser apenas concebida por meio da aquisição de objetos distintos, destoantes entre si, ligados apenas por uma lógica inata ao francês e compreensível somente para Gabriel.

Trechos como “*luego emboca un cigarillo turco*”<sup>69</sup> (LOJO, 2011, p. 305) e “*comienza a mover el abanico madrileño*”<sup>70</sup> (LOJO, 2011, p. 305) refletem a construção fragmentada e identitariamente difusa do conde francês. Robert, tal como Gabriel, também não pertence; talvez, por isso, ambos tenham se unido e encontrado alento um no outro. Em outro momento da narrativa, é narrado como

<sup>69</sup> Nossa tradução: logo põe à boca um cigarro turco.

<sup>70</sup> Nossa tradução: começa a mover o leque madrilenho.

*La bañadera de la Montesper, los péndulos de Boule, los muebles de Riesener, la pila de agua, la colección de bonsái, se conjugan en un mismo coro disonante con las “hortensias azules” y las “perlas rojas” de los poemas del conde, tan pesada y trabajosamente labrados como los bustos de mármol de una sala ministerial*<sup>71</sup> (LOJO, 2011, p. 316).

Em comparação à malfadada carreira literária do conde, os exageros, barroquismos e incongruências do estilo da casa de Robert refletem o ser à parte que ele é. Trata-se de um coro dissonante, no qual os fragmentos confluem em uma amálgama disforme de objetos. Um estrangeiro em busca de redenção, Robert a encontrará em Gabriel, um forasteiro em busca de si mesmo.

Mencionamos como o caráter histórico é importante para a construção da narrativa de Lojo, que se vale disso como mote para produzir “*El extranjero*” e como motivo dentro da própria diegese. No trecho citado, observa-se como Robert costumeiramente adquiria artefatos que pertenceram a outros nobres, de outros países, de outras épocas. França, Alemanha, Argentina, Espanha, Turquia e vários países e épocas convergem em um único lugar a partir da perspectiva de construção social de Robert. O mais notável disso é como se desvela essa questão.

Maneirismos e gostos extravagantes eram comuns aos burgueses da *belle époque*, todavia, são construídos em “*El extranjero*” com o intuito de justamente diferenciar o conde dos outros. Enquanto os outros aristocratas em declínio e/ou burgueses vivem suas vidas adquirindo impensadamente artefatos, Montesquiou-Fézensac o faz por um sentido de permanência histórica, existencial, identitária. De certa forma, escolhe o entre-lugar de Santiago (2000) ou a terceira margem do rio, ficcionalizada por Guimarães Rosa (2005).

Em relação à figura de Gabriel Iturri, tal analogia também pode ser corroborada ao buscarmos a voz do teórico brasileiro Antonio Roberto Esteves, que, ao analisar o movimentar do leque utilizado por Iturri ao longo da narrativa para refrescar-se e trazer ar a seus pulmões debilitados, menciona como

[...] os movimentos do leque sinalizam esse movimento de ir e vir, de transpor normas e fronteiras. Se em Tucumán, em sua infância, o menino necessitava travestir-se e sob os trajes femininos, no teatro,

<sup>71</sup> Nossa tradução: a banheira de Montesper, os pêndulos de Boule, os móveis de Riesener, a pia d'água, a coleção de bonsai, são combinados em um mesmo coro dissonante com as “hortênsias azuis” e as “pérolas vermelhas” dos poemas do conde, tão pesados e laboriosamente trabalhados como os bustos de mármore de uma sala ministerial.

podia representar/viver o papel que desejava, uma vez em Paris já não é necessária a farsa. Passará então a viver uma espécie de entre-lugar genérico, o do dandy efeminado, a meio caminho entre o masculino e o feminino. Nem um e nem outro: um e outro ao mesmo tempo (ESTEVEES, 2011, p. 4).

O tucumano opta por viver uma vida às avessas, ao lado de um dândi francês, pelo fato de lá encontrar melhor pertencimento que em sua vida na Argentina ou que em seus encontros e estadias casuais com outros indivíduos ao longo da vida. De fato, o que se observa é a noção do Outro de Lévinas (1980), na qual Iturri é também um outrem de si mesmo, que necessita ser revelado e compreendido, para que a formação identitária do jovem hispano-americano possa seguir seu curso.

Essa, entretanto, não se baseia em moldes cartesianos de vivência básicos, fazendo com que a personagem esteja sempre calcada pelo signo do híbrido, do plural. Para Esteves, o leque acaba por possuir características mnemônicas já anunciadas outrora como presentes dentro da narrativa de Lojo. O ir e vir do leque representa as escolhas de Iturri, sua complexidade sexual e identitária, sua origem americana e vivência europeia, sua relação com Robert, com os outros e consigo mesmo. O deslocamento constante, a fluidez, o entre-lugar são sinais que convergem dentro da figura da protagonista de *“El extranjero”*.

A própria constituição física da personagem sugere uma complexidade andrógina e indefinida em relação a gênero. Em uma exposição de arte, quando Iturri conhece o conde, é narrado que *“su figura afinada y presumida atrae más la atención que todos los retratos”*<sup>72</sup> (LOJO, 2011, p. 308), ou quando um crítico de Gabriel, ex-professor deste, o julga como *“afeitado, acicalado, amaricado, que se dirige al anfitrión con estereotipada sonrisa de bailarina”*<sup>73</sup> (LOJO, 2011, p. 311). É possível identificar a forma física do argentino como reflexo de seu espírito. De impossível definição, é visto com pasmo ou rejeição pelos outros. Um ádvena por onde passa, o argentino é julgado pejorativamente pelo seu ex-professor devido ao simples fato de ter o rosto limpo e as formas supostamente afeminadas. Em clara projeção ao passado, o fato de ter-se travestido como mulher no teatro da escola é rememorado no momento em que é visto como bailarina.

<sup>72</sup> Nossa tradução: sua figura afinada e presumida atrai mais a atenção que todas as pinturas.

<sup>73</sup> Nossa tradução: barbeado, maquiado, amaricado, que se dirige ao anfitrião com estereotipado sorriso de bailarina.

Os signos empregados, embora possam não ter caráter pejorativo e de juízo de valor negativo, são construídos pelo professor enervado com esse intuito e, portanto, transformam Iturri em pária, em um estranho/estrangeiro que não merece atenção e respeito de outros. Até mesmo a narração do sepulcro no qual estão enterrados Gabriel e Robert, admirado anos depois por Marcel Proust, reflete essa indefinibilidade de gênero: “*el Ángel del Silencio domina el pequeño jardín con una gracia andrógina*”<sup>74</sup> (LOJO, 2011, p. 318).

Concomitantemente à androginia e ao entre-lugar de Iturri, os exageros e maneirismos de Robert criam empatia em Gabriel e auxiliam no fortalecimento da relação entre ambos, consolidando a compreensão do Outro que habita em cada um e, conseqüentemente, causando uma relação de outridade entre ambos. Em seu derradeiro momento, Iturri pronuncia as palavras que validam essa relação, bem como gesticula de modo a demonstrar que seu chefe e amante, o conde Robert, foi a pessoa mais importante na sua vida. Na continuidade dos eventos, “*gracias – le dice valerosamente – por haberme enseñado a comprender la belleza de todas estas cosas*”<sup>75</sup> (LOJO, 2011, p. 317), palavras que são autenticadas pela voz enunciativa como motes ditos com o mais pleno carinho de Iturri.

O ciclo se fecha e ambas as personagens, mesmo no leito de morte do tucumano, redescobrem a relação que possuem e como puderam se amparar, cada um a sua maneira, nesta para a continuidade de suas vidas. Os estrangeiros, de si e do Outro, conhecem-se e reconhecem-se, em uma narrativa que é permeada pelo símbolo da fronteira e da fluidez desta durante uma vida.

O símbolo da fronteira acaba por ser pontual em “*El extranjero*”, mas, mais além, na narrativa argentina e, por consequência, na narrativa hispano-americana também. Segundo Lojo (1996, p. 135),

*En los últimos treinta años la reelaboración de la Historia, o la elaboración de otras versiones de la Historia constituye una de las principales corrientes de la narrativa argentina. Y la frontera vuelve a estar presente de maneras múltiples: como el límite entre planos temporales que se aproximan y se contrastan, con o contacto y colisión de culturas, como revisión – lírica o paródica – de los antiguos tópicos, como superlativa permeabilidad que conoce su apogeo en esta etapa postmoderna, signada por la penetración de*

<sup>74</sup> Nossa tradução: o Anjo do Silêncio domina o pequeno jardim com uma graça andrógina.

<sup>75</sup> Nossa tradução: obrigado – disse-lhe valorosamente – por ter me ensinado a compreender a beleza de todas estas coisas.

*los mass media, los cruces y superposiciones de mensajes, la coexistencia de visiones y de lenguas, la fragmentación y la mezcla.*<sup>76</sup>

Para a autora, a contemporaneidade seria marcada pelo processo de reelaboração e rememoração da história oficializada. Esse tipo de temática vem sendo discutido constantemente no continente americano, principalmente a partir da segunda metade do século XX. As teorias de desconstrucionismo, perspectivismo e historicismo vêm abarcando inúmeras possibilidades de retomada do conteúdo historiográfico e a literatura age como força motriz para esse tipo de questionamento, uma vez que a ficcionalidade inerente a ela permite o reescrever, o reconstruir.

Segundo Lojo, essa seria uma marca da literatura argentina contemporânea. Em relação a “*El extranjero*”, é visível como o pensamento teórico da autora conflui com o literário, no momento em que notamos o símbolo da fronteira, principalmente na figura de Gabriel Iturri.

Primeiramente, em relação aos limites e planos temporais que podem se aproximar e se contrastar, observe-se que as ações relatadas se passam em três momentos histórico-temporais distintos: em um primeiro momento, tem-se Paris, em 1905, com Gabriel Iturri já acamado e deveras debilitado fisicamente, sendo cuidado pelo seu cão, Friquet e por seu amante, o conde Robert de Montesquiou-Fézensac; num segundo momento, a partir de uma analepse temporal, o jogo memorialístico da personagem nos leva a tempos passados não delimitados factualmente, que incluem a adolescência do tucumano na Argentina, sua origem, seu relacionamento difuso com os outros e, até com seus familiares, a consequente ida para a Europa e o eventual encontro com o conde; finalmente, o terceiro momento temporal principal se passa em Versalhes, em 1921, quando Marcel Proust observa a tumba de ambos e reflete sobre a vida destes e sobre sua própria vida

A fronteira entre tempos é sobreposta e tornada fluída, justamente porque Iturri e Montesquiou-Fézensac não pertencem, temporal, geográfica e socialmente.

---

<sup>76</sup> Nossa tradução: nos últimos trinta anos, a reelaboração da História, ou a elaboração de outras versões da História, constitui uma das principais correntes da narrativa argentina. E a fronteira volta a estar presente de maneiras múltiplas: como o limite entre planos temporais que se aproximam e se contrastam, com o contato e colisão de culturas, como revisão – lírica ou paródica – dos antigos tópicos, como superlativa permeabilidade que conhece seu apogeu nesta etapa pós-moderna, marcada pela penetração das *mass media*, pelos cruzamentos e superposições de mensagens, pela coexistência de visões e idiomas, pela fragmentação e pela mescla.

Até mesmo a repetição da presença do crítico ex-professor Paul Groussac, que acabará por encontrar Gabriel na Argentina e na França, tornam o tempo disforme, de certa maneira, dentro do conto, auxiliando na construção do estranhamento existente no cerne do eixo Gabriel-Robert.

O contato e colisão entre culturas, mencionado por Lojo, pode ser visto já na amálgama de artefatos que o conde faz em sua casa. A relação argentino/europeu também é significativa para essa simbologia, uma vez que destoa do sentido comum, tão próximo à Argentina, de *criollo*, europeu, indígena.

A origem de Gabriel remonta a uma localidade chamada “*Yerba Buena*”, fato que acaba por remeter às origens autóctones dos seres americanos, sua criação é tipicamente argentina, mas grande parte de sua vida se passa na Europa. Abarca todas essas culturas concomitantemente, sem chegar a ser um representante de nenhuma. Um estrangeiro à deriva, Gabriel reflete a amálgama e diferenciação de culturas da América e, talvez, do mundo.

A colisão cultural, entretanto, possivelmente prejudicial à formação identitária do jovem tucumano, pode ser observada na narrativa quando é dito que, a pedido do conde, assina seu nome como “*Gabriel D’Yturri. Estampa su ortografía incorrecta y su caligrafía florida en un papel con discretos membretes ornamentales, se deja atribuir un exótico origen peruano, y quizá hasta remotos parentescos con la nobleza incaica*”<sup>77</sup> (LOJO, 2011, p. 309). Segundo Zamora (1990), a desapropriação do passado e o apagamento deste produzem marcas negativas no indivíduo e numa cultura.

Para que um povo possa assimilar sua história e caminhar ao encontro da aceitação de diferentes culturas, seres e caminhos, é necessário entender o passado para não repeti-lo. Se Iturri tivesse se rendido às vontades europeias, teria se tornado um forasteiro exótico da América, praticamente igual aos escravos trazidos e tratados como animais durante o período de conquista e colonização do continente americano; sempre um pária, um estranho, indigno para se relacionar. Teria se tornado o “espécime” perfeito do que é o estereótipo selvagem americano, uma vez que “*la frontera, pues, se asoció a partir de finales del siglo XVI con una*

---

<sup>77</sup> Nossa tradução: Gabriel D’Yturri. Estampa sua ortografia incorreta e sua caligrafia florida em um papel com discretos timbrados ornamentais, deixa-se atribuir uma exótica origem peruana, e talvez até remotos parentescos com a nobreza inca.

*vaga idea de aventura y peligro, salvajismo y viaje a los infiernos*<sup>78</sup> (OPERÉ, 2006, p. 195). Não é o caso de Gabriel, pois o tucumano opta pelo não pertencimento seletivo, de certa forma e, ao fazer isso, se desvencilha das amarras que o estereótipo alheio pode lhe imputar.

Ainda, a analogia retratada serve como preceito para o questionamento social atual do papel do americano e de sua literatura. O exotismo, a selvageria, o místico são símbolos que, embora presentes em nossas culturas, foram utilizados como meios subversivos de adequação do americano a um papel inferior: ser o de fora, o estrangeiro/estranho. Ao rejeitar essas atribuições, Gabriel Iturri rejeita uma cultura secular de apropriação da identidade americana e subjugo dessa às vontades eurocêntricas.

Deste modo, *“la frontera ha jugado un papel determinante en la conformación del imaginario colectivo nacional y de sus figuras representativas”*<sup>79</sup> (LOJO, 1996, p. 125) e Iturri se desvencilha gradativamente, ao longo de sua vida, desses limites e demarcações, num embate cultural e social constante, que o leva às linhas limítrofes da identidade. Acaba por tornar-se *“un ser desatado y desaforado, definido, si ello es posible, por la carencia de todo límite”*<sup>80</sup> (LOJO, 1996, p. 126). O estrangeiro de si acaba por enfrentar as fronteiras existentes, social e filosoficamente, para encontrar uma espécie de propósito para sua existência em sua vida junto ao conde francês, outro estrangeiro, transmutado na figura de um dândi burguês.

Como Esteves (2011, p. 3) pressupõe,

[...] estar frente a frente, frente à frente, frente à frente, frente a frente, não com o inimigo, mas com o outro, que afinal de contas pode, em seus olhos, refletir nossos desejos. Olhar o outro, ser olhado pelo outro. Desejar o outro, ser desejado pelo outro. Um outro que muitas vezes está dentro de nós e que só pode ser identificado pelo olhar de outro. Ou, de modo invertido, como na imagem no espelho.

<sup>78</sup> Nossa tradução: a fronteira, pois, associou-se, a partir do final do século XVI, a uma vaga ideia de aventura e perigo, selvageria e viagem aos infernos.

<sup>79</sup> Nossa tradução: a fronteira tem servido de papel determinante na conformação do imaginário coletivo nacional e de suas figuras representativas.

<sup>80</sup> Nossa tradução: um ser desatado e desenfreado, definido, se isso é possível, pela falta de qualquer limite.

O pensamento do teórico acerca da narrativa de Lojo reflete uma confluência com a noção de Outro exposta por Lévinas (1980). Iturri não é um estrangeiro nos moldes usualmente cartesianos de entendimento. Não há apenas o jogo entre o *eu* e o outrem. Os níveis de interpretação possíveis e as camadas nas quais a alteridade se dá são múltiplos e plurissignificativos, sendo reducionista a concepção de que Iturri seria apenas um estrangeiro na Europa, por exemplo.

O travestir-se na infância, os olhares, a vida deixada em Tucumán, a falta de pertencimento em Paris, o relacionamento com o conde, o entre-lugar de Iturri o tornam estrangeiro de si mesmo, validando, também, algumas das concepções de Kristeva (1994).

O percurso memorialístico efetuado pela voz enunciativa da narrativa permite enxergar o passado da protagonista, com o intuito de demonstrar quais os desvios e deslocamentos pelos quais Gabriel havia passado para chegar ao ponto em que estava na Paris de 1905 e para estar enterrado junto a um conde francês, em 1921, na cidade de Versalhes. Essas pequenas rupturas temporais dinamizam a história e agregam sentido para a desconstrução da personagem como um ser *uno* e para a construção da multifacetada *persona* que é Gabriel Iturri e, por consequência, como o próprio conde Robert também o seria, aos seus moldes, uma vez que é o único ser a manter um relacionamento, por menor que seja, com o argentino.

Essas quebras temporais, ajustes memorialísticos, memórias e reflexões sobre a vida também transportam a narrativa a um novo questionamento da fronteira e ruptura desta, pois

[...] dentro dos princípios da narrativa de extração histórica, a escritora María Rosa Lojo o transporta da história para a ficção, rompendo uma fronteira mais, a dos gêneros textuais. Também rompe a fronteira dos tempos, ao trazer para o presente o relato de suas aventuras do passado, suscitando leituras plurais, não apenas do passado, como forma de romper discursos totalizantes e hegemônicos, mas também como forma de apresentar aos olhos do presente a possibilidade de romper limites considerados imutáveis durante muito tempo (ESTEVEZ, 2011, p. 4).

Neste sentido, a narrativa de Lojo é justificável por Zamora (1990), ao afirmar a necessidade de reconhecimento do passado como uma das marcas de um povo/ser que precisa assimilá-lo para superá-lo. Desse modo, diversos teóricos da contemporaneidade que estudam a representação ou a significação do signo

“estrangeiro”, o Outro ou concepções identitárias e memorialísticas servem de subsídio à ensaística da narrativa de María Rosa Lojo, plurissignificativa e pautada no símbolo da outridade.

Constatamos, portanto, a existência de várias possibilidades e de vários níveis de leitura, uma vez que, num primeiro momento, “*El extranjero*” pode ser considerado simplesmente linear, pela fácil acessibilidade à estrutura não pluriperspectivista ou também pela ausência do emprego de estratégias desconstrucionistas – paródia, carnavalização, anacronias exageradas, polifonia, dialogia, heteroglossia –, como é comum à narrativa híbrida de história e ficção hispano-americana. Com um olhar bastante atento, e com novas leituras, a narrativa ganha níveis profundos de representação e interpretação que perpassam várias das teorias identitárias existentes hoje, bem como se torna um objeto de estudo valioso à compreensão da *psique* argentina e, por consequência, ao menos em partes, do pensamento latino-americano. Nesse sentido, aproxima-se do que Fleck (2007-2008) considera “romance histórico contemporâneo de mediação”, embora esta narrativa híbrida eleita de Lojo seja um relato curto. No conto, “[...] percebe-se a memória como uma potência, isto é, como um paradigma de recordação formador/(des)construtor da identidade” (COELHO, 2014, p. 46), caminho pelo qual a trajetória de vida e morte de Gabriel Iturri e Robert de Montesquiou-Fésenzac é, finalmente, inspiração para o trabalho narrativo de Marcel Proust, que observa suas tumbas na Versalhes de 1921.

A propósito da questão de construção identitária presente nas obras de Lojo, notamos que em “*El extranjero*” ocorre um caminho de circularidade histórica e memorialística, visível principalmente no trecho em que Iturri ganha a corruptela exótica de seu nome, Gabriel D’Yturri, mais aprazível aos europeus. Ao ter seu nome alterado pela influência de terceiros, não somente sua noção de *eu* se perde, como a própria construção de memória da protagonista se torna difusa. Ao ter outra alcunha, toda sua origem americana passa a ser embebida numa espécie de mito europeizado, do qual, verdadeiramente, Gabriel não faz parte.

Narra-se como “*a Gabriel D’Yturri el pasado es lo que menos le interesa. No le queda casi lugar para recuerdos, que van arrumbándose como muebles en*

*desuso, pasados de moda, ridículos, en el más escondido desván de la memoria*<sup>81</sup> (LOJO, 2011, p. 310), trecho no qual é visível o jogo com a corruptela do nome do argentino. Transmutado em um outrem de si mesmo, imposto pelas marcas do(s) Outro(s), perde contato com suas origens e não incorpora seu passado, fazendo deste matéria abstrata, impossível de ser digerida e, conseqüentemente, assimilada. O jogo de espelhos, revelando incontáveis Outros, conforme exposto por Esteves (2011), portanto, conflui com as teorias de alteridade de Lévinas (1980) e de identidade de Zamora, (1990), para trazer à tona o modo pelo qual se configura a personagem Gabriel Iturri na escrita de Lojo.

Com seu nome estilizado, retorna à Argentina, numa empreitada metafórica de busca por identidade e respostas. Ao reencontrar sua vila, sua casa, sua família e, mais importante, sua mãe, a protagonista vai, aos poucos, tendo novamente contato com aquilo que foi uma vez. Muito embora já não o seja, para Gabriel esse caminho será necessário e importante, uma vez que auxiliará na redenção da personagem. Ao ver, num processo cíclico, aquilo que fora e aquilo que se tornara, pode vir a ter com quem ele era: um estrangeiro na Argentina e na Europa, um Outro, sempre a ser (re-)descoberto. Ao final dessa viagem, narra-se:

*Cuando el Brésil leva las anclas y deja las costas del Río de la Plata, Gabriel D'Yturri se expande como aquel globo encendido en la fiesta del Colegio Nacional que no volverá a pisar: inalcanzable y resplandeciente, libre por fin de amarras*<sup>82</sup> (LOJO, 2011, p. 312).

Depois desse relato, a protagonista nunca mais é mencionada com sua alcunha exótica, imputada pelo olhar viciado do Outro que não busca entender o *eu* de Gabriel Iturri. Num retorno ao seu passado, o tucumano compreende e assimila suas origens, jamais com o propósito de retornar para elas, mas com o claro anseio de algum tipo de libertação. Após ver seu lar primordial, torna-se livre de grilhões. Livre das relações com a Argentina, livre das restrições impostas pela Europa. Seu elo com a humanidade permanecerá em sua relação com o conde Robert, no qual encontra amparo e carinho.

<sup>81</sup> Nossa tradução: para Gabriel D'Yturri, o passado é o que menos lhe interessa. Quase não deixa lugar para lembranças, que vão se entulhando, como móveis em desuso, passados da moda, ridículos, no mais secreto sótão da memória.

<sup>82</sup> Nossa tradução: Quando o *Brésil* levanta as âncoras e deixa as costas do Rio da Prata, Gabriel D'Yturri se expande como aquele globo aceso na festa do Colégio Nacional em que não voltará a pisar: inalcançável e resplandecente, livre por fim de amarras.

As fronteiras, geográficas, sociais, de gênero, outra vez, são esfaceladas, a favor do *eu* que se revela também forasteiro e constantemente mutável. Esse retorno é necessário, já que “*el rechazo, la voluntad de olvido, la ignorancia como defensa, son, en el fondo, pobres mecanismos que ni borran, ni extinguen. El olvido vuelve sobre sus pasos con la constancia de la herida que supura y el clamor de los muertos*”<sup>83</sup> (OPERÉ, 2006, p. 193).

Uma marca que pode ser utilizada para a compreensão de como as fronteiras são fluídas e permeáveis na narrativa de Lojo é o fato de que até mesmo o olhar de Friquet, o cão que permanece ao seu lado, tem direito a sentimentos, vontades e gostos, rompendo outra barreira, em busca de mais um ádvena, mais um Outro. Ele desgosta de Robert, mas o tolera pela sapiência de que aquele faz bem a seu amo, Gabriel. Este, por sua vez, já enfermo, e fétido pelo “*punzante olor de cloroformo y manzanas en descomposición que exhalan el cuerpo, la mano, y hasta la voz del hombre que le habla*”<sup>84</sup> (LOJO, 2011, p. 303-304), faz bem ao cão.

Para que se efetive a ruptura de fronteira e construção de alteridade, ocorrem vários momentos em que, tal como a Baleia, de *Vidas Secas*, Friquet é antropomorfizado, especialmente em seus pensamentos, como noções animais são imputadas aos homens. Na continuidade, “*Friquet piensa en praderas, piensa en el parque de una mansión lejana, piensa en la nieve de Bruselas que se deshacía lentamente, como un paisaje de sueño, tras una ventana caldeada por el resplandor del fuego*”<sup>85</sup> (LOJO, 2011, p. 304), momento que não somente humaniza o cão, de certa forma, como lhe dá uma origem concreta, já que ele é da raça *griffon bruxellois*, nome em que claramente se denota a origem belga.

Em contraponto a essa humanização, ao observar como Robert enxerga Gabriel, a perspectiva do cão traz a seguinte menção: “*En los ojos azules, fríos, burlones, del señor Fézenzac, aparece una emoción generosa, incontenible, digna de un perro*”<sup>86</sup> (LOJO, 2011, p. 306), acompanhada de uma reclamação de Gabriel,

<sup>83</sup> Nossa tradução: o rechaço, a vontade de esquecimento, a ignorância como defesa são, no fundo, pobres mecanismos que nem apagam, nem extinguem. O esquecimento volta sobre seus passos com a constância da ferida que supura e o clamor dos mortos.

<sup>84</sup> Nossa tradução: pungente odor de clorofórmio e maçãs em decomposição que exalam o corpo, a mão e até a voz do homem que lhe fala.

<sup>85</sup> Nossa tradução: Friquet pensa em pradarias, pensa no parque de uma mansão distante, pensa na neve de Bruxelas que se desfazia lentamente, como uma paisagem de sonho, atrás de uma janela aquecida pelo resplendor do fogo.

<sup>86</sup> Nossa tradução: Nos olhos azuis, frios, zombeteiros do senhor Fézenzac, aparece uma emoção generosa, irreprimível, digna de um cão.

que clama para que pudesse “*morir como un perro*”<sup>87</sup> (LOJO, 2011, p. 307). Essas menções auxiliam na criação de outro deslocamento de fronteiras; o próprio cão, agora, tem direito a uma perspectiva. Um novo Outro é encontrado e enfrentado, outra visão de mundo é transposta à narrativa e, novamente, outra instância de adventício é criada, muito embora seja bastante adversa e incomum.

Dessa forma, “a proliferação de todo tipo de discurso memorial nas produções literárias contemporâneas reflete a busca pela posse de um passado negado, subalternizado ou marginalizado, pelo intento de (re)apresentar-se (COELHO, 2014, p. 50). As narrativas de María Rosa Lojo vêm se inserindo na temática da memória, construção de identidade e outridade já há algum tempo, com a própria autora servindo de teórica para determinados questionamentos da contemporaneidade. Sua produção híbrida de história e ficção é exemplar para a categorização de “romance histórico contemporâneo de mediação”, proposta por Fleck (2007-2008-2011) como modalidade atual da arte literária que relê o passado histórico.

Em “*El extranjero*”, é visível a temática que aborda as representações do forasteiro como pária, como um Outro a ser desvelado, não somente no âmbito de alguém que não é de um país; as questões geográficas são utilizadas pela narrativa de Lojo, mas os âmbitos nos quais essa representação e as diversas conotações do signo “estrangeiro” podem ser estudadas são muito variadas. Da diferença entre a América e a Europa, da origem argentina de Gabriel, da sua falta de pertencimento em locais comuns, da sua não escolha clara de gênero, de sua relação ambígua com o conde Robert, até de sua forma andrógina, as fronteiras pelas quais Iturri passa e os limites que a personagem de extração histórica (TROUCHE, 2006) desloca são múltiplos e plurissignificativos.

Nas narrativas de Lojo e, particularmente, no caso de “*El extranjero*”, é possível notar

[...] *el sentimiento o la aspiración a lo “glocal”, presente en la mayoría de sus personajes, que conjuga el deseo de pertinencia que hace hablar, para nómades y estanciales, de búsqueda de raíces, de integración e identidad, con la necesidad del viaje, del desplazamiento, como parte constitutiva del ser [...]*<sup>88</sup> (GRILLO, 2013, p. 185).

<sup>87</sup> Nossa tradução: morrer como um cão.

<sup>88</sup> Nossa tradução: o sentimento ou a aspiração ao “glocal”, presente na maioria de seus personagens, que combina o desejo de pertencimento que faz crescer, para nômades e sedentários,

Gabriel e Robert são representativos desse “glocal” analisado pelo teórico. Mesmo que os impulsos de deslocamento geográfico, físico e social de Robert sejam menores, ele continua à procura da deriva, do desvio, fato visível no acúmulo de bens esdrúxulos que faz e na própria relação dúbia com o jovem argentino. A busca por raízes acabará com ambas as personagens encontrando conforto no convívio entre si mesmas e no amparo que o carinho que nutrem uma pela outra pode trazer.

O global e o local se unem e criam uma rede perpetuamente conectada de indivíduos em constante mudança. O estrangeiro se desloca na contemporaneidade e, particularmente, na América, o símbolo torna-se importante para a compreensão da(s) *psique(s)* do continente. Em terras americanas, “*fronteras literarias o fronteras geográficas no parecen estar muy distanciadas sobre todo cuando se trata de un espacio que debe comprenderse para transformarse y permitir algún tipo de actualización*”<sup>89</sup> (OPERÉ, 2006, p. 204).

Finalmente, da mesma forma que Marcel Proust pondera, ao ver o Anjo do Esquecimento sobre os sepulcros de Gabriel e Iturri, os habitantes da América devem compreender seus possíveis papéis sociais, bem como a mortalidade atrelada ao humano, com o intuito de melhor conceberem suas próprias existências, bem como as daqueles que os circundam. A outremização e o reconhecimento da existência do Outro desconhecido têm papel importante nessa concepção, por delinearem o caminho possível de atuação e como as relações identitárias se dão em nosso continente. Ao final da narrativa de Lojo, resta a reflexão se, dada a nossa morte, tal como Proust pensa, veremos sermos todos “*un personaje más en los ojos del Extranjero*”<sup>90</sup> (LOJO, 2011, p. 319), estrangeiro esse jamais nomeável, mas, talvez, perpetuamente presente na vivência americana.

---

a busca por raízes, integração e identidade, com a necessidade de viagens, deslocamento, como parte integrante do ser [...]

<sup>89</sup> Nossa tradução: fronteiras literárias ou fronteiras geográficas não parecem estar muito distantes, especialmente quando se trata de um espaço que deve compreender-se para transformar-se e permitir algum tipo de renovação.

<sup>90</sup> Nossa tradução: mais um personagem aos olhos do Estrangeiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a verificação dos três contos pertencentes ao *corpus* de nossa pesquisa, evidenciamos a compreensão de como, embora muito distintos entre si, criam um panorama mínimo do que é a representação literária da sociedade e suas relações no continente americano no século XX.

Inexoravelmente, o estudo da alteridade e do Outro faz-se presente, não só no pensamento social, como também no pensamento artístico e teórico dos americanos em geral. A partir de diferentes perspectivas, podemos depreender como é a interação da figura do forasteiro com os habitantes da América, quais são os juízos de valor e relativizações imputadas ao estrangeiro e como ocorre a aceitação e assimilação deste nas sociedades, quando isso é possível.

A partir de estudiosos como Simmel (1950), Lévinas (1980), Todorov (1983) e Kristeva (1994), entre outros, é possível construir uma amálgama teórica que sirva como tessitura para a realização de uma pesquisa como esta a que procedemos. Tais pensadores, ao se debruçarem sobre diferentes âmbitos do estranho, do Outro e da outremização, apresentam o insumo teórico necessário para que possamos compreender melhor os pontos de partida, as confluências e as separações entre ideais e perspectivas, com o intuito de melhor entendermos quem é o estrangeiro para a América, e se é possível falar em algum tipo de aceitação deste para os indivíduos pertencentes à(s) América(s).

Evidenciou-se, ao longo da pesquisa, o caráter plural e não mais dual do Outro, que passa a ser visto não apenas por moldes cartesianos como aquele que não *sou*, mas como uma própria extensão do *eu*, uma simbólica referência a um ser e/ou toda uma rede de interações humanas.

Nesse sentido, procuramos demonstrar como essa fuga a preceitos cartesianos de conceituação do Outro foi importante para a investigação do conto “*El extranjero*”, de María Rosa Lojo. Em momento algum, ao menos na narrativa da autora argentina, pode-se pressupor que exista apenas um outrem, obviamente delimitado. As fronteiras são estendidas, tornadas fluídas, reestruturadas pela narrativa a todo momento, oportunizando a reflexão quase que metafísica de quem é o outrem num universo em que os homens pouco se mantêm atrelados a símbolos como nação, visível nos ensaios de Anderson (1991), por exemplo.

Um ponto que deve ser ressaltado como um possível caminho para se conceber a América, hoje, é o fato de, temporalmente, as narrativas terem revelado um caminhar no sentido da aceitação, por parte de suas personagens. Se em “*The foreigner*”, de Steegmuller, escrito em 1935, a relação entre o ádvena estadunidense e o taxista francês é malsucedida, malfadada e não preza pela busca por outridade, os outros dois contos do *corpus*, escritos posteriormente ao estadunidense, demonstram justamente o contrário.

Em “O cavalo que bebia cerveja”, de Guimarães Rosa, originalmente publicado em 1962, já será visível como o embate, inicialmente posto em termos negativos, com o forasteiro pode vir a se tornar uma relação de troca cultural mútua, na qual aqueles envolvidos saem enriquecidos da questão, invariavelmente, muito embora rugas e marcas ainda sejam visíveis, principalmente na personagem de Reivalino Belarmino, devido a seu comportamento arredoio.

Finalmente, o conto que prima pela quebra de barreiras, “*El extranjero*”, da argentina María Rosa Lojo, publicado em 2011, mesmo que deslocado temporalmente ao século XIX, será uma clara narrativa contemporânea, em que a desconstrução e revisão de dogmas impostos socialmente é o mote central de exploração da voz enunciativa. Neste último, o que é perceptível é como a outremização está presente em inúmeras escalas e de maneiras diferentes, bem como o fato de que entendimento do Outro pode se dar em esferas mais abstratas que a da óbvia interação pessoal entre seres humanos.

Temporalmente, de 1935 a 2011, as publicações acabam por revelar um pensamento que se abre ao estrangeiro e, por consequência, àquele que é tido como diferente pelo nicho social composto. Se em Steegmuller, não há como aceitar um outrem, a menos que seja por motivos financeiros, em Lojo a aceitação perpassa níveis metafísicos, que modificam não somente as personagens principais, como aquelas ao seu redor também.

Geograficamente, entretanto, as narrativas são reveladores de diferenças, cruciais para a compreensão de o que é a América a início do século XXI. “*The Stranger*”, de Steegmuller, apresenta muito fortemente o caráter capitalista com o qual a sociedade ocidental se firmou nos últimos séculos. Tanto é assim que nem o taxista, nem a voz enunciativa estadunidense conseguem encontrar um meio-termo no qual a malfadada relação entre ambos possa acabar pacificamente, é somente a

sugestão de benefício monetário, de uma gorjeta com uma impressão de suborno subliminar, que pode alterar o caminho de ambos para um entendimento.

Neste ponto, o que se observa na narrativa é a falta total de movimentos que objetivem a aceitação do Outro e compreensão da alteridade. Mais além, a desavença, já histórica, entre os Estados Unidos da América e a França acaba por ser novamente perpetuada, uma vez que nenhum dos lados está disposto a ceder. Como Kastoryano (2010) explica, a compreensão de que indivíduos na França são tratados, legalmente, apenas como franceses ou estrangeiros, sem qualquer preocupação com a força simbólica imposta ao segundo termo, acaba por ratificar a atitude do taxista, que, em um momento de expressão da clara xenofobia, clama que seu carro não fora feito para forasteiros. Ao final, nada terá sido verdadeiramente resolvido e a outremização não pode ser vista como efetuada, muito menos a compreensão do indivíduo como importante ao coletivo, sem as óbvias conotações negativas que lhe são imputadas constantemente.

Com vistas ao segundo texto analisado durante nossa pesquisa, a situação já se altera bastante. Em “O cavalo que bebia cerveja”, é possível enxergar como ocorre a aceitação relativa do Outro e a assimilação do estrangeiro dentro de terras sertanejas brasileiras. Reivalino Belarmino, o sertanejo arredo e marrento, e “seo” Giovânio, o imigrante italiano fugidio, passam pela clássica parábola relacionada ao estrangeiro: desconfiança, rejeição e raiva para com ele no primeiro momento; início de aceitação e corroboração de sua existência num segundo momento; e, finalmente, o entendimento do adventício, o entender do Outro e o aflorar da outridade, mesmo que ainda seja permissível enxergarmos traços reacionários nas atitudes de Belarmino.

Guimarães Rosa demonstra, com este texto de 1962, que a visão nacional acerca do símbolo do forâneo, aparentemente, era benévola e amigável. No entredito comum às narrativas rosianas, o despertar de uma relação amigável surge por meio dos nuances, ao passo que a personagem brasileira, após ter efetuado parte de compreensão e respeito para com “seo” Giovânio, envoltos ainda pela arrogância e marra do jovem brasileiro, acaba por considerar os enviados pelo consulado como estrangeiros, dado o fato de eles não pertencerem à terra sertaneja, local ao qual o italiano agora estava minimamente incorporado.

É importante observarmos que o símbolo do estrangeiro permanece nessa segunda narrativa analisada: ele ainda é digno de rechaço. A mudança se dá em como este símbolo é percebido pela personagem local, que subjetiva e torna o ideal abstrato, podendo imputá-lo a diferentes indivíduos, de acordo com sua vontade. Mais uma vez, mesmo que a perpetuação do símbolo do forasteiro ocorra, o que se nota é a falta de ambivalência deste. Ele é um símbolo múltiplo, plural, sem amarras sociais e/ou geográficas óbvias.

Em relação ao último escrito pertencente a nosso *corpus*, “*El extranjero*”, de María Rosa Lojo, percebemos como a constante análise e a progressiva pesquisa efetuadas em relação à identidade na parte hispânica da América e à revisão do passado pela ficção surgem como possíveis leituras do conto. Ao ultrapassar fronteiras diversas, tais como as geográficas, de gênero, de sexualidade, de temporalidade e, até mesmo, ao focar os pensamentos caninos em determinado momento, a narrativa preza pela desconstrução dos limites e pelo abarcar da memória coletiva de um continente que deve, aparentemente, bem analisar quem é, verdadeiramente, o estrangeiro e se esse é possível de existir.

Gabriel Iturri, o tucumano voluntariamente exilado na França no final do século XIX, sujeito que existiu de acordo com a historiografia oficializada, torna-se o meio pelo qual a memória, a fronteira e o Outro, concreto e abstrato, podem ser estudados. Ao ser visto por Marcel Proust como mais um aos olhos do estrangeiro, enquanto este analisava seu sepulcro, o Outro forasteiro caminha ao passo daquele exposto por Lévinas (1980), no sentido de tornar impossível delimitar o que seria, factualmente, um *ádvēna*. Todos, segundo a lógica do conto, somos Outros de nós mesmos, concomitantemente ao fato de estarmos cercados por estranhos a serem desvelados e, caso a relação ocorra positivamente, assimilados e compreendidos.

O pensamento hispânico, portanto, aparenta caminhar a um ponto de ruptura com relação a noções canonizadas de identidade, cultura, interação humana e história. Diferentemente do que ocorre no conto de Steegmuller, aqui a outremização ocorre quase que automaticamente e o forâneo é tornado abstrato o suficiente para já não ser visto apenas como ser social sincrônico, tal qual no caso da situação entre o taxista e o estadunidense forasteiro.

Diferentemente do texto de Guimarães Rosa, não há na narrativa de Lojo, necessariamente, um imputar de *estrangeiro* a algum outrem, após haver a

aproximação entre personagens. Há, ao final, um questionamento quase que perpétuo sobre a vida humana e como essa é permeada por relações confusas, dissonantes e, mesmo assim, belas, já que, de fato, temos uma história de afeto entre Gabriel e o conde Robert.

Deste modo, voltemos a Operé (2006, p. 193-194), quando menciona que “*en realidad, el continente americano puede ser considerado hasta principios del siglo XX, y en muchos casos lo sigue siendo, una gran frontera en constante ebullición*”<sup>91</sup>, o que demonstra como a América é, hoje, um campo aberto à outremização.

Continente multifacetado e plurívoco, as representações identitárias da América na literatura vêm demonstrando como o questionamento e o encontro, mesmo que truncados inicialmente, entre seres distintos e teoricamente opostos podem levar à construção de marcas sociais sólidas que perdurarão no imaginário social e consolidarão, teoricamente, o espaço de aceitação e entendimento do outrem, não só no continente, mas, talvez, no mundo. Trata-se de uma grande fronteira, jamais delineada, jamais terminada, expansível e retrátil de acordo com a vontade da gente que nela habita.

A pesquisa revelou, minimamente, quão ampla é a visão americana é sobre si mesma e sobre a vivência e experiência humana, ao menos na literatura. Lembremos de que “*el mundo de la imaginación es particularmente pródigo en sorpresas, en encuentros inesperados, en variaciones imprevisibles que surgen del propio material en bruto o en estado naciente*”<sup>92</sup> (ROA BASTOS, 1991, p. 19), e as produções literárias analisadas durante a pesquisa foram plenas em suas capacidades de variação e imprevisibilidade. Colocadas lado a lado, elas refletem a literatura de um continente, também, imprevisível, efervescente, em ebulição.

Finalmente,

[...] a unidade da pluralidade é a paz, e não a coerência de elementos que constitui a pluralidade. A paz não pode, pois, identificar-se com o fim dos combates por falta de combatentes, pela derrota de uns e a vitória dos outros, isto é, com os cemitérios ou os impérios universais futuros. A paz deve ser a minha paz, numa relação que parte de um eu e vai para o Outro, no desejo e na

<sup>91</sup> Nossa tradução: na verdade, o continente americano pode ser considerado até o início do século XX, e, em muitos casos, continua sendo, uma grande fronteira, em constante ebulição.

<sup>92</sup> Nossa tradução: o tema da imaginação é particularmente pródigo em surpresas, em encontros inesperados, em variações imprevisíveis que surgem do próprio material bruto ou em estado nascente.

bondade em que o eu ao mesmo tempo se mantém e existe sem egoísmo (LÉVINAS, 1980, p. 286).

O que a América revela em relação ao estrangeiro e em relação ao Outro conflui, ao menos em partes, com a perspectiva abordada por Lévinas. Durante a abordagem feita das produções literárias em questão, o que pôde ser observado é o fato de que não é possível pensarmos em outremização como um mero sinal de confluências entre estranhos. Essa não leva à alteridade porque não traz, como Lévinas propõe, paz.

Se o embate entre o taxista francês e o ádvana estadunidense tivesse continuado, dificilmente poder-se-ia pensar em um final apologético e benévolo à narrativa. Ademais, a situação em si, embora tenha terminado sem novos enfrentamentos, de modo algum instaurou a outridade e a aceitação do outrem nos indivíduos presentes na narrativa.

Já no conto de Guimarães Rosa, bem como na escrita de María Rosa Lojo, é possível identificar a unidade da pluralidade prevista pelo filósofo francês. Trata-se de seres distintos, conscientes de suas situações adversas, que partem da necessidade de interação humana e do pacto de convívio mútuo para uma relação amistosa e bem sucedida, reveladora da alteridade, da compreensão do Outro e da compreensão do forasteiro, não mais visto apenas com caracteres pejorativos.

A paz virá, e a literatura americana, em geral, vem mostrando isso, no momento em que o *eu*, em confronto com o Outro, mantiver o *mesmo* sem esfacelar esse outrem, esse alóctone. Como Kristeva (1994) propõe, somos estrangeiros de nós mesmos e essa riqueza cultural, pululante na América, deve ser continuamente investigada, a fim de fomentar a interação cultural num continente permeado pelo símbolo, gradativamente abstrato e fluído, da fronteira.

## REFERÊNCIAS

### OBRAS ANALISADAS

LOJO, María Rosa. El extranjero. In: \_\_\_\_\_. **Amores insólitos de nuestra historia**. 2. ed. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2011. p. 131-138.

ROSA, João Guimarães. O cavalo que bebia cerveja. In: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 301-320.

STEEGMULLER, Francis. The foreigner. **The New Yorker**, New York, p. 88-91, 18 de maio de 1935.

### TEXTOS TEÓRICOS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. 3. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

AHMAD, Aijaz. Jameson's rhetoric of otherness and the "national allegory". **Social text**, Durham, n. 17, p. 3-25, 1987.

ALDRIDGE, Alfred Owen. Propósito e perspectivas da literatura comparada. Trad. de Sonia Torres. In: CARVALHAL, Tânia Franco; COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 255-259.

ANDERSON, Benedict. **Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism**. London: Verso, 1991.

BATISTA, Maria Fernandina da Silva Cruz. **Hospitalidade e hostilidade no sertão: a relação do nativo com o estrangeiro em contos de Guimarães Rosa**. 2014. 85f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

BERND, Zilé. O elogio da criouldade: o conceito de hibridização a partir dos autores francófonos do Caribe. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org.) **Margens da cultura: mestiçagens, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 99-111.

BESSIÈRE, Jean. Literatura comparada e identificación de las diferencias literarias y culturales. In: CROLLA, Adriana (org.). **Lindes actuales de la literatura comparada**. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2011. p. 17-28.

BONNICI, Thomas. Alterity in Pero Vaz de Caminha's Letter on the discovery of Brazil. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 51-58, 2000.

BOSI, Alfredo (org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

COELHO, Maria Josele Bucco. A assunção da perda: memória e identidade em Arbol de Família (2010), de Maria Rosa Lojo. **Organon**, Porto Alegre, v. 29, n. 57, p. 43-59, 2014.

CORTÁZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto. In: \_\_\_\_\_. **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 147-163.

COUTINHO, Eduardo de Faria. Literatura comparada e interdisciplinaridade. In: CUNHA, João Manuel dos Santos; NEUMANN, Gerson Roberto; OURIQUE, João Luis Pereira (org.). **Literatura: crítica comparada**. Pelotas: Editora Universitária PREC/UFPEL, 2011. p. x-xx.

ESTEVES, Antonio Roberto. Transposição de gêneros e deslocamento de fronteiras: uma leitura de dois relatos históricos de María Rosa Lojo. **Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC**: Curitiba, 2011. p. 1-5.

ETIEMBLE, René. Crise da literatura comparada?. Trad. de Lúcia Sá Rebelo. In: CARVALHAL, Tânia Franco; COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 191-198.

FLECK, Gilmei Francisco. **A Conquista do “entre-lugar”**: a trajetória do romance histórico na América. *Gragoatá*, Niterói, n. 23, p. 149-167, jul./dez. 2007.

FLECK, Gilmei Francisco. **O romance, leituras da história**: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas. 2008. 333 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2008.

FLECK, Gilmei Francisco. Latino-americanidade: um conceito em construção. In: LOPES E SILVA, Marciano. **Linguagens em interação I: Literatura, história e sociedade**. Maringá: Clichetec, 2009. p. 27-51.

FLECK, Gilmei Francisco. Literatura comparada: visões teóricas e práticas desde uma perspectiva brasileira. **Línguas e Letras**, Cascavel, v. 13, n. 25, p. 389-410, 2012.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Trad. de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega Universidade, 1995.

GOTLIB, Nadia Battella. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GRILLO, Rosa Maria. El nuevo descubrimiento de América en femenino: María Rosa Lojo y las mujeres argentinas. In: GARAY FERNÁNDEZ, María Teresa González de; GALIÁN, José Díaz-Cuesta (org.). **El exilio literario de 1939, 70 años después**. Logroño: Universidad de la Rioja, 2013. p. 185-201.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Editora Positivo, 2010.

JAMESON, Fredric. Third-World literature in the era of multinational capitalism. **Social text**, Durham, n. 15, p. 65-88, 1986.

JEUNE, Simon. Literatura geral e literatura comparada. Trad. de Beatriz Resende. In: CARVALHAL, Tânia Franco; COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. . p. 219-240.

JOLLES, Andre. **Formas simples**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

KAISER, Gerhard. **Introdução à literatura comparada**. Trad. de Teresa Alegre. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

KASTORYANO, Riva. Codes of otherness. **Social research**, v. 77, n. 1, p. 79-100, 2010.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. de María Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LARSEN, Svend Erik. The tacit other: identity and otherness in two texts by Henry James. In: POLITOU-MARMARINO, Eleni; DENISSI, Sophia (ed.): **Identity and alterity in literature, 18<sup>th</sup> – 20<sup>th</sup> Century**. Atenas: Domos, 2000. p. 1-15.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Trad. de Pergentino Pivatto e outros. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Trad. de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

LOJO, María Rosa. La frontera en la narrativa argentina. **Revista hispamerica**, Logroño, n. 75, p. 125-136, 1996.

LOJO, María Rosa. **“Somos un país con muchas identidades”** (entrevista online concedida a Andrés Cáceres para Los Andes, jornal argentino, no dia 17 de abril de 2010). [online] Disponível em: <<http://archivo.losandes.com.ar/notas/2010/4/17/cultura-484429.asp>>. Arquivo acessado em 17 de dezembro de 2014.

OLIVEIRA, Aline María Magalhães de. **Estranhos no sertão: personagens estrangeiras de Guimarães Rosa**. 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

OPERÉ, Fernando. La frontera como argumento y articulación teórica en la cultura y la literatura argentina. **Brocar – Cuadernos de investigación histórica**, Logroño, n. 30, p. 193-205, 2006.

PALERMO, Zulma. ¿Por qué vincular la Literatura comparada con la Interculturalidad? In: CROLLA, Adriana (org.). **Lindes actuales de la literatura comparada**. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2011. p. 126-136.

PARK, Robert Ezra. Human migration and the marginal man. **The American Journal of Sociology**, Chicago, v. 33, n 6, p. 881-893, 1928.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Trad. de José Marcos Maríani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

POE, Edgar Allan. Twice-told tales. In: \_\_\_\_\_. **Essays and reviews**. New York City: Library of America, 1984. p. 568-588.

PROPP, Vladimir Yakovlevich. **Morfologia do conto maravilhoso**. Trad. de Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

REZENDE, Rosana Gondim. A teoria do conto de Edgar Allan Poe e Ricardo Piglia na análise de “A Caçada”, de Lygia Fagundes Telles. **Revista Alpha**, Patos de Minas, v. 10, p. 208-219, 2009.

ROA BASTOS, Augusto. La escritura secreta de las tachaduras. In: RAMOND, Michèle (org.). **Les figures de l'autre**. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1991. p. 17-26.

RODRIGUES, Tieguê Vieira. **A categoria da alteridade: uma análise da obra *Totalidade e infinito*, de Emmanuel Levinas**. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ROLIM, Anderson Teixeira. A amizade sob os encobrimentos: análise de “O cavalo que bebia cerveja”, de João Guimarães Rosa. **Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC**: Curitiba, p. 1-7, 2011.

SAHLINS, Marshall. Alterity and autochthony: austronesian cosmographies of the marvelous. The 2008 Raymond Firth lecture. **Hau: journal of ethnographic theory**, v. 2, n. 1, p. 131-160, 2012.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHUETZ, Alfred. The stranger: an essay in social psychology. **The American Journal of Sociology**, Chicago, v. 49, n. 6, p. 499-507, 1944.

SIMMEL, Georg. **On individuality and social forms**. Chicago: Chicago Free Press, 1971.

SIMMEL, Georg. **The sociology of Georg Simmel**. New York: Free Press, 1950.

SOBRINHO, João Batista Santiago. **A embriaguez como força plástica da escritura**: tramas além do bem e do mal entre João Guimarães Rosa e Nietzsche. 2007. 248f. Tese (Doutorado em Letras). Belo Horizonte, UFMG, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Trad. de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

TROUCHE, André. **América**: história e ficção. Niterói: EDUFF, 2006.

VARGAS LLOSA, Mario. **Dicionário amoroso da América Latina**. Trad. de Wladir Dupont e Hortencia Lencastre. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WEINHARDT, Marilene. Outros palimpsestos: ficção e história – 2001-2010. In: CUNHA, João Manuel dos Santos; NEUMANN, Gerson Roberto; OURIQUE, João Luis Pereira (org.). **Literatura**: crítica comparada. Pelotas: Editora Universitária PREC/UFPEL, 2011. p. 31-56.

WEISZFLOG, Walter. **Michaelis**: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2004.

ZAMORA, Lois Parkinson. The usable past: the idea of history in modern U.S. and Latin American fiction. In: PÉREZ FIRMAT, Gustavo (ed.). **Do the Americas have a Common Literature?** USA: Duke University Press, 1990. p. 7-41.